

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

ROSANE HART

ALCIDES BUSS: POMAR DE POSSIBILIDADES

Florianópolis
2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

ROSANE HART

ALCIDES BUSS: POMAR DE POSSIBILIDADES

Florianópolis
2008

ROSANE HART

ALCIDES BUSS: POMAR DE POSSIBILIDADES

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Literatura. Área de concentração em Literatura Brasileira na sua forma final pelo curso de Pós-graduação em Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Professor Doutor Lauro Junkes

Florianópolis

2008

ROSANE HART

Substituir pela folha do dia da defesa

ALCIDES BUSS: POMAR DE POSSIBILIDADES

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Literatura. Área de concentração em Literatura Brasileira na sua forma final pelo curso de Pós-graduação em Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina.

Data de aprovação:

Prof^a Orientadora Dr. Lauro Junkes
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a Msc
Universidade

Prof^a
Universidade

Florianópolis

2008

A minha família:

Meu filho pela espera;

Meu esposo pela compreensão;

Minha mãe pelas palavras encorajadoras;

Meus irmãos pelo apoio.

A todas as pessoas que caminharam comigo:

colegas de trabalho, colegas de curso,

principalmente aos professores.

Prof. Lauro – um sonho.

AGRADECIMENTOS

Ao poder superior pela vida e presença de espírito

À família pelo esforço conjunto

e a todos aqueles que de alguma maneira

contribuíram durante esta jornada.

*“Há homens que lutam um dia e são bons.
Há outros que lutam um ano e são melhores.
Há os que lutam muitos anos e são muito bons.
Porém, há os que lutam toda a vida.
Esses são os imprescindíveis”.*

Bertolt Brecht

RESUMO

Com o intuito de auxiliar o professor no ensino da Literatura, desenvolveu-se um cederrom literário **“Alcides Buss: Pomar de Possibilidades”** que abrange os mais de 30 anos de produção artística do poeta catarinense Alcides Buss. Este “pomar” permite a formação de uma dinâmica alternativa no processo ensino-aprendizagem de Literatura, no qual a tecnologia interage com a produção do conhecimento. Usando o computador como ferramenta disseminadora, possibilita-se transmitir a um público diverso, em variadas localidades, o valor da poesia e do poeta catarinense.

Palavras-chave: Alcides Buss - literatura – poesia – cederrom – ensino

ABSTRACT

Intending to help the educator at the Literature teaching, was developed a compact disc “**Alcides Buss: Possibilities Orchard**” that include all the collection of more than thirty years of artistic production from the poet Alcides Buss. This “orchard” permits the formation of an alternative dynamic in Literature teaching teaching-and-learning, in that the technology interacts with the knowledge production. Using the computer has a disseminator tool, becomes possible to transmit to a diverse public, in many places, the value of the *catarinense* author’s poetry.

Key-words: Alcides Buss - literature – poetry – compact disc – teaching

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. TECNOLOGIA E ENSINO	15
3. LITERATURA, ENSINO E TECNOLOGIA	20
4. CAMINHOS DO POETA E DA POESIA	39
5. LITERATURA PRODUZIDA EM SANTA CATARINA	42
6. ORGANIZAÇÃO DO CEDERROM LITERÁRIO	47
7. APLICAÇÃO DO PROJETO CEDERROM LITERÁRIO “ALCIDES BUSS: POMAR DE POSSIBILIDADES”	163
8. CONCLUSÃO	174
9. BIBLIOGRAFIA	177

1. INTRODUÇÃO

"Não há objeto puramente atual.

Todo atual rodeia-se de uma névoa de imagens virtuais."

Gilles Deleuze

A organização da sociedade hoje é, por alguns, denominada *sociedade tecnológica*¹, o que exige de nós conhecermos e dominarmos as diferentes mídias, utilizando-as em nosso benefício. Portanto, a utilização desses recursos, além de alcançar quase todas as áreas, facilitou a propagação de informações e acrescentou um instrumento à prática literária: o computador. O uso deste equipamento não se restringe somente como auxiliar na digitação de textos, mas como apoio à produção de uma literatura que se utiliza de programas para embasar o processo de criação literária, ou no caso deste trabalho, apresentar o artista e sua obra para um público formado por alunos do Ensino Básico que, com o auxílio do computador e de um cederrom, terão acesso a diversas possibilidades de leitura proporcionadas pelo hipertexto, ou pela leitura multifacetada, na qual o leitor define a ordem do texto ao priorizar essa forma de apresentação, percebemos que a leitura de um livro de poesias assemelha-se a um hipertexto – pois em ambos há a liberdade da leitura aleatória, sem prender-se a padrões ou seqüências pré-estabelecidas (a não ser as estabelecidas pelo próprio autor) para a leitura e conseqüentemente o entendimento.

A liberdade do leitor e, conseqüentemente da leitura, também é uma característica utilizada na formatação do trabalho, pois a dissertação apresenta-se como hipertexto, dividida em cinco capítulos, que poderão ser lidos sem seguir a ordem cronológica apresentada no trabalho, já que cada capítulo é formado por textos independentes que, no entanto, mantêm uma característica principal em comum: a preocupação com a Literatura. Ressaltando que, independentemente do capítulo escolhido pelo leitor, os quatro primeiros capítulos dão suporte à produção do cederrom, textos estes que partem da:

1) Relação entre tecnologia e ensino;

¹ O termo *sociedade tecnológica* será utilizado para designar a sociedade contemporânea na qual o termo *tecnológica* está diretamente associado ao advento do computador.

- 2) Literatura, tecnologia e ensino;
- 3) Poesia;
- 4) Literatura em Santa Catarina

E por, fim o último, capítulo (quinto) englobará a apresentação do cederrom sobre o/a poeta/obra Alcides Buss.

Tal qual no cederrom, na dissertação há também a preocupação em propiciar ao leitor certa liberdade em escolher a ordem da leitura, permitindo, assim, que ele navegue entre os capítulos como também se faz com o livro de poesias que, só ao folhearmos, já somos chamados à leitura.

Dessa forma, a apresentação de alguns conceitos formulados sobre Literatura e Poesia, ao longo da história serão imprescindíveis para que entendamos as características que fundamentam a experimentação literária efetuada pelo poeta Alcides Buss. Então a elaboração de um projeto para a produção de um cederrom literário de um poeta catarinense objetiva mostrar toda a potencialidade de sua poesia, bem como a relevância de seu trabalho como um dos mais importantes integrantes do grupo literário do estado e também fora dele.

Portanto, ao permitir um consórcio entre literatura e tecnologia, utilizando a obra de um poeta defensor ferrenho dos livros, não estamos nos contradizendo, mas permitindo sim que essa união promova uma propagação da obra literária produzida no estado para um público que, muitas vezes, não é apresentado à Literatura, pois o ensino nessa fase escolar, quase sempre, prioriza a gramática. Deste modo, além de promover o conhecimento da obra do artista e colocá-lo em veiculação, há ainda a preocupação com um leitor – na sua grande maioria – escravo do tempo², ávido por informação, mas que prima pela praticidade. Essa praticidade, em nenhum momento, será a redução da obra, mas uma forma diferenciada de apresentação, com a utilização de uma nova tecnologia, na qual o leitor é quem estabelecerá o roteiro de leitura. Portanto, uma das preocupações será justamente que o leitor detenha a opção de construir um curso para sua leitura, tenha liberdade para estabelecer prioridades e seqüência das informações, desvele um novo olhar sobre o objeto-texto.

² A escravidão a que nós referimos não é do tempo dionisíaco – prazeroso -, mas do tempo cronológico – que oprime e angustia.

A preocupação não será somente com essa praticidade dada ao usuário do computador, mas também com a “valoração” dada à Literatura produzida no território catarinense, como forma de expressão de um grupo “menor”, mas de modo algum inferior a outro. Pelo contrário, mostrar aos leitores que temos uma poesia consistente no Estado (além de Cruz e Sousa, Luís Delfino e outros) como é o caso do poeta Alcides Buss, que há mais de três décadas tem produzido poesia em mais de vinte livros lançados, conhecido e apreciado em outros estados e até internacionalmente, mas, muitas vezes, pouco “reconhecido” como par pelos próprios catarinenses. Apresentar a obra de Alcides Buss em um cederrom é mostrar que mesmo sendo uma “literatura menor” (não no sentido de valor, mas por tratar-se de um grupo menor), poderá destacar-se por, quebrar parâmetros e utilizar a tecnologia para alcançar o espaço a ela reservado de, primeiro, ser conhecida pelos próprios catarinenses (aquele que vive ou nasceu entre as fronteiras de nosso estado), principalmente estudantes do ensino básico que, apesar da garantia dada pela Proposta Curricular de Santa Catarina³ que salienta a necessidade do ensino da Literatura, primeiramente a produzida em nosso estado. Contudo, isso não é garantia de que realmente seja efetivada, devido a diversos entraves.

Dessa forma, a construção do cederrom atingirá diretamente essa parcela de estudantes do ensino básico, que terão acesso a uma ferramenta de apoio para conhecer e interagir com a obra do poeta Alcides Buss. Esse cederrom visa facilitar o acesso à Literatura, priorizando a Literatura Catarinense, pois a mesma é tão marginalizada durante esse período em que o aluno permanece no ensino básico. A culpa não pode ser aplicada somente aos professores que, ao ministrarem suas aulas, por vezes, acabam deixando de lado a Literatura Catarinense. Contudo, se analisarmos o porquê disso, poderíamos justificar inicialmente com a graduação, pois muitos cursos sequer oferecem a disciplina em seu currículo; então já há uma lacuna na formação do profissional e, quando esse profissional chega a escola, muitas vezes, não encontra bibliografia adequada. Mesmo que o profissional priorize o ensino da Literatura, há muitos impecilhos para desenvolver seu trabalho; portanto, este material seria uma das maneiras para facilitar o acesso às informações, já que muitas

³ É importante salientar que a Proposta Curricular de Santa Catarina de 1998 (p. 51-52) contempla o ensino da Literatura Catarinense mesmo que de forma superficial, no entanto, a edição revista da mesma Proposta Curricular (2005) sequer menciona a Literatura Catarinense. Ressaltamos contudo que a lei nº 8.759 (julho/1992), regulamentada em 1996 obriga o Estado a adquirir e distribuir às bibliotecas públicas municipais, anualmente, 22 livros publicados por autores de Santa Catarina, mas sequer faz menção às escolas.

escolas possuem laboratórios de informática e o computador torna-se, mais e mais, objeto comum nos lares.

Apesar de ainda uma pequena parcela da crítica reconhecer o valor da produção literária de nosso estado como Literatura, há fortes indícios de que esta parcela aumente. Mas para que ocorra essa valorização e, quem sabe, uma posterior criação ou transformação da consciência literária, é preciso que se desenvolva um processo mutacional da visão pré-existente do que é um poeta catarinense e, com a utilização de meios eletrônicos para a apresentação-divulgação deste fazer literário, posteriormente, poder maturar uma identidade catarinense, através de gerações tecnologicamente mais ativas e mais acostumadas com a veiculação desta Literatura.

2. TECNOLOGIA E ENSINO

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.

Paulo Freire

O surgimento de novas tecnologias vem gerando um novo modelo de desenvolvimento humano – *a sociedade tecnológica* – mas, para que a tecnologia seja realmente um processo democrático, é necessário o domínio das técnicas pela maioria das pessoas. Nesse momento entra em cena o papel da escola, cuja função é orientar o aluno acerca de ser sujeito da tecnologia. Do contrário, a tecnologia se tornará nociva e iniciar-se-á um processo de marginalização do ser humano, pois esta só resolverá os problemas do mundo se for utilizada a serviço do bem-estar da própria humanidade.

As transições ocorridas entre oralidade e escrita e, posteriormente escrita e lógica, fizeram com que a sociedade evoluísse de forma assombrosa; mas a ‘era tecnológica’ também é responsável por um processo de padronização do ser humano, já que somos forçados a assimilar esse padrão para não sermos excluídos, isso tanto é verdade que temos o termo analfabeto tecnológico⁴, que já virou chavão. No entanto, o que se percebe é que a função da escola vem sofrendo alterações nos últimos tempos, alterações estas não só em sua estrutura, mas também com seu público, seus conceitos e teorias utilizadas. Todos estes aspectos recebem influências diretas do momento econômico, político e social. Percebemos isso claramente quando, há alguns anos, houve a “criação” da escola tecnicista, cuja função era qualificar técnicos, ou melhor, garantir ao mercado mão-de-obra qualificada. Hoje, o ensino vive o dualismo de ensinar para a vida ou para o vestibular. Enquanto o ensino vive esse momento de transição, os estudantes vivem em um momento de excesso de informações (nem sempre de qualidade), oferecido pelos recursos tecnológicos variados e pela facilidade de obtenção das mesmas. Portanto, a escola não pode (nem deve) excluir esses recursos tecnológicos de seu currículo, mas sim usá-los em favor do processo educacional, a que se

⁴ SERPA, Carlos Alberto. *O perigo de um novo analfabetismo: o tecnológico*. Folha dirigida, 2001. Disponível em: < <http://www.folhadirigida.com.br/professor/Cad05/EntSerpa.html>>. Acesso em: 14 de nov. de 2006.

propõe, refletindo sobre a prática escolar e, ao mesmo tempo, percebendo que há uma grande preocupação que idéias humanitárias de justiça social e de igualdade estejam fundamentando o uso da tecnologia no mundo, facilitando a vida das pessoas. No entanto, atualmente esses recursos passaram a ocupar lugar de destaque, tendo como conseqüências, em muitos casos, a discriminação e a exclusão. Percebe-se nesse momento a necessidade de formar um cidadão ativo, que pense e que usufrua a tecnologia, que tem relação direta com o conhecimento e a informação; portanto, a intervenção da escola na formação de um homem capaz de conviver e “sobreviver” aos avanços tecnológicos é fundamental. Por isso, a formação dos profissionais (conscientes) em educação é imprescindível para desestabilizar esse processo de massificação provocado pela tecnologia.

Quanto ao uso dos recursos tecnológicos, encontramos diversos fatores que justificam o desuso, tais como: falta de profissional capacitado para dar suporte, principalmente aos professores, falta de direcionamento para atividades pedagógicas, alto valor de programas educacionais, que, não bastasse o custo elevado, ainda há poucas opções disponíveis no mercado; mas, principalmente, professores que não dominam os recursos tecnológicos disponíveis e, por fim, a tecnofobia⁵.

O paradoxo educacional é a supremacia do corpo discente sobre os docentes no que se refere ao manejo das novas tecnologias. Acuados, os professores enquadram as novas técnicas "inimigas" em antigos métodos educacionais como forma de restabelecer o controle do quadro educativo e manter a função histórica das instituições de ensino: este é o principal problema da entrada do computador nas escolas. Sobreposto aos demais problemas do quadro educacional - no caso específico o brasileiro - gera uma distância muito grande entre a contemporaneidade e a educação moderna ainda praticada nas escolas⁶.

Quanto aos alunos, percebemos que alguns já trazem de casa este conhecimento das tecnologias, o que, muitas vezes, assusta o professor, por imaginar que está perdendo seu espaço, mas isto não é verdade. Temos que ter ciência das diferentes formas de conhecimentos e utilizá-los para nos auxiliar e não reprimi-los como forma de dominação.

⁵ Termo utilizado para designar pessoas que sentem aversão ou dificuldades em adequar-se ao uso de tecnologias e que, conseqüentemente acreditam que o uso das mesmas está desumanizando as pessoas, diferentemente da tecnofilia que representa o indivíduo que vê perspectivas positivas no uso destas mesmas tecnologias.

⁶ BRAGA, Clarissa, PINHO, Lídia. Artigo: *Ivo viu a uva via Internet*. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/hipertexto/educa.html>>. Acesso em: 08 de fev. de 2005.

O ritmo acelerado da *revolução tecnológica* propiciou mudanças rápidas e bruscas em todos os setores da sociedade, quebrou paradigmas e pôs por terra verdades que até então eram tidas como absolutas. Portanto, tão rápida quanto a tecnologia avança, também a pluralidade cultural segue idêntica velocidade. Temos, então, uma sociedade que muda constantemente, devido ao uso das tecnologias, mudanças estas que afetam o comportamento, os hábitos e as necessidades, fazendo emergir o fenômeno da globalização econômica e cultural.

Para acelerar ainda mais o processo de difusão de idéias, o uso da linguagem visual foi determinante, pois se funda na imagem, que é uma das formas mais rápidas de comunicação, desencadeando um processamento rápido de múltiplas informações. Mudança é a palavra de ordem da sociedade atual, mas essa mudança que, em termos tecnológicos, é rápida e visível, na educação é lenta e quase imperceptível. No entanto, a passagem de uma educação passiva a uma que se utiliza da tecnologia é percebida pela forma como os recursos são utilizados, pois

as tecnologias de informação e comunicação foram inicialmente introduzidas na educação para informatizar as atividades administrativas, visando agilizar o controle e a gestão técnica, principalmente no que se refere à oferta e à demanda de vagas e à vida escolar do aluno. Posteriormente, as TIC (Tecnologia da Informação e Comunicação) começaram a adentrar no ensino e na aprendizagem sem uma real integração às atividades de sala de aula, mas como atividades adicionais⁷.

No entanto, há projetos (softwares) que procuram promover essa integração entre conteúdo e tecnologia, ou seja, dar suporte ao processo de ensino-aprendizagem. Contudo é necessário, primeiramente, que o professor domine essa tecnologia, para que possa fazer uma análise minuciosa dessa ferramenta e de sua aplicabilidade dentro de seu planejamento, criando objetivos para a aula, planejando-a e organizando-a de forma que os alunos percebam que aquilo que estão fazendo possui um significado dentro do contexto do conteúdo estudado. Quando a aula possui um objetivo específico, o uso de tecnologias poderá desenvolver novos horizontes nos alunos, ampliando sua criatividade e conseqüentemente sua criticidade. Mas é importante que a prática valorize a cultura e a cidadania; portanto, o assunto a ser transmitido ao aluno com uma ferramenta de auxílio (o uso da tecnologia) precisa ter sentido ao mesmo.

⁷ ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/te/tetxt1.htm>>. Acesso em: 07 de fev. de 2005.

A preocupação do professor, quanto às tecnologias, não deve se restringir apenas à sala de aula, já que os alunos são diariamente expostos a uma “enxurrada” de informações que influenciam no seu modo de vida. Estar atento a elas fará com que entendamos melhor a realidade: a banalização da violência, do consumismo exacerbado, da reprodução de ideologias, conceitos, preconceitos, do desinteresse pela leitura devido à facilidade de se obterem informações através de recursos audio-visuais, em suma, a essa rapidez de informações que recebemos diariamente, muitas vezes sem opção de escolha.

Quando o professor se apropria dos discursos das diferentes mídias e os trabalha comunicacionalmente em sua prática pedagógica, possibilita uma rede, uma teia entre e sobre o mundo real e a escola. Dessa forma, a comunicação escolar entre alunos e professores, levando em conta o conhecimento do mundo e a diversidade cultural, dinamiza-se e a educação se enriquece, tornando-se fator determinante para uma mudança educacional mais efetiva e eficaz⁸.

É necessário considerar, ainda, o fato de muitos professores desconhecerem os resultados do uso das tecnologias e algumas vezes, de suas desastrosas conseqüências para o ensino. Imaginar, hoje, um ensino sem adequá-lo à modernidade é estar muito atrasado no tempo e na história. Nesse contexto, torna-se óbvia a necessidade de cada professor buscar e possuir conhecimentos diversos, mas principalmente os recursos tecnológicos que podem ser utilizados na área de sua atuação. É imprescindível que este esteja em constante formação para o seu crescimento pessoal e profissional, para que seu trabalho seja seguro e comprometido com a aprendizagem dos seus alunos. Paulo Freire⁹, em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, fala da docência e de como a discência deve ser considerada para que a ação seja necessária e eficaz. Considerando ensinar como um verbo transitivo relativo, inexistente sem o aprender, traça um paralelo entre o educador bancário e o professor problematizador. Postula que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar condições e possibilidades para a sua produção e sua construção e que o papel do professor é reforçar a capacidade crítica, a curiosidade e a insubmissão do educando, para que este se transforme em um ser histórico-social pensante, comunicante, transformador e com capacidade de, com indignação, humildade, amor, dialogicidade e bom senso, interagir com o mundo para melhor conhecê-lo

⁸ MATTELART, Armand. *Comunicação e Educação*. São Paulo: Ed. Segmento, p. 20.

⁹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 15. ed. São Paulo : Paz e Terra, 2000.

Mais informações sobre Paulo Freire e sua obra disponível em: < http://www.paulofreire.org/pf_.htm>. Acesso em fev. de 2007.

e viver em harmonia. É preciso que o educador seja criativo, curioso, conhecedor e que respeite e parta da realidade concreta dos alunos, procurando sempre estabelecer a interrelação existente entre os saberes curriculares e a experiência social dos educandos. Um professor precisa ter o domínio não só da palavra, mas também dos recursos tecnológicos, como apoio no processo de construção do conhecimento.

Segundo Bakhtin¹⁰, a palavra é um signo ideológico por excelência e registra as menores variações sociais, ou seja, serve como um indicador de mudanças. Para ele todo signo é ideológico, podendo se apresentar também como gestos, sinais e expressões das mais diversas formas. É preciso que se entenda o domínio ideológico do conhecimento muito utilizado pelos meios de comunicação que é a associação de palavras, imagens e sons. Portanto, é primordial que analisemos criticamente as formas em que as diferentes linguagens (oral, auditiva e visual) estão sendo utilizadas pelos meios de comunicação de massa e como estas informações são conduzidas nas famílias e, particularmente, nas escolas. Os métodos tradicionais são práticas que precisam ser revistos. É preciso que trabalhemos o ensino sob outra ótica, ótica essa que considere o verdadeiro valor da linguagem e o verdadeiro valor da tecnologia para seus usuários. As diferentes linguagens são entendidas como toda e qualquer forma de comunicação, são frutos da adaptação pessoal, social e da idéia, daí que constituem uma experiência sócio-cultural. São elas determinantes fundamentais da vida humana, sem o social as diferentes linguagens não existem.

¹⁰ BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8. Ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1995, p. 95.

3. LITERATURA, ENSINO E TECNOLOGIA

*“Do papiro
ao pergaminho
ao papel
ao” ...*
Alcides Buss

O conceito do que é Literatura já foi e continua sendo amplamente discutido e, mesmo assim, responder essa pergunta é incorrer no risco de errar ou, simplesmente, não responder. Essa pergunta já teve muitas respostas, desde seu surgimento na Grécia antiga, até os dias de hoje. Inicialmente era concebida como a imitação da vida e inspiração divina; passou a ser o conjunto da obra humana escrita; conjunto de obras literárias; expressão de sentimentos e sensações e muitas outras definições. Podemos dizer ainda, como o poeta norte-americano Ezra Pound¹¹, que a literatura, a "Grande Literatura" é simplesmente a linguagem carregada de significados até o máximo grau possível.

Percebe-se, portanto, que a associação entre literatura e linguagem é extremamente necessária para que compreendamos a obra do poeta Alcides Buss, que utiliza a linguagem para a expressão de sua obra, como fica claramente expressa na poesia Restos

*“agora é tarde /- já esvaziaram / a tua palavra.
Beberam a tua / saúde e comeram / o teu labutar!
Só resta o caminho, / vedado, de re- / aprender a pensar.”*

Segundo Buss¹², o leitor também precisa ser poeta e mestre na linguagem, pois, em vista dessa natureza diferenciada, a comunicação poética tem suas peculiaridades. Já que o leitor de poesia é uma espécie de co-autor que reconstrói o poema em si, como se fosse um jogo de armar. E de alguma forma o leitor também é reconstruído pelo poema. Uma arte tão simples, mas tão complicada, portanto avessa à massificação.

¹¹ POUND, Ezra. *ABC da Literatura*. São Paulo: Editora Pensamento-cultrix, 1987.

_____ *A arte da Poesia: ensaios escolhidos [por] Ezra Pound*. Tradução de Heloysa Lima Dantas e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1976.

¹² BUSS, Alcides. *Contemplação do amor: 20 anos de poesia escolhida*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1990, p.18.

Considerando, portanto, que o leitor é também co-autor da poesia, caberiam aqui os questionamentos de Sartre: o que é escrever; por que escrever e para quem escrever?¹³

O que é escrever? Sartre considera que escrever é uma ação de desnudamento. O escritor se revela ao escrever, revela o mundo e, em especial o Homem, aos outros homens, para que estes tomem, em face ao objetivo assim revelado, consciência de sua inteira responsabilidade. Não basta ao escritor ter escrito certas coisas, é preciso ter escolhido escrevê-las de modo determinado, expondo seu mundo, ter se engajado inteiramente em suas obras, obras estas com elementos estéticos e de criação literária.

Por que escrever? O homem que escreve tem a consciência de revelar as coisas, os acontecimentos; de constituir o meio através do qual os fatos se manifestam e adquirem o significado. Mesmo sabendo que, como escritor, pode detectar a realidade, não pode produzi-la; sem a sua presença, a realidade continuará existindo. Ao escrever, o escritor transfere para a obra “uma certa realidade”, tornando-se essencial a ela, que não existiria sem seu ato criador.

Para quem escrever? Ao escrever, o escritor, deve fazer um pacto com o leitor, que ele colabore em transformar o mundo, ou seja, a sua realidade. O escritor se dirige à liberdade de seus leitores. A Literatura é a experiência do escritor em criar uma realidade, que pode ser mostrada no mundo real e alterar as bases desse mundo.

No entanto, há ainda outra pergunta que, cronologicamente, antecederia as questões já citadas: Por que ler? Ler é fundamental. É pela leitura que testamos os nossos próprios valores e nossas crenças. Crescemos com novas experiências, novas tecnologias, internalizamos novas idéias, novos tipos humanos, pois, ao conhecermos melhor o mundo, também permitimos nosso auto-conhecimento e, consecutivamente, nossa superação. Além de que, será somente através da leitura que o texto viverá, pois é o leitor quem tem o poder de fazer o texto viver, de apropriar-se dele e transformá-lo em algo vivo e latente.

Contudo, é necessário que percebamos que há inter-relação entre autor e leitor, ambos permeados pela linguagem, pois o escritor cria previamente a obra em seu imaginário

¹³ SARTRE, Jean-Paul. *Que é a Literatura*. São Paulo: Editora Ática, 1989, p. 09-55.

até convertê-la em linguagem, linguagem esta que é internalizada e transformada pelo leitor, desse modo

“os universos puramente imaginários que a literatura cria liberam o leitor do peso da realidade, mesmo quando a denunciam, iluminam ou ampliam suas barreiras. (...) Assim, ler um texto literário é tornar-se co-criador, propiciando a livre expansão do eu, que as amarras do cotidiano costumam tolher pela rotina e pela coisificação que as atividades produtivas, em sistemas econômicos desumanos, acarretam”¹⁴.

Portanto, essa leitura transformadora também pode ser considerada como ato criador, pois se opõe à leitura passiva e dá novo significado à obra do autor, já que adquire as experiências do outro com suas próprias inferências de/sobre a obra, tornando-a um novo objeto. Essa diferenciação entre leitura superficial e aprofundada também pode ser comparada à leitura linear ou não-linear de um texto em que mesmo a leitura linear nos remete a uma compreensão da mensagem, pois nosso pensamento não estabelece uma seqüência linear, já que a leitura é permeada por inferências da vivência de cada indivíduo, sentimentos, divagações, previsão ou antecipação da seqüência textual, ou seja, criamos uma rede de significações que acoplamos ao que lemos ou vice-versa. Portanto, mesmo com uma seqüência pré-estabelecida pelo texto, o pensamento não segue essa cronologia proposta pela obra e, nesse aspecto, assemelha-se ao hipertexto definido por Levy¹⁵ como sendo um conjunto de nós conectado por ligações, desta forma a leitura permanece com alguns elementos que servem de estrutura para estabelecer novas ligações.

Atualmente, temos que entender a leitura sob uma ótica mais ampla, não apenas a decodificação de um sistema lingüístico, mas de dar sentido às palavras imersas em outras realidades, ou seja, toda a forma de códigos somados às palavras a que somos expostos, principalmente se associarmos a leitura aos ambientes virtuais que, muitas vezes, apresentam não só os signos, mas hipertextos, imagens, símbolos, ou seja, vários outros caracteres e/ou formas que podem atribuir ou contribuir com o significado (ou dar outro significado) à palavra. Se relacionarmos a leitura de informações contidos em um cederrom teremos um leitura diferenciada, seguindo uma ordem pré-estabelecida, não com números de páginas, mas com hipertextos estruturados de modo lógico e previsíveis, organizados em menus através dos

¹⁴ BAMBERGER, *Como incentivar o hábito de leitura*. São Paulo: Cultrix, 1977, p 8-9.

¹⁵ LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência, o futuro do pensamento na era da informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro, Editora 34, 2000, P. 28-30.

quais o leitor navegará e adentrará a novas informações, podendo avançar ou retornar de forma organizada. Essa leitura fragmentada, mas ao mesmo tempo com um fio condutor, permite ao leitor criar sua própria seqüência textual, que objetiva levá-lo a conhecer a obra do poeta Alcides Buss: da biografia à crítica, percebendo que, mesmo sob a forma de cederrom, a literatura continua a viagem do devir no leitor. O poeta, utilizando a idéia de Mallarmé, explica que o poema não se faz com idéias, mas com palavras, salienta ainda que

“no poema, o significante e o significado se identificam a tal ponto, que se confundem. Entrecruzam-se aí sutilezas inumeráveis como sonoridades, tensões, traços e a fantasia articulatória dos sons. Os sons que formam as palavras atravessam os corredores do corpo”¹⁶.

Para Derrida¹⁷ a Literatura é aquele espaço onde é permitido dizer todas as coisas e, se levarmos em consideração que o material da literatura é como utilizar as palavras, a Literatura quebra suas próprias barreiras, atravessando corpos, rompendo com as regras gramaticais, que são esquecidas, deslocadas, reinventadas, pois o interesse maior é a superação, é a criação. A constituição literária é frágil, pois não apresenta um objeto fixo; portanto a literatura começa no seu fim, imaginando algo que nunca existiu.

A literatura é tão antiga quanto a própria humanidade. Nas tribos primitivas os filhos aprendiam com os pais a ouvir a história de seus antepassados e, no decorrer da história da humanidade, a literatura foi adquirindo novos conceitos, novas formas e cada vez maior importância. Passamos da literatura oral para a literatura escrita e, mais contemporaneamente, à literatura digital. Esta última ainda não é valorada por alguns, por outros considerada piegas e, para uma grande maioria, desconhecida. No entanto, a literatura digital (ou somente apresentada em meio digital) contribui e muito para a disseminação da literatura, devido à facilidade promovida pelas tecnologias atuais, principalmente a facilidade de acesso e, conseqüentemente, a otimização do tempo que, com o uso desses recursos, provocam nos usuários a sensação de rapidez, facilidade e comodidade, pois os recursos estão próximos.

Em contrapartida, a facilidade de acesso à literatura via tecnologia está na utilização desses recursos no ensino de literatura. Mas, ao caminharmos pelo campo da pedagogia, poderemos descrever que tanto a literatura como a aprendizagem trilham o mesmo

¹⁶ Buss, Alcides. *Contemplação do amor: 20 anos de poesia escolhida*/ Alcides Buss; texto introdutório e final de Lauro Junkes. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1990, p. 18.

¹⁷ DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Coleção Debates. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

caminho, ambas podem ser consideradas como sendo “um processo de aquisição e assimilação, mais ou menos consciente, de novos padrões e novas formas de perceber, ser, pensar e agir”¹⁸. E esses novos padrões podem estar relacionados à tecnologia e ao seu uso, consciente ou não. Nessa nova maneira de interagir com as coisas, percebe-se claramente o desmoronamento de valores e, conseqüentemente, o surgimento de outros adaptados à nova forma de viver ou sobreviver, aliando-se à tecnologia ou sendo excluído por ela. Portanto, repensar o ensino da literatura é fundamental para que recuperemos seu lugar, não de texto de apoio para estudar gramática, mas de objeto que promova o devir do sujeito enquanto leitor e apreciador do texto literário.

No entanto, não podemos ser ingênuos e acreditar que todos os professores de Língua Portuguesa dão enfoque à Literatura ou fazem uso da tecnologia de maneira consciente. Não podemos esquecer a realidade educacional brasileira que, segundo o senso do INEP¹⁹ de 2003, mais da metade dos 183.310 professores de Língua Portuguesa²⁰ do país não são habilitados na disciplina. Portanto, se adicionarmos esse dado à deficiência dos cursos de Licenciatura, à preferência dos professores em trabalhar no Ensino Médio, à facilidade de ensinar gramática, perceberemos que o enfoque dado à Literatura no Ensino Básico – normalmente como texto de apoio para o ensino da gramática –, é quase insignificante e, ainda, se considerarmos o enfoque dado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais à *especificidade do texto literário*²¹, no qual a literatura seria uma coadjuvante ao ensino da língua, não negando a existência do texto literário, pois ele *constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética*. Salienta ainda que como representação é *um modo particular de dar forma às experiências humanas*, ultrapassá-las e criar novos mundos, defende a autonomia da literatura com relação à linguagem e à formalização (ou formatação) do texto. *Tudo pode tornar-se*

¹⁸ PILETTI, Claudino. *Didática geral*. 7.ed. São Paulo: Ática, 1986, p. 31

¹⁹ INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC), cuja missão é promover estudos, pesquisas e avaliações sobre o Sistema Educacional Brasileiro com o objetivo de subsidiar a formulação e implementação de políticas públicas para a área educacional a partir de parâmetros de qualidade e equidade, bem como produzir informações claras e confiáveis aos gestores, pesquisadores, educadores e público em geral. Disponível em: <www.inep.gov.br>. Acesso em 15 de março de 2007.

²⁰ Total de professores de Língua Portuguesa no Brasil 183.310, desses 40.352 são habilitados em Letras/Português, 42.853 em Letras Português/Inglês, 21.530 em Pedagogia/Ciências da Educação, 9.406 em outros cursos, 34.564 não informaram e 34.605 sem habilitação.

²¹ Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. . Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 26-27.

fonte virtual de sentidos, mesmo o espaço gráfico e signos não-verbais, como em algumas manifestações da poesia contemporânea. Todavia, não descarta que

“O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias”²².

Sabe-se que é prática corriqueira utilizar o texto literário como pré-texto, dissecá-lo para o ensino da gramática, não considerando a autoria, a essência e o prazer do texto, não aproveitando todas as possibilidades que só a Literatura nos permite. Dessa forma, inverte-se o percurso da aprendizagem, tornando a preocupação com as regras maior do que com a leitura, esquecendo-se que, se o aluno²³ for um bom leitor, conseqüentemente terá o domínio da linguagem e conseqüentemente já terá assimilado as normas de maneira natural.

Já em Santa Catarina, por ser um estado pequeno, o número de professores é um dos menores, com um total de 4.735²⁴ professores de Língua Portuguesa, que atendem 410.550 alunos do Ensino básico (64.293 alunos do supletivo presencial e 30.230 do supletivo não-presencial). Para esse contingente de profissionais, o ensino da disciplina deve embasar-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais e na Proposta Curricular de Santa Catarina Na proposta do estado há a diferenciação de língua e literatura. Na conceituação de literatura prioriza uma concepção histórico-cultural, ressaltando ainda que

“A compreensão do que é Literatura, tomada do ponto de vista histórico e da investigação dos conceitos e das vivências dos alunos e seus pares, suscita o interesse pela investigação das produções literárias locais e regionais entendidas como forma de expressão, manifestação artística e interação com o mundo. E pode-se, a partir daí, identificar nos textos especificidades tais que nos permitam reconhecê-los como literários”²⁵.

²² Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. . Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 27.

²³ Dados fornecidos pelo INEP, ao todo, no país são 10.799.679 alunos do Ensino Fundamental, além dos 3.516.225 alunos do supletivo presencial e dos 349.404 do supletivo não-presencial.

²⁴ Total de professores de Língua Portuguesa no estado de Santa Catarina 4.735, desses, 915 são habilitados em Letras/Português, 1.581 em Letras Português/Inglês, 578 em Pedagogia/Ciências da Educação, 160 em outros cursos, 1.044 não informaram e 457 sem habilitação. (Dados fornecidos pelo INEP, censo 2003).

²⁵ Santa Catarina, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas curriculares. Florianópolis: COGEN, 1998, p. 35.

Apesar de diferenciar o ensino de língua e literatura, o objetivo principal da proposta é a *formação de leitores*, salientando que não mais seria um leitor decodificador, mas um *leitor/criador, recriador, crítico e constestador*, e o professor seria o mediador desse processo de aquisição do gosto pela leitura, pois, se o aluno tiver o hábito de ler, um texto levará a outro e assim, sucessivamente... Ressalta ainda, que

“O estudo da Literatura Catarinense deve ser contemplado em nossas escolas buscando conhecer as produções mais próximas de nós, sejam as produções estaduais, regionais ou locais. Há que se estimular esse estudo nas escolas, sob pena de deixarmos de lado uma fatia do conhecimento de Literatura”²⁶.

Menciona ainda, além de Alcides Buss, outros autores catarinenses, tais como: Sérgio da Costa Ramos, Salim Miguel, Adolfo Boos Júnior, Maria de Lurdes Krieger, Werner Zotz, Cruz e Sousa, Guido Wilmar Sassi, Donal Schüler, entre outros, cujas obras tendo relevância nacional e podem ser abordadas no Ensino Básico, obras essas que representam verdadeiramente a Literatura e, conseqüentemente a expressão do próprio homem, através das quais pode-se configurar espaço de criação, de liberdade de pensar e até mesmo de recriação.

Por representar essas múltiplas possibilidades, modernamente, a literatura passou a ocupar um não-lugar, por legitimar e representar simbolicamente a expressão humana nas formas de sentir, pensar e agir na vida social, tende também a adaptar-se ao seu papel e à sua responsabilidade de re-significação de muitos conceitos produzidos e estabelecidos na e pela sociedade. Portanto, há uma diferenciação dos lugares antropológicos (aquele lugar concreto e simbólico de um determinado espaço em que temos as características de identidade, relação e história²⁷ para os não-lugares). Para Augé

“Os não-lugares passam pelos sentidos, pelas possibilidades dos percursos que possibilitam, pelos discursos que engendram e pela linguagem que os caracteriza. O espaço da viagem é o arquétipo do não-lugar. Prescrição, proibição e informação compõem os textos que nos são oferecidos por um não-lugar. Informações sobre o espaço, normas de comportamento, orientações para o movimento e estada, mediados pelos mais diferentes suportes, indicam que o passageiro se relaciona

²⁶ Santa Catarina, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas curriculares. Florianópolis: COGEN, 1998, p. 45.

²⁷ AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994, p. 43-55.

apenas com entidades “morais” ou institucionais (polícia, alfândega etc.), que sua posição em relação aos lugares (centros históricos, centros comerciais etc.) é apenas de proximidade e que sua identidade está garantida na exata medida em que se submete ao controle”²⁸.

A experiência artística (ou de criação) constantemente renovada (pelo escritor – leitor) permitiu que a consequência deste não-lugar da Literatura promovesse uma despressurização das expectativas quanto às formas de produção literária, de sua legitimização e, conseqüentemente, de sua capacidade de mudança, sem ater-se à forma pré-estabelecida, dessa maneira o artista realmente pode expressar sua criatividade, pois cada leitor ressignifica a obra. Portanto, o não-lugar nos permite apresentá-la de modo variado.

Tanto que alguns aspectos da obra de Buss procuram justamente fazer com que a literatura se edifique de suas próprias ruínas, ruínas estas impregnadas por aspectos transgressivos: ora utiliza uma linguagem tranqüilizadora e ora uma linguagem inquietante, linguagem esta que procura dar novas visões e expressões de vida, procurando transpor a irrealidade da coisa para a realidade da linguagem²⁹. Essas novas visões e expressões de vida

“transformam o mundo que nos rodeia tanto para o bem como para o mal. (...) O processo de modernização, ao mesmo tempo em que nos explora e nos atormenta, nos impele a aprender e a enfrentar o mundo que a modernização constrói e a lutar por torná-lo nosso mundo (...) mesmo que os lares que construímos, a rua moderna, o espírito moderno, continuem a se desmanchar no ar”³⁰.

Essa modernidade, fruto das novas tecnologias (principalmente relacionada a computadores e a internet) que, por sua vez, impulsionaram transformações nos meios de comunicação e trabalho, essa revolução de tecnologias tem como uma das consequências o início de um novo modo de produção, inclusive na produção literária. Um modo de produção cujo objeto principal é o conhecimento e, dentre essas mudanças, destaca-se o processo de comunicação, principalmente se considerarmos a quantidade de novidades transmitidas do criador até o receptor, além da adaptação da obra de arte ao indivíduo, ou seja, há uma otimização das informações que o leitor recebe, levando-o a uma “dialética sutil do esperado e

²⁸ SARTORI, Ademilde Silveira; ROESLER, Jucimara. *Narrativa, cidadania e o não-lugar da cultura*. Artigo apresentado no VII Seminário Internacional de Comunicação organizado pela FAMECOS/PUC-RS, nos dias 25 e 26 de agosto de 2003 e publicado originalmente pela Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 23, abr. 2004.

²⁹ BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*. São Paulo: Editora Rocco, 1997, p. 292-329.

³⁰ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 35.

do inesperado, do conhecido e do desconhecido”³¹. Transformações essas, “portadoras do porvir”³², que são consequência do conhecimento científico avançado, colocado à disposição da produção e da cultura³³, atendendo exclusivamente aos interesses de classes mais favorecidas, classes essas detentoras do saber historicamente acumulado, conseqüentemente controlando sua sistematização, difusão e acesso.

No entanto, os produtos criados vêm gerando um novo modelo de desenvolvimento da humanidade, que na *sociedade tecnológica* são considerados prolongamentos do pensamento humano e, anteriormente, considerados como consequência do homem na produção. Mas, para que a tecnologia seja realmente um processo democrático, é necessário o domínio das técnicas pela maioria das pessoas. Neste momento, entra em cena o papel da cultura auxiliada pela tecnologia. Na Literatura (e também em seu ensino) percebeu-se a necessidade de aderir a esse novo processo; do contrário, a tecnologia se tornaria nociva e iniciar-se-ia um processo de marginalização da Literatura e, cada vez menos leitores, pois, com essa infinidade e facilidade de informações e recursos que mudam rapidamente, é preciso que a tecnologia seja posta a serviço da humanidade, já que a transição entre a civilização baseada na escrita, na lógica por ela fundada e desenvolvida, e a civilização informática “princípios um processo de robotização, no qual o ser humano passa a ser padronizado, sendo forçado a assimilar esse processo para evitar que seja excluído”³⁴. Por isso, há uma grande preocupação que idéias humanitárias de justiça social e igualdade estejam fundamentando o uso da tecnologia no mundo. O que não acontecia na sociedade industrial, na qual o homem era a peça principal, usado para movimentar as máquinas e estas eram meras coadjuvantes. Portanto, a situação se inverteu e as máquinas passaram a ocupar lugar de

³¹ MOLES, Abraham. *Rumos de uma cultura tecnológica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973, p. 16

³² Abraham Moles utiliza o termo “fatos portadores do porvir” como um fato perturbador de concepções, de construções e do raciocínio de grandes espíritos. Por exemplo, havia o sonho do Canal da Mancha, de sonho passou ao plano de projetos e, quando foi realizado provocou um desencadeamento, ou seja, esse fenômeno modificou toda a massa do desenvolvimento.

³³ **Cultura:** A definição de cultura abrange desde seu significado originário do latim cultivo da terra; perpassa pela definição proveniente do alemão (kultur) que significa desenvolvimento intelectual, saber ou a definição sociológica na qual cultura é tudo o que é aprendido e partilhado por indivíduos de um mesmo grupo, e culmina com a idéia filosófica de cultura como sendo um conjunto de manifestações humanas que se diferenciam do comportamento natural, ou seja, padrões de comportamento, das crenças, das instituições e de outros valores morais e materiais característicos de uma sociedade.

Ciência: conjunto de conhecimentos coordenados relativamente a determinado objeto, ou seja, estudo sistematizado.

Tecnologia: tratado das artes e ofícios em geral; explicação de termos que dizem respeito às artes e ofícios.

Dicionário on-line da Língua Portuguesa. Disponível em:

<http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx>. Acesso em: abril de 2007.

³⁴ LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência - O Futuro do Pensamento na Era da Informática*; trad.: Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

destaque, tendo como consequência: a discriminação e a exclusão. Percebeu-se então a necessidade de formar um cidadão ativo que pense que usufrua a tecnologia. Mas isso tem relação direta com o conhecimento e a informação. Portanto a formação de um homem capaz de conviver e “sobreviver” aos avanços tecnológicos é fundamental. O ritmo acelerado da revolução tecnológica propiciou mudanças rápidas e bruscas, quebrou paradigmas e pôs por terra verdades que até então eram tidas como absolutas. Isso ocorreu em todos os setores da sociedade, pois se produziu um novo espaço para que a comunicação ocorresse – o ciberespaço – que nada mais é do que a tecnologia e a proliferação das redes interativas, ou seja, a interconexão mundial dos computadores. Portanto, tão rápida quanto a tecnologia avança, também a pluralidade cultural segue a mesma velocidade. Uma avalanche de informações das mais diferentes etnias e países invade nossos lares - uma comunicação sem fronteiras. Temos, então, uma sociedade que muda, devido ao uso das tecnologias, mudanças essas que afetam o comportamento, os hábitos e as necessidades, fazendo emergir o fenômeno da globalização econômica e cultural – a cibercultura³⁵.

Com o advento do computador, alguns escritores passaram a utilizar o computador como auxiliar da produção literária, que deixou de ser manual. É importante ressaltar que, inicialmente, o computador era colocado à parte do objeto literário, era apenas uma ferramenta necessária ao ato de escrever. Portanto, o texto era apenas gerado através computador, mas lido no papel. No entanto, com o surgimento de softwares (programas para criação de poesias visuais ou que usassem a análise combinatória) surgiram alguns experimentos com a literatura assistida por computador. Com este novo fazer literário o uso da máquina interferiu e alterou as noções de texto, autor, leitor e a própria divisão dos gêneros ficou sem dar conta das novas formas. Quem sabe imaginar um novo gênero literário que se utiliza de uma linguagem ainda pouco estudada?

Para Haroldo de Campos³⁶, a divisão em gêneros literários pode ser percebida pelas diferentes formas de utilização da linguagem em cada período de ruptura ou de transformação do fazer literário; assim o período seguinte diferenciava-se do anterior pela negação da linguagem utilizada. Em seu texto “Ruptura dos gêneros na Literatura Latino-

³⁵ O termo cibercultura envolve a cultura disponível na grande rede (internet), através da interconexão mundial dos computadores, mas sem atingir a sua totalidade, ou seja, passíveis de mudanças, pois cada segmento apresenta diferenças e divergências quanto aos assuntos e à forma como são apresentados e por estarem *on-line* sofrem mudanças constantes.

³⁶ CAMPOS, HAROLDO. *A arte no horizonte do provável*. 4ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1977.

americana”, Haroldo de Campos aponta o Classicismo como a culminação da perfeita estética da linguagem, procurando atingir a mais estrita obrigatoriedade e a maior generalidade da norma, ou seja, a língua-padrão (standart). Portanto, afirmar que a classificação da literatura em períodos literários seguiria a forma de que se utiliza a língua em um determinado período e no qual *cada gênero literário representaria também um ramo funcional da linguagem* poderia ser observado claramente se comparássemos este conceito aos diferentes conceitos sobre o que é arte literária. Em um sentido mais amplo, a arte literária consiste na realização dos preceitos estéticos da invenção, da disposição e da elocução; já em um aspecto mais restrito seria a arte que cria, pela palavra, uma imitação da realidade. Já para os modernistas a literatura é o conjunto da produção escrita, ou seja, a arte literária é verdadeiramente a ficção, a criação de uma supra-realidade, com os dados profundos, singulares da intuição do artista, mediante a palavra expressivamente estilizada. Com relação à linguagem, não existe antagonismo, mas uma valorização de suas diferentes funções.

Os gêneros literários são apenas modos e modas de expressão: passam e morrem, com a fadiga das emoções; revivem, quando já esquecidos. Não se inventa ainda em arte, senão o que se esqueceu... Não há perenidade, nem evolução, nem mutação; há fadiga de uso, novas modas conseqüentes. Os chamados gêneros são formas originais descobertas pelo gênio, imitados, seguidos, e abandonados, esquecidos, talvez ‘reinventados’ tempos depois³⁷.

Cabe ressaltar que essa possibilidade de colocar as informações em rede, armazenar uma grande quantidade de informações em um cederrom, criar poesias com o auxílio de programas está promovendo na literatura um redimensionamento dos gêneros literários, pois ainda é cedo para afirmar se está sendo positiva ou não. Percebe-se, portanto, que a divisão de gêneros que já vinha sendo modificada, com o advento dessas novas tecnologias e das novas linguagens.

A linguagem sempre foi muito importante e foi se modificando ao longo da História. Se elencarmos as referências intelectuais e espaço-temporais das sociedades humanas, perceberemos que a oralidade foi uma das primeiras formas de comunicação, pois correspondia ao regime cognitivo das comunidades sem escrita. Portanto, a cultura estava apoiada na capacidade de memorização, ou seja, capacidade mnemônica de armazenamento de informações. Assim, não existindo meios para sua perpetuação, esta deveria ser

³⁷ PEIXOTO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1955-1959. 4v. 2ª ed. 1968-1971. 6 v.

constantemente retomada e repetida, do contrário seria esquecida. Já no sistema cognitivo da escrita, havia tempo linear ou histórico e que envolvia um sistema linear e consecutivo de signos, além de estar nas limitações de uma página. O sistema da escrita institui um intervalo de tempo entre o momento da escrita e a recepção e, posteriormente, sua decodificação por parte do leitor. Dessa forma, interpretar também pode ser considerado um ato criador – criação de um sentido que, muitas vezes, pode realmente ser o sentido que o escritor queria transmitir ou, em outras, ser totalmente estranho ao que tinha proposto, ser um re-criação do leitor através de uma virtualização da cognição. Já na terceira categoria, a informática produz um sistema cognitivo em que a codificação das informações está apoiada em um sistema digital. Sistema este, que pode suportar várias metamorfoses e modificações por ser de composição fluida e maleável, sua transmissão de informações ocorre de modo instantâneo, muito diferente da escrita³⁸.

No entanto, contemporaneamente, oralidade, escrita e informática convivem e dependem umas das outras para o desenvolvimento da linguagem digital. Desse modo, se consideramos a atual forma de utilização da linguagem, poderíamos supor que estamos iniciando um novo fazer literário em que, para acelerar ainda mais o processo de difusão de idéias, o uso da *linguagem visual*³⁹ é determinante, pois se fundamenta no uso da palavra como imagem, sendo a visual uma das formas mais rápidas de comunicação, desencadeando um processamento rápido de múltiplas informações. Mudança é a palavra de ordem da sociedade atual.

Segundo Alckmar Luiz dos Santos⁴⁰, a preocupação da Literatura contemporânea é a de propiciar ao leitor uma leitura que não se limite a uma seqüência rígida e predeterminada de linhas ou versos, contendo o *hipertexto informatizado*⁴¹, toda uma gama de recursos como:

³⁸ As três categorias: a oralidade, a escrita e a informática são utilizadas por Pierre Levy, no livro organizado por Eduardo Campos Pellanda e Nilze Maria Campos Pellanda, sob o título *Ciberespaço: um hipertexto por Pierre Lévy*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000, p. 42-45.

³⁹ O concretismo já fazia uso da linguagem visual; no entanto, com a utilização do computador houve uma resignificação no conceito do que era a Linguagem visual utilizada anteriormente.

⁴⁰ SANTOS, Alckmar Luiz dos. *Literatura e(m) Computador*. Disponível em: <<http://www.cce.ufsc.br/~nupill/hiper/texto3.html>>. Acesso em: 12 de março de 2006.

⁴¹ Alckmar Santos no ensaio *Textualidade literária e hipertexto informatizado*, define que o hipertexto se desenrola, assim, entre o concreto e o virtual, sendo apresentado como expressão deste, mas montando sua cena de significações a partir daquele. O hipertexto concretiza parcialmente o que antes era virtual (o intrincado jogo de extra-intra-intertextualidades insinuado desde sempre pela literatura) e dá virtualidade a signos e indícios do mundo material: através dele, é possível elaborar ambíguo jogo em que se realiza o virtual e se virtualiza o real. O hipertexto não mais se desenrola apenas linearmente como pergaminho. Principalmente - mas não apenas -, ele se enovela em múltiplas dimensões, resgatando a espacialidade e a movimentação que as palavras sempre

internet, www ou web, multimeios (imagens e sons imediatamente disponíveis ao toque do mouse) possibilitam buscar leituras que não se limitem a percorrê-los do modo imediato e seqüencial. Dessa forma, a utilização do hipertexto para produção literária possibilita a leitura não-linear, além de colocar concretamente na tela do computador toda uma procissão de imagens, ícones, sons, referências e dados, que podem ser alterados rapidamente, ou seja, são informações atemporais.

O uso de novas técnicas (hardware e softwares) associadas à literatura deverá, com certeza, ser um dos agentes de transformação da Literatura, mas traz implicações sobre o fazer literário, até então tradicional. O universo literário já não é mais o mesmo, assim como o mundo já transcende qualquer expectativa com relação ao futuro; tudo é muito virtual, todos estão sendo virtualizados em seu mundo real. E, segundo Lévy,

“o virtual, rigorosamente definido, tem somente uma pequena afinidade com o falso, o ilusório ou o imaginário. Trata-se, ao contrário, de um modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido sob a platitude da presença física imediata”⁴².

Há um redimensionamento das artes, permeado pela interatividade entre o real e o virtual (virtual este propiciado pelas ferramentas da informática); vive-se, portanto, entre dois mundos, entre dois amores: um mundo analógico e um digital, um mundo real e um mundo virtual; a literatura e as pessoas, na verdade, estão um pouco em cada um desses espaços. Mas há a perspectiva de que, se não estivermos também no ciberespaço, não estaremos em espaço nenhum. E, nesse caso, não é um não-lugar (lugar não definido), mas sem ter seu lugar, sua “valoração”. Então, novas técnicas associadas à literatura são questão de superação e da própria sobrevivência da arte enquanto forma de expressão, se considerar que todas as tecnologias são criações humanas, ou seja, são extensões dos sistemas físico e nervoso, para

tiveram em latência, mas que externaram com dificuldade em virtude da seqüencialidade da fala, primeiramente, e da leitura, a seguir. O hipertexto parte do texto escrito para propor transbordamentos e reformações do espaço de significações, numa produção frenética que acelera os tempos do literário e pluraliza sua topologia. Com tudo isso, o hipertexto abre caminho para que o leitor possa apalpar, pela metonímia poderosa que é a tela do computador, o caráter intencional do objeto construído em sua leitura, e a armação intersubjetiva que sustenta todo o seu discurso crítico. Ao mesmo tempo, coloca em questão o estatuto da autoria: não sendo possível eliminá-la, pois sem criação constante não há linguagem, o hipertexto nos deixa diante dessa perplexidade de constatar que nos tornamos efetivamente cada vez mais cúmplices uns dos outros (leitores e autores) e, o que é ainda mais importante, cada vez mais cúmplices de nossas próprias leituras.

Disponível em:

<http://www.uoc.edu/in3/hermeneia/sala_de_lectura/alckmar_luiz_textualidade_hipertexto.htm>. Acesso em maio de 2007.

⁴² LEVY, Pierre. *O que é virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: 34, 1996, p. 12.

produzir mais energia e velocidade; portanto a aceitação disso já representa uma mudança significativa na organização das idéias sobre a tecnologia. Ressalte-se, ainda, que essas criações e sua conseqüente superação são estratégias adotadas pela indústria cultural como forma de manipular as pessoas a participarem desse consumismo para se manterem “atualizadas”.

Contudo, nessa virtualidade há um espaço democrático - o ciberespaço, que se percorre sozinho, mas não tão sozinho, pois, na solidão, o usuário senta-se em frente ao computador e navega, acaba sendo viajante solitário; porém, defronta-se a qualquer momento com outro solitário, que também está fazendo o mesmo, daí a idéia de coletividade. Todavia, em um cederrom não há o encontro com outro, mas com as muitas vozes que figuram nos diversos discursos utilizados, ou seja, a virtualização do outro. Nessa idéia de coletividade é calcada a idéia de inteligência coletiva que, para Lévy

“É uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências (...) a base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuos das pessoas, e não o culto de comunidades fetichizadas ou hipostasiadas”⁴³.

Não resta dúvida de que, nessa sociedade digitalizada, não somos seres solitários, basta que algo seja posto na rede para que outras pessoas possam apossar-se desse conhecimento ou dessa informação, pois tudo pode ser distribuído, porque, se não o for, não interessa, não estaremos *on-line*, não faremos parte dessa coletividade, não descentralizaremos. Precisamos fazer isso para fazermos parte do coletivo.

Conexão, sociedade digital, rede, inteligência coletiva, *on-line* e cibercultura, parecem ser as palavras de ordem. Mas essa sociedade digital, com certeza, não irá resolver todos os problemas do mundo, porém representa um novo espaço de comunicação, informação e cultura, e aos profissionais envolvidos nesses universos cabe explorar as potencialidades positivas que estão emergindo.

⁴³ LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1998, p. 28-29.

As tecnologias eletrônicas agem como um dispositivo pelo qual podemos transformar a idéia de presença e, conseqüentemente, suas formas, já que as informações que entram no computador são diferentes das informações que saem; dessa maneira o computador aparece como uma máquina semiótica⁴⁴, ou seja, criadora de informação nova, o que provoca uma modificação substancial na forma como a Literatura passa a se comunicar com o mundo, além das possibilidades diferenciadas de criação. Essas múltiplas possibilidades permitem ao poeta e ao leitor variar, o leitor mudando sua postura passiva frente ao texto, transformando sua atividade em parte da criação, cabendo ao escritor (produtor) possibilitar ao leitor um número de conexões, combinações e escolhas de re-criação. Essa forma de não-presença quebra as barreiras do tempo e do espaço, possibilitando uma nova contextualização da cultura, ambos, pessoa e cultura, à mercê do universo.

As primeiras experimentações literárias com computador, na verdade, eram reflexos do que já se fazia com os textos impressos, cuja característica era a espacialização dos significantes e o texto como objeto de construção.

“Neste contexto, um dos novos meios, cujas potencialidades têm sido exploradas tendo em vista o desenvolvimento de experimentações literárias, é o computador, dando origem, entre outras ramificações, à poesia animada por computador que parece inegável que mantém relações estreitas com movimentos de vanguarda anteriores, nomeadamente a poesia concreta. Deste modo, não pondo em causa a literatura, pelo contrário, reclamando pertencer-lhe e inspirar-se nela, nomeadamente na tradição de experimentalismo literário, os poetas que utilizam o computador colocam-se, portanto, numa posição de continuidade e não de ruptura em relação às formas poéticas”⁴⁵.

É inegável que o novo é, na verdade, a desconstrução do imediatamente anterior e assim sucessivamente, e que a fruição de um texto não pode esgotar-se em si mesmo. Dessa maneira, não será uma peça descartável, apenas terá o apoio de técnicas diferentes – é o antigo e o novo, ambos ressignificados em busca de perpetuar a função das palavras – de

⁴⁴ REGIS, Clarmi. *Língua e Literatura no espaço interativo: o coletivo pensante*.

Disponível em:

<www.uoc.edu/in3/hermeneia/sala_de_lectura/clarmi_regis_lingua_literatura_espacio_interativo.htm>.

Acesso em: março de 2006.

⁴⁵ REIS, Pedro. *Poesia e(m) computador*. Ensaio apresentado no IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada. Universidade Fernando Pessoa, Centro de Estudos sobre Texto informático e Ciberliteratura. Disponível em:

<http://www.eventos.uevora.pt/comparada/VolumeIII/POESIA%20EM%20COMPUTADOR.pdf>

Acesso em: junho de 2007.

possibilitar ao leitor um universo subjetivo com características de um mundo real, palpável. Essa mescla de sentimentos fará com que o leitor pense sobre si mesmo, sua relação com o mundo em que vive e, conseqüentemente, a re-elaboração da palavra.

Transformando a palavra em coisa, reconhecia-se a especificidade da escritura, especificidade esta que não dava somente os meios de descrever o elemento gráfico, mas designava o acesso ao elemento literário, àquilo que na literatura passa por um texto irredutivelmente gráfico, atando o jogo da forma a uma substância de expressão determinada. Nesse processo de transformação da palavra, há duas possibilidades de composição, a primeira com o escritor criando possibilidades através de seu pensamento, e a segunda a composição literária construída com o apoio do computador que procura, através de cálculos e análises, esgotar todas as possibilidades. Tal composição se caracteriza por uma forte teorização, que coloca posições, explica situações e compete com a apresentação e explicação de obras, criando por isso conjunto e contrastes de valor entre teoria e prática. Por essa razão há também uma grande atuação teórica de seus criadores.

A Literatura interativa apresenta uma exploração das potencialidades gráficas das palavras nos textos (principalmente nos poéticos), pois objetiva mostrar que a não-presença de palavras também constitui uma forma de comunicação – a visual - e esta é universal, já que não está ligada às convenções idiomáticas, mas consegue ser decodificada e transmitir uma significação ao leitor-formador de sentidos, significação esta diferenciada em cada leitor.

Esse ato de criar sentido pode ser momentâneo, já que “existem duas noções distintas do tempo: o tempo físico e o tempo psicológico”⁴⁶. O primeiro é do mundo e é contínuo, infinito, linear, segmentável à vontade, tempo de acontecimentos. Já o segundo engloba também nossa própria vida enquanto seqüência de acontecimentos é o tempo interior, da percepção. Portanto, nossa experiência comum é de que nosso tempo vivido (tempo físico) corre sem fim e sem retorno e corre em um único sentido. No entanto, o tempo psicológico é bi-direcional: podemos lançar olhar sobre os acontecimentos do passado ao presente ou do presente ao passado. Assim, quando nos referimos à tecnologia, temos um não-tempo (tanto o físico quanto psicológico podem dividir o mesmo espaço simultaneamente). Portanto, o uso do hipertexto como forma de fazer literário quebra definitivamente a temporalidade, no

⁴⁶ BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989, p. 71.

sentido de seguir uma seqüência efetuada pelo interesse do leitor. Pois se pode tomar uma decisão em fração de segundos, para em seguida repeti-la ou refutá-la.

No entanto, vivemos em um presente que se impõe e que acaba nos levando a um tempo calcado nas idéias de espaço e velocidade, pois vivemos em um ritmo acelerado e em um espaço que parece sempre ser reduzido e insuficiente. Através da hiperconcentração do tempo real⁴⁷, fazemos tudo à velocidade da luz, sem, no entanto, estarmos presentes fisicamente. Da mesma maneira, recebemos muitas informações ao mesmo tempo, e essa variedade, acompanhada da velocidade, faz com que não nos detenhamos a elas como se as presenciássemos. Quando estamos navegando na internet e vemos a imagem de uma pessoa morta, a primeira reação é chocar-se, para logo em seguida ignorá-la, pois não representa a “nossa” realidade, é apenas virtual, portanto não nos compromete. Ou seja, a velocidade da informação faz com que a imagem seja apenas uma marca menmônica distante, quase inverossímil; tornamo-nos imediatistas em tudo e, apesar desses recursos nos darem muitas possibilidades de uso, também dependemos de *softwares* desenvolvidos para cada finalidade. Se compararmos um texto impresso e um texto no computador, perceberemos que, no primeiro, há uma fronteira visível, e no segundo não existem mais fronteiras, pois o hipertexto deixa o leitor livre para reunir informações semelhantes, misturá-las ou até mesmo entrecruzá-las com uma enorme facilidade, ou ainda modificá-las.

Essa nova maneira de experimentação literária, além da inovação na leitura também modificou drasticamente a maneira de escrever. Antes o escritor construía sua idéia, passava-a para o papel e, talvez nunca mais ouvisse uma opinião, tampouco recebesse inferências do leitor a respeito do seu escrito, no entanto, poderia imaginá-las, mas jamais senti-las em sua obra, pois se tratava de um texto fechado em si mesmo. Em contrapartida, esse novo fazer literário, o autor se desprende da *responsabilidade da criação*⁴⁸, pois sua obra é constantemente ressignificada e revisitada, já que o hipertexto tem condições de armazenar

⁴⁷ Termo usado por Paul Virillio em que através da "*hiperconcentração do tempo real*", há o caminhar para o desenquadrar do Homem da tridimensionalidade temporal, devido à imposição do actuar à "*velocidade da luz*", o que implica por seu lado, o alterar do próprio conceito de trajecto, o qual, por si só, também tem como inerente três dimensões (partida, viagem, chegada) e do conceito de corporeidade que cada vez mais se vai transformando em virtual ou numa espécie de "presente-ausente", sem que a matéria lá esteja. Disponível em: <<http://historiaeciencia.weblog.com.pt/arquivo/008134.html>>. Acesso em: 25 de março de 2005.

⁴⁸ O termo *responsabilidade da criação*, especificamente neste contexto se dá a partir do momento em que o escritor lança sua obra na rede, momento exato em que ele perde o poder sobre ela – lança seu rebento ao mundo abrindo mão da paternidade, do devir. A obra veiculada na internet sofrerá várias modificações: de estrutura, de formatação, será dissecada, diluída em outros textos, receberá referências intertextuais, ou seja, uma reconstrução partindo de suas cinzas.

muitas informações que vão desconstruindo a obra original, lançando seus fragmentos pelo mundo virtual. Possibilitando ainda, acrescentar novas idéias, novos links, novos sites, referências intertextuais e participação do leitor com comentários, críticas ou reformulações.

No hipertexto também há a possibilidade de desconstrução⁴⁹ pelo leitor (como também ocorria no texto impresso), pois, a partir do momento que entra em contato com o hipertexto, ele acaba sendo contaminado pelas inúmeras possibilidades de interação. No entanto, essa interação com o hipertexto acontece de forma mais racional, pois essas “inúmeras possibilidades” são, na verdade, não impostas pelo autor, ou seja, possibilidades veladas, portanto os caminhos a serem trilhados dependerão do quanto o autor quer que o leitor saiba. Muitas vezes, o autor conduz o leitor a um determinado resultado. Já no texto impresso o autor induz o leitor a trilhar um caminho, mas essa interação com o texto é mais subjetiva.

O processo criativo sempre foi motivo de curiosidade por parte dos leitores, por isso o escritor Mário Prata⁵⁰, em 24 de maio de 2000, resolveu, em um projeto pioneiro, satisfazer essa necessidade do leitor. Então, começou a escrever um livro chamado “Os anjos de Badaró”. O processo de escritura do livro seria transmitido ao vivo pela web. Utilizando-se de uma *webcam*, ele seria filmado e assistido pelos internautas, mostrando a eles todas as etapas do trabalho. Além dessa, que foi uma das primeiras experiências virtuais de produção de literatura, várias outras formas de produção literária *on-line* foram produzidas. No entanto, as mais comuns são as produções coletivas de contos, crônicas e poesias.

⁴⁹ Termo utilizado por Derrida a partir do conceito **Destruktion** proposto por Heidegger. Derrida, no entanto, ao traduzir para o francês percebeu que a tradução do termo alemão não teria o sentido proposto; dessa forma utilizou o termo “desconstrução” para designar a idéia de que a cultura é uma constante renovação que parte do que já existe, que destrói e se ressignifica. “Desconstruir um texto é fazer com que as suas palavras-carneira subvertam as próprias suposições desse texto, reconstituindo os movimentos paradoxais dentro da sua própria linguagem. Derrida fez repensar a forma como a linguagem opera. Desconjuntando os valores de verdade, significado inequívoco e presença, a desconstrução aponta para a possibilidade de escrever não mais como representação de qualquer coisa, mas como a infinitude do seu próprio “jogo”. Desconstruir um texto não é procurar o seu sentido, mas seguir os trilhos em que a escrita ao mesmo tempo se estabelece e transgride os seus próprios termos, produzindo então um *desvio* [*dérive*] assemântico de *différance*. Todo o signo só significa na medida em que se opõe a outro signo, por isso se pode dizer que é essa condição da linguagem que constantemente diferencia e adia os seus componentes que concede significância ao signo”.

Carlos Ceia, s.v. "Desconstrução", *E-Dicionário de Termos Literários*, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, disponível em <<http://www.fcsh.unl.pt/edtl>>. Acesso em: março de 2007.

⁵⁰ Conforme artigo de Marcelo Marthe, *Novela no monitor*, na Revista *Veja* de 24/5/2000

A idéia da produção literária via computador e seus meios, está gerando algumas rupturas no mundo acadêmico, como a existência de uma Academia Virtual de Letras⁵¹, (contrapondo-se à Academia Brasileira de Letras) cuja presidente Maria Inês Simões, juntamente com os 400 membros do mundo todo, estão mobilizados pela criação de outra escola literária, uma escola mais contemporânea: o virtualismo. Segundo ela, “para criar uma nova escola literária, ela precisa ter elementos das escolas anteriores e algum elemento novo. O virtualismo possui elementos de todas as escolas anteriores e também a tecnologia, como algo novo, moderno”. Embora a tecnologia tenha realmente agregado valor à literatura, isso não significa necessariamente que tudo que for produzido com o auxílio do computador será realmente considerada como sendo Literatura. Portanto, esse elemento não será necessariamente um parâmetro para afirmarmos que realmente temos uma nova escola literária, mas sim a qualidade do que está sendo produzido e veiculado é que fará com que as próximas gerações o considerem bom ou não.

Toda essa experimentação literária promovida por novas tecnologias fez e fará com que a Literatura siga por caminhos mais rápidos para atingir seu leitor/observador/autor. Os caminhos do infinito...

⁵¹ Academia Virtual de Letras. Disponível em: <<http://www.avbl.com.br/avbl/reportagens1/drdonline.htm>>. Acesso em: 12 de junho de 2005.

4. CAMINHOS DO POETA E DA POESIA

*No fundo do ser
o poema escuta
o não-sido
e constrói a memória futura.*
Alcides Buss

A poesia, para o senso comum, é a forma mais simples de expressar os sentimentos, mas, na verdade, “a poesia é um texto em que o significante não existe meramente a serviço do significado; onde significante e significado funcionam juntos”⁵², e é esta união que possibilita a imersão e a inebriação do leitor em suas palavras e em seu contexto. Na poesia (considerada como cânone), as palavras não são dispostas ao léu, cada palavra tem uma função: rima, cadência, entonação, sentido ou, ainda, o efeito visual (como no concretismo). A apreciação da poesia se dá não somente pelos sentimentos que sua leitura proporciona, mas também pela forma e pela intencionalidade com que o poeta deseja provocar ou, simplesmente, expressar ao leitor.

As diferentes formas de poesia, na verdade, estão indiretamente ligadas à forma em que a linguagem era utilizada em um determinado período histórico, como na definição dos gêneros literários, estes são na verdade modos e modas de expressão, palavras mortas, que voltam à vida, são rebuscadas, criam-se neologismos; enfim, as palavras têm a capacidade de reviver, quando já esquecidas. Dessa mesma maneira, a poesia pode vir-a-ser novamente, surgindo de suas próprias ruínas.

Um marco importante na recriação poética foi a “incorporação, à poesia, de elementos da linguagem prosaica e conversacional, não apenas no campo do léxico, mas também no que respeita aos giros sintáticos”⁵³. Talvez a mudança mais significativa nesse fazer literário, realmente tenha sido a linguagem literária falada que tentava se aproximar mais da linguagem popular, uma linguagem alternativa e descontínua. Isso, forçosamente, foi

⁵² MASSINI, André Carlos Salzano. *Algumas definições sobre poesia*. Disponível em: <http://www.casadacultura.org/Literatura/Poesia/O_que_e_Poesia_Artigos/algumas_definicoes_de_poesia_masi ni.html>. Acesso em: 20 de julho de 2005.

⁵³ CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável*. 4ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1977, p. 14.

decisivo na mudança de atitudes estéticas que informariam numa complexidade das mais variadas tendências no mundo literário. Esse hibridismo (linguagem, oralidade e escrita) de gêneros encontrou sua rápida propagação graças aos diferentes meios de comunicação que surgiram a partir da Revolução Industrial, que iniciou na Inglaterra na segunda metade do século XVIII.

É imprescindível ressaltar a heterogeneidade da literatura latino-americana, se comparada à européia. Nossa literatura tem características particulares, sem, no entanto, livrar-se de clichês legados pela literatura européia. Sendo a América Latina classificada como economicamente retardatária, não significa, necessariamente, aplicar-se tal estado à literatura. Pois temos autores latinos que se destacaram como precursores de estilos. Podemos citar Souzaândrade⁵⁴, um dos precursores dos rumos da vanguarda na poesia universal.

Os vinte primeiros anos do século XX marcaram a literatura brasileira das várias tendências e escolas, em que não se denunciava a presença de nenhuma delas, mas a coexistência de várias correntes estéticas influenciadas pelas culturas primitivas que se misturavam à vida cotidiana ou eram reminiscências ainda vivas de um passado recente usado como pano de fundo na literatura.

A ousadia da poesia concreta foi um impacto violento na arte da época. Pois originou-se de uma meditação crítica de formas. O impacto foi tal que, ainda hoje, muitos autores conseguem promover suas obras, pois continuam inovando. Graças a essa ousadia há a renovação literária, seja como modernização (negando valores pré-existentes) ou como resignificação de algo já existente. Berman⁵⁵ afirma que “pode acontecer então que voltar atrás seja uma maneira de seguir adiante”. Essa mescla de influências das vanguardas européias e, principalmente, as influências e os rastros de autores pioneiros no ramo de experimentação

⁵⁴ Joaquim de Sousa Andrade nasceu em Guimarães, Maranhão (1833). Formou-se em Letras pela Sorbone. Viajou muito, fixando-se nos Estados Unidos (onde editou "Obras Poéticas" e alguns cantos do "Guesa Errante"). No Brasil foi professor de grego em São Luís (Maranhão). Morreu em São Luís do Maranhão (1902), na penúria e quase desconhecido dos literatos da época.

Sua poesia foi reavaliada pela crítica de vanguarda, que retirou o autor da posição de nome secundário do condoreirismo. E em relação a toda a poesia brasileira do século XIX reside nos processos de composição: de insólitos arranjos sonoros ao plurilingüismo; dos mais ousados conjuntos verbais à montagem sintática.

O poeta não podia ser assimilado no seu tempo e, de fato, não o foi, tendo-se provado otimista a previsão de cinquenta anos em compasso de espera que lhe fizeram na época da redação do "Guesa". Disponível em: <http://www.geocities.com/ink_br/sousandrade.htm>. Acesso em: junho de 2005.

⁵⁵ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 35

lingüística como Haroldo e Augusto de Campos, Décio Pignatari e muitos outros serviram de alicerce para a nova experimentação. Mas esse voltar do presente ao passado foi na verdade a fórmula para o devir ou o vir-a-ser.

Dessa forma, é importante ressaltar que o computador é somente um meio físico e que, na verdade, existem diferentes categorias quanto aos meios utilizados na produção poética. Caterina Davínio⁵⁶ aponta um conceito que abrange três grandes categorias: computer poetry⁵⁷ (poesia em/no/do computador), a hipermídia e a Internet (com suportes como o cederrom ou a web). Segundo ela cada uma dessas categorias contém subdivisões, de acordo com o componente tecnológico utilizado.

Essa nova forma de apresentação do poeta – a eletrônica -, na verdade, promove o confronto entre as produções anteriores e as atuais, pois promove uma interação e, conseqüentemente, um reaproveitamento do que já foi produzido, para reinventar algo além do presente-futuro, já que a utilização do ciberespaço⁵⁸ como local de produção modifica a estrutura e a forma de apresentação dessa nova coisa. Sob esse prisma, uma das principais características dessa modernidade é a liberdade criadora, na qual se percebe o desaparecimento do sujeito para um sujeito-mundo, ou melhor, um sujeito do mundo, sujeito único, com especificidades, um ser ficcional que existe para os outros como se ELE fosse uma criação do imaginário coletivo.

⁵⁶ DAVINIO, Caterine. *Tecno-Poesia e realtà virtuali: storia, teoria, esperienze tra scrittura, visualità e nuovi media*⁵⁶[1] (Tecno-poesia e realidades virtuais: história, teoria, experiências com escritura, visualidade e novos meios). O livro é o resultado e o registro dessa poesia "internacional", com um estudo teórico e uma catalogação de obras nos meios eletrônico-digitais, contendo verbetes de cento e trinta artistas de diversos países. Dentre os 130 artistas, há verbetes sobre os seguintes brasileiros: Alckmar Luiz dos Santos, Álvaro Andrade Garcia, Arnaldo Antunes, Augusto de Campos, Cesar Meneghetti, Eduardo Kac, Gilberto Prado, Jorge Luiz Antonio, Lucia Leão, Philadelpho Menezes Neto (1960-2000), Regina Célia Pinto, Wilton Azevedo. Disponível em: <http://www.geocities.com/a_fonte_2000/tecnopoesia.htm>. Acesso em junho de 2005.

⁵⁷ A autora Caterine Davinio conserva o termo em inglês, porque "poesia-computador", "poesia em/no/do computador", ou "poesia computadorizada" não contém o significado de "computer poetry", ou seja, um tipo de videopoesia, por meio de uma decisiva elaboração computacional, finalmente adquire um aspecto gráfico e uma substância digital da imagem completamente obtida pela síntese, num progressivo distanciamento do referente como se fosse arrancado da realidade.

⁵⁸ Vicente de Gosciola em seu artigo *Fundamentação da Hipermídia* dá o conceito de ciberespaço como: um terreno habitável de imersão através das conexões das redes entre computadores, um espaço que pode se expandir eternamente, uma possibilidade de um novo gênero e de novas expressões artísticas. Disponível em: <http://www.cibersociedad.net/congres2004/grupos/fitxacom_publica2.php?grup=19&id=503&idioma=es>. Acesso em agosto de 2005.

5. LITERATURA PRODUZIDA EM SANTA CATARINA

“A poesia, linguagem subjetiva da alma, revivendo a emoção, o sentimento humano, sempre esteve presente, em todos os tempos e lugares da humanidade. Entre nós, nunca se fez ausente, estando representada por dezenas de poetas na contemporaneidade”.

Lauro Junkes

Falar de Literatura Catarinense ou Literatura produzida em Santa Catarina é, sem dúvida, assunto polêmico, pois estaremos falando de uma minoria, como especificou Kafka⁵⁹, de “uma literatura menor”, não no sentido de valorização, mas por representar um grupo minoritário, dentro de um contexto que busca representar (ou seguir) uma identidade nacional, (muitas vezes ditada por outra minoria com maior expressividade no país). O que importa realmente é valorizar todo e qualquer artista, pois, indiferentemente de notoriedade, a maioria tem em comum a expressão de sensações e percepções sobre o mundo, e isso deve ser respeitado e não desestimulado. Percebemos, ainda, que há escritores que não querem a fama, querem apenas escrever sem compromisso com este ou aquele, querem apenas expressar seus sentimentos. Kafka defendia, ainda, que esses pequenos grupos seriam os que abririam espaços e fariam a diferença, pois pressupõe que o nacional já seja conhecido. Essas minorias seriam os espaços de convergência, a fresta para iluminar o ambiente sombrio. Com relação ao nosso Estado, percebe-se claramente que as referências literárias que nos representam, em sua maioria, devem-se ao fato de terem ingressado no eixo cultural do país ou receberem, anos mais tarde, seu reconhecimento pelo valor da obra.

Perceber que essa minoria literária representa um estado inteiro, estado este que foi formado a partir de tantas outras minorias que aqui estavam ou excluídas de seus países, que, ao abraçarem o estado, se tornaram um grupo significativo com culturas bastante diferenciadas, tornando nosso povo fonte de experiências riquíssimas. Entretanto a esse mosaico étnico, não temos um tipo catarinense definido e uniforme.

⁵⁹ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio, Imago, 1977.

Não podemos dissociar a produção literária do povoamento e da colonização, com que se mantém diretamente relacionada. O fato de não termos um tipo catarinense deve-se a uma população formada por várias etnias, aspecto esse que também interferiu na formação cultural, pois “a produção literária nasce do homem que se enraíza na situação de um determinando tempo e lugar”⁶⁰. Indagamos, então, como se caracteriza o homem ‘catarinense’ que produzirá uma literatura ‘catarinense’?

Com essa identidade étnico-cultural multifacetada, a produção literária em Santa Catarina apresenta uma variação de estilos, desde escritores já canonizados até escritores cuja única preocupação é mostrar a realidade local, sem maiores pretensões, simplesmente pelo prazer de escrever. E, aos poucos, a identidade catarinense está sendo definida...

“A literatura catarinense pretende ser uma visão/civilização/sociológico e gostaria de proclamar que a Literatura de Santa Catarina não reside no valor isolado de um autor ou de uma obra, mas no conjunto de toda a produção/manifestação de uma forma de ser, de pensar e de agir”⁶¹.

Diante dessa diversidade em que Santa Catarina está envolta, alguns ainda questionam se “A literatura catarinense (produzida em Santa Catarina e escrita sobre a experiência de vida catarinense) precisa ser mais valorizada? Certamente. Se não por seus méritos literários extraordinários, então pelo que tem a revelar sobre o que somos como grupo social regional”⁶².

Ao longo da história literária de Santa Catarina, vários autores destacaram-se na busca incessante de provar a existência ou não de uma Literatura Catarinense. No entanto, foram unânimes em afirmar que, pelo fato do estado ser matizado pelos mais variados grupos humanos, essa heterogeneidade influenciou diretamente sua Literatura. Para JUNKES⁶³ a denominação de uma Literatura “Catarinense” torna-se irrelevante diante da comprovação de que autores e obras produzidas neste estado contêm valores estéticos e humanos. Valores esses que denotam uma produção literária de qualidade e com características específicas.

⁶⁰ MELO, Oswaldo Ferreira de. *Introdução à história da Literatura Catarinense*. 2. ed. Florianópolis: Editora Movimento, 1980, p. 09

⁶¹ SACHET, Celestino. *A literatura catarinense*. Florianópolis: Lunardelli, 1985, p 08.

SACHET, Celestino & SOARES, Iaponan. *Presença da literatura catarinense*. Florianópolis: Lunardelli, 1989, p.51

⁶² LEMOS, David & RISTOFF, Dilvo Ivo (org.). *Antologia: Projeto um dedo de prosa*. Florianópolis: UFSC/CCE, 2004. V.1:il., p. 08

⁶³ JUNKES, Lauro. *O mito e o rito: uma leitura de autores catarinenses*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1987, p. 15.

Em 1957, Arnaldo S. THIAGO⁶⁴ afirmou que existiam dois grupos de escritores catarinenses: os que passaram a viver no eixo cultural de São Paulo e que conseguiram reconhecimento justamente por abandonarem o estado, e os de notável cultura que ficaram no estado e, conseqüentemente, tiveram todas as suas atividades confinadas ao âmbito catarinense. Atualmente, graças à tecnologia, muitos escritores que optaram por permanecer no estado não têm mais essa perspectiva, mas sim a perspectiva do devir.

Conforme Nietzsche⁶⁵ que apresenta as três transformações em *Assim falava Zaratustra*:

“o espírito se transforma em camelo, o camelo em leão e o leão em criança. Após esse rito de passagem o surgimento, e a sobrevivência da criança com sua inocência seria um começar de novo, ou seja, o passado é desafiado como origem, e a criança, livre da culpa pelo seu passado, faz com que essa transformação seja a vingança dessa origem. Dentro dessa reformulação dos valores, o surgimento do pensamento de um homem mortal, se situa na perspectiva do presente, de um tempo que dispomos e não mais se baseada em um tempo dionisíaco”.

Esse rito de passagem reflete basicamente a história da Literatura Catarinense, que precisa situar-se no presente, nesse tempo, para permitir que essa criança cresça e se torne um super-homem que fala

“da vida natural em suas legítimas expansões intelectuais (...) e não os artifícios convencionais, a que orgulhosamente os constroem críticos que vêm tudo pela superfície e não querem descer ao âmago das produções da inteligência, onde se encontram elementos muito mais nobres e belos, o estudo da alma humana, do que àqueles que se confinam apenas às normas literárias e aos cânones da gramática. Apegam-se tais críticos, à letra que mata, deixando de lado o espírito que vivifica”⁶⁶.

Perceber esse espírito que vivifica é perceber que o uso da linguagem com criatividade e consciência faz com que o homem consiga, através de códigos e signos, produzir sons variados e significados com representações infinitas e que estes códigos estruturam e difundem sua língua, seus costumes, enfim, sua (uma) ideologia. Neste sentido, é possível afirmarmos que a linguagem humana mostra-se intimamente relacionada à interação de sujeitos, cultura, posição social, época, lugar, conhecimentos e sentimentos.

⁶⁴ THIAGO, Arnaldo S. *História da Literatura Catarinense*. Rio de Janeiro, 1957.

⁶⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra: um livro para toda gente e para ninguém*. São Paulo: Cultura Moderna, 1930.

⁶⁶ THIAGO, Arnaldo S. *História da Literatura Catarinense*. Rio de Janeiro, 1957, p. 26.

Portanto, é primordial que analisemos criticamente as formas em que as diferentes linguagens (oral, auditiva e visual) estão sendo utilizadas pelos meios de comunicação e como estas informações podem ser conduzidas. É preciso que consideremos o verdadeiro valor da linguagem e o verdadeiro valor da tecnologia para seus usuários. As diferentes linguagens, entendidas como toda e qualquer forma de comunicação, são frutos da adaptação pessoal, social e da idéia; dessa forma é uma experiência sócio-cultural. São elas, pois, determinantes fundamentais da vida humana; sem o social as diferentes linguagens não existiriam.

Ter o domínio não só da palavra, mas também dos recursos tecnológicos como apoio no processo de construção do conhecimento é possível e imprescindível na sociedade atual. Para Bakhtin⁶⁷, a palavra é um signo ideológico por excelência e registra as menores variações sociais, ou seja, serve como um indicador de mudanças. Para ele, todo signo é ideológico, podendo se apresentar também como gestos, sinais e expressões das mais diversas formas. Dessa forma, a linguagem utilizada pela tecnologia é um indicativo de mudança. É preciso que se entenda que o domínio ideológico do conhecimento, muito utilizado pelos meios de comunicação, resulta da associação de palavras, imagens e sons, mas esse conhecimento também pode ser utilizado a serviço da cultura.

A literatura se manteve praticamente à margem da tecnologia, com seu uso restrito à confecção de livros, enquanto em outros setores da sociedade o avanço tecnológico progride e facilita a comunicação. No entanto, ao invés de simplesmente usar, é importante ousar, criar, inventar, sugerir, desafiar novos caminhos.

“As novas tecnologias’ foram elevadas à dignidade de um conceito, tornando-se emblema salvador da modernidade em crise, seu sinal de unificação. E, entre elas, a Informática aparece como uma tecnologia que está mudando nosso modo de viver, pensar e trabalhar, gerando, com a automação da memória e a programação, quiçá uma ‘revolução Informática’, com implicações tanto técnicas quanto ideológicas”⁶⁸.

É importante ressaltar, que o poeta Alcides Buss e sua obra alcançaram a “fresta de luz” do reconhecimento nacional e internacional (como muitos outros escritores de nosso estado). Parte desse reconhecimento deve-se pela facilidade com que as informações podem ser veiculadas nos diferentes meios de propagação de informações, além, é claro, da qualidade de seu trabalho.

⁶⁷ BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8. Ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1995, p. 95.

⁶⁸ CHESNEAUX. Revista eletrônica Conect@). 1995, p. 109.

Em contrapartida ao reconhecimento fora do estado, reina o pouco conhecimento de sua obra pelos próprios catarinenses, portanto, com o entrelaçamento entre literatura e tecnologia, através da produção do cederrom literário sobre o poeta Alcides Buss e sua obra, pretendemos alcançar a transposição de fronteiras na literatura, presentificando o valor poesia produzida em Santa Catarina.

Na verdade, esse projeto de re-conhecimento e valoração da Literatura produzida em nosso estado faz parte de um movimento de vários profissionais engajados na promoção e propagação dos escritores que aqui deixaram (e deixam) suas marcas. Destaque para pesquisadores como Arnaldo S. Thiago, Antonio Hohfeldt, Celestino Sachet, Zahidé Muzart e Lauro Junkes; destaque também para o projeto *Portal Catarina*.

O *Portal Catarina* é um esforço conjunto entre o NUPILL⁶⁹ e grupos de pesquisa de diversas universidades catarinenses, bem como, da Academia Catarinense de Letras, cujo objetivo, além de recuperar, catalogar, digitalizar é ainda disponibilizar o acervo, através do meio digital, visando o re-conhecimento dessa produção.

Salientando que, definir a existência de uma identidade catarinense é uma atitude precoce, frente à heterogeneidade apresentada na formação do estado: grupos sociais, culturas, idiomas, interesses, classes, gênero, enfim, diversas categorias que determinam características diferenciadas à produção. Não podemos negar, portanto, que existe o “espírito” literário, no entanto, com um corpo multifacetado de influências e, ainda sem identidade.

⁶⁹ NUPILL – O Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística, da Universidade Federal de Santa Catarina vem atuando a mais de 12 anos, objetivando a propagação da Literatura por meio digital, disponibilizando aos interessados “a maior **biblioteca digital** de Literatura Brasileira com o maior **banco de dados** de história literária brasileira do mundo”. Disponível em <<http://www.nupill.org>> Acesso em setembro de 2008

6. ORGANIZAÇÃO DO CEDERROM LITERÁRIO “ALCIDES BUSS: POMAR DE POSSIBILIDADES”

*“Não há uma seqüência de leitura preestabelecida
cabe ao leitor fazer a escolha, ou melhor,
a construção de seu percurso textual de leitura”.*

Alckmar Luiz dos Santos

A criação do cederrom literário “Alcides Buss: Pomar de Possibilidades” apresenta uma escrita *hipertextual*, que se organiza a partir de fragmentos de textos diversos que são conectados uns aos outros através de *links*. Por meio destes *links* o leitor estabelece seu roteiro de leitura que, na verdade, nada mais é do que uma sucessão de planos de leitura. O texto não se apresenta por inteiro, está oculto, só se mostra quando for solicitado pelo leitor ao acionar um ícone, este acionará um *link* que estabelecerá a conexão entre os textos. Estamos, portanto, diante de uma leitura diferenciada do livro impresso.

É importante salientar que neste tipo de hipertexto não há uma organização linear como no papel, trata-se de um sistema de escrita não-sequencial e não hierárquico. Portanto, em cada *click* o texto é reorganizado pelas escolhas efetuadas pelo leitor.

O cederrom literário apresenta duas barras: uma vertical e outra horizontal, em ambas, vários ícones para acessar outras páginas e assim sucessivamente.

Na barra horizontal (cabeçalho) encontraremos:

- **Capa:** página inicial do cederrom.
- **Introdução:** apresenta um texto explanando as intenções em desenvolver o cederrom.
- **Panorama da literatura:** contextualização da Literatura, abordando algumas características literárias que marcaram e influenciaram a poesia de Alcides Buss, bem como, a relevância da Literatura Catarinense no contexto cultural nacional.
- **Biografia:** descrição da vida do autor, além de uma biografia poética construída com fragmentos da própria obra do autor.

- **Obras:** relação completa de todas as obras do autor, inclusive com a criação de um banco de dados com as poesias criadas durante esses 30 anos dedicados à Literatura
- **Sobre o CD Literário:** dados sobre a produção do cederrom.

Na barra vertical encontraremos:

- **Fortuna crítica:** apresenta uma lista com todos os livros do poeta, uma poesia selecionada de cada livro e as opiniões e/ou comentários de críticos e/ou escritores sobre a obra de Alcides Buss, demonstrando dessa forma sua relevância para a Literatura Catarinense.
- **Varal Literário:** Mostrar a relevância do escritor na criação dessa atividade de expressão artística, que visava combater as adversidades que a leitura vinha sofrendo, principalmente sua segregação promovida pelos meios de comunicação em massa. O objetivo era mostrar que uma poesia exposta, escancarada, sem se direcionar a um público-alvo-padrão poderia fazer da Literatura, realmente algo atrativo e, principalmente, vivo.
- **Livro em movimentação:** propunha que o livro de poesia não fosse nem comprado nem vendido, mas que cada leitor repasse o livro a outro, e assim sucessivamente.
- **Escritores citados:** relação de outros escritores mencionados em citações intra e extra textuais, com sugestões de sites para busca de informações complementares;
- **Além das fronteiras:** relação de alguns países onde a obra de Buss foi utilizada.
- **Poesia falada/musicada:** apresentação de alguns poemas apresentados de forma diferenciada.
- **Prêmios:** relação dos prêmios como forma de reconhecimento da relevância do trabalho do professor Alcides Buss ao longo de sua carreira, tanto no magistério quanto na literatura;
- **Entrevista:** entrevistas cedidas à equipe produtora do cederrom.
- **Galeria de Imagens:** fotos da carreira e de situações diversas;
- **Links:** outros endereços de sites que possam ser úteis.
- **Questionários:** jogos de conhecimento sobre o autor, obras e literatura;

A página principal do cederrom (intitulada capa) apresenta em seu *menu* de opções no cabeçalho:

a) **Capa:** página de apresentação.

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa Introdução Panorama da Literatura Biografia Obras Sobre o CD Literário

-  Fortuna crítica
-  Varal literário
-  Livro em movimentação
-  Escritores citados
-  Além das fronteiras
-  Poesia falada/musicada
-  Prêmios
-  Entrevista
-  Galeria de imagens
-  Links
-  Questionários

ALCIDES BUSS:

POMAR DE POSSIBILIDADES

Conheça Suas Obras

 **Ao longo de 30 anos a poesia tem sido aprimorada**
Essa experimentação poética mostra a maleabilidade da obra e do autor. Ambos unidos pelo mesmo olhar livre.



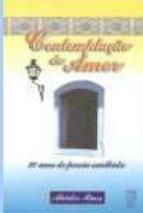
ALCIDES BUSS

Poeta
Cataminense

30 anos
de poesia

Últimas Obras

Contemplação do Amor



Lançado em 14 de Maio de 2002: [30 anos de poesia escolhida](#). Com texto introdutório do Professor [Lauro Junkes](#).

A criação de um itinerário poético que expressa toda a subjetividade em 30 anos de poesia.

Olhar a Vida



Lançado em 2007 " (...) Uma atuação marcante na cena contemporânea brasileira nas últimas décadas, sempre em favor da palavra poética." (Cláudio Willer)

Cadernos da Noite



Romper limites, penetrar no

Pomar de Palavras



A poesia e a natureza integram-se, partindo da água que dá a vida e purifica a alma, a poesia segue entrecortada pela sinestesia em um pomar se inúmeras possibilidades, onde as palavras provocam os mais saborosos sonhos e desejos.

b) Introdução: breve explanação sobre as intenções em desenvolver este trabalho, dando pistas sobre o conteúdo a ser abordado.

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa	Introdução	Panorama da Literatura	Biografia	Obras	Sobre o CD Literário
------	------------	------------------------	-----------	-------	----------------------

-  Fortuna crítica
-  Varal literário
-  Livro em movimentação
-  Escritores citados
-  Além das fronteiras
-  Poesia falada/musicada
-  Prêmios
-  Entrevista
-  Galeria de imagens
-  Links
-  Questionários

INTRODUÇÃO

A organização da sociedade moderna, por alguns, chamada de sociedade tecnológica, exige de nós, indivíduos-sujeitos e dependentes dessa nova maneira de encarar a realidade (ou uma supra-realidade), conhecer e dominar as diferentes mídias, utilizando-as em nosso benefício. Portanto, a utilização desses recursos pode ser observada em todas as áreas, e as artes não poderiam ficar alheias a esta enxurrada de tecnologias das quais estamos à mercê.

Conhecer os diferentes conceitos dados à Literatura e à Poesia ao longo da História é fundamental para que, entendamos as características que fundamentam essa experimentação literária, principalmente no campo da poesia, percebemos uma ampla diversidade de suscitar pesquisas e debates quanto a essa experimentação poética, utilizando não só o computador como auxílio, mas todas as ferramentas (softwares) disponíveis e possíveis de adaptação a essa nova poética - uma nova possibilidade de apresentar ou de criar poesia (que não será a nossa preocupação). Portanto, a elaboração de um projeto para a produção de um CD Literário de um poeta catarinense objetiva mostrar toda a potencialidade de sua poesia, bem como, a importância de sua obra para a formação de um grupo Literário Catarinense relevante na poesia nacional, permitindo ainda que haja um casamento entre Literatura e Tecnologia, que essa união promova uma nova forma de linguagem e de comunicação, que ao utilizar o computador, lança a obra literária para além das páginas do livro, buscando o infinito.

Além de promover uma análise da obra do artista e colocá-lo em um lugar privilegiado, há ainda a preocupação com um leitor - na sua grande maioria - escravos do tempo (não o tempo dionisiaco, mas o cronológico) ávido por informação, mas que prima pela praticidade. Essa praticidade, em nenhum momento será a redução da obra, mas uma forma diferenciada de apresentação com a utilização de uma nova tecnologia na qual o leitor é quem fará a linearidade do texto. Portanto, uma das preocupações, será justamente, que o leitor-navegador crie um curso para sua leitura, tenha liberdade para estabelecer prioridades e a seqüência das informações, será um novo olhar sob o objeto literário.

A preocupação não será somente com essa praticidade dada ao leitor, mas também com a "valorização" dada à Literatura produzida em Santa Catarina como forma de expressão de um grupo "menor", mas de modo algum inferior a outro. Pelo contrário, mostrar aos leitores que temos uma poesia consistente no Estado (além de Cruz e Sousa, Luis Delfino e outros) como é o caso do poeta Alcides Buss, há mais de três décadas de expressão poética com mais de vinte livros lançados, conhecido e apreciado em outros estados e até internacionalmente, mas, muitas vezes, pouco "reconhecido" como par pelos próprios catarinenses (ressalva: entende-se por catarinense, todo aquele que vive entre as fronteiras de nosso Estado). Adequar a tecnologia à poesia, principalmente à Catarinense, é mostrar que mesmo sendo uma "literatura menor" (não no sentido de valor, mas por tratar-se de uma minoria) poderá destacar-se por quebrar barreiras e utilizar a tecnologia para alçar vôo ou como dizia Kafka que as minorias estavam à espreita de uma brecha de luz para destacaram-se e, quem sabe, não seja dessa forma que a Literatura produzida em Santa Catarina (Literatura Catarinense) consiga atingir o espaço a ela reservado.

No entanto, essa posição de destaque ainda permanece vaga, pois é pequena a parcela da crítica que reconhece seu valor como Literatura. Mas para que ocorra essa valorização e, quem sabe, uma posterior criação ou transformação da consciência literária, é preciso que se desenvolva um processo mutacional da visão pré-existente do que é um poeta

INTRODUÇÃO

A organização da sociedade moderna, por alguns, chamada de sociedade tecnológica, exige de nós, indivíduos-sujeitos e dependentes dessa nova maneira de encarar a realidade (ou uma supra-realidade), conhecer e dominar as diferentes mídias, utilizando-as em nosso benefício. Portanto, a utilização desses recursos pode ser observada em todas as áreas, e as artes não poderiam ficar alheias a esta enxurrada de tecnologias à mercê das quais estamos.

Conhecer os diferentes conceitos dados à Literatura e à Poesia ao longo da História é fundamental para que entendamos as características que fundamentam essa experimentação literária. Principalmente no campo da poesia, percebemos uma ampla diversidade de suscitar pesquisas e debates quanto a essa experimentação poética, utilizando não só o computador como auxílio, mas todas as ferramentas (*softwares*) disponíveis e possíveis de adaptação a essa nova poética - uma nova possibilidade de apresentar ou de criar poesia (esta não será a nossa preocupação). Portanto, a elaboração de um projeto para a produção de um Cederrom Literário de um poeta catarinense objetiva mostrar a potencialidade de sua poesia, bem como, a importância de sua obra para a formação de um grupo Literário Catarinense relevante na poesia nacional. Permitirá, ainda, que haja um casamento entre Literatura e Tecnologia, que essa união promova uma nova forma de linguagem e de comunicação que, ao utilizar o computador, lança a obra literária para além das páginas do livro, buscando o infinito.

Além de promover uma análise da obra do artista e colocá-lo em um lugar privilegiado, há ainda a preocupação com um leitor, na sua grande maioria escravo do tempo (não o tempo dionisíaco, mas o cronológico), ávido por informação, mas que prima pela praticidade. Essa praticidade, em nenhum momento, será a redução da obra, mas uma forma diferenciada de apresentação, com a utilização de uma nova tecnologia, na qual o leitor é quem fará a linearidade do texto. Portanto, uma das preocupações será justamente que o leitor-navegador crie um curso para sua leitura, tenha liberdade para estabelecer prioridades e a seqüência das informações, experimentando um novo olhar sob o objeto literário.

A preocupação não será somente com essa praticidade dada ao leitor, mas também com a “valoração” dada à Literatura produzida em Santa Catarina como forma de expressão de um grupo “menor”, mas de modo algum inferior a outro. Pelo contrário, mostrar aos leitores que temos uma poesia consistente no Estado (além de Cruz e Sousa, Luís Delfino e outros) como é o caso do poeta Alcides Buss, com mais de três décadas de expressão poética,

consolidado em mais de vinte livros lançados, conhecido e apreciado em outros estados e até internacionalmente, mas, muitas vezes, pouco “reconhecido” como par pelos próprios catarinenses (ressalva: entende-se, aqui, por catarinense, todo aquele que vive entre as fronteiras de nosso Estado). Adequar a tecnologia à poesia, principalmente à Catarinense, é mostrar que, mesmo sendo uma “literatura menor” (não no sentido de valor, mas por tratar-se de uma minoria), poderá destacar-se por quebrar barreiras e utilizar a tecnologia para alçar vôo, ou como dizia Kafka, que as minorias estavam à espreita de uma brecha de luz para destacaram-se e, quem sabe, não seja dessa forma que a Literatura produzida em Santa Catarina (Literatura Catarinense) consiga atingir o espaço a ela reservado.

No entanto, essa posição de destaque ainda permanece vaga, pois é pequena a parcela da crítica que reconhece seu valor como Literatura. Para que ocorra essa valorização e, quem sabe, uma posterior criação ou transformação da consciência literária, é preciso que se desenvolva um processo mutacional da visão pré-existente do que é um poeta catarinense e, quem sabe, com a utilização de meios eletrônicos para a apresentação-divulgação desse fazer literário, posteriormente, possa maturar através de gerações tecnologicamente mais ativas e mais acostumadas com a veiculação de uma identidade catarinense.

c) **Panorama da Literatura:** breve contextualização da literatura; características literárias que marcaram e influenciaram a poesia de Alcides Buss, bem como, a relevância da Literatura Catarinense no contexto cultural nacional. Apresenta ainda a Bibliografia utilizada no texto, clicando sobre cada número, aparecerá a referência bibliográfica utilizada.

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa
Introdução
Panorama da Literatura
Biografia
Obras
Sobre o CD Literário

-  Fortuna crítica
-  Varal literário
-  Livro em movimentação
-  Escritores citados
-  Além das fronteiras
-  Poesia falada/musicada
-  Prêmios
-  Entrevista
-  Galeria de imagens
-  Links
-  Questionários

PANORAMA DA LITERATURA

Páginas: [01](#) [02](#) [03](#)

Falar de Literatura Catarinense ou Literatura produzida em Santa Catarina é, sem dúvida, assunto polêmico, pois estaremos falando de uma minoria, como dissera Kafka¹ de "uma literatura menor", menor não sentido de valorização, mas por representar um grupo minoritário dentro de um contexto que busca representar (ou seguir) uma identidade nacional (muitas vezes ditada por uma outra minoria com maior expressividade no país). O importa realmente é valorizar todo e qualquer artista, pois indiferente de notoriedade, a maioria tem em comum a expressão de sensações e percepções sobre o mundo e isso deve ser respeitado e não desestimulado. Percebemos ainda que há escritores que não querem a fama, querem apenas escrever sem compromisso em agradar este ou aquele, apenas expressar seus sentimentos. Kafka defendia ainda que, esses pequenos grupos seriam os que abririam espaços e fariam a diferença, pois pressupõe que o nacional já seja conhecido. Essas minorias seriam os espaços de convergência, a fresta para iluminar o ambiente sombrio, referindo-se ao nosso Estado, percebe-se claramente que, as referências literárias que nos representam, em sua maioria, devem-se ao fato de terem ingressado no eixo cultural do país ou anos mais tarde seu reconhecimento pelo valor da obra.

Perceber que essa minoria literária representa um estado inteiro e, estado este que foi formado a partir de tantas outras minorias, excluídas de seus países e, ao abraçarem o estado tornaram-se um grupo significativo com culturas bastante diferenciadas tomando nosso povo fonte de experiências riquíssimas, portanto não temos um tipo catarinense definido.

Dessa forma, não podemos dissociar a produção literária com a colonização, ambas estão diretamente relacionadas. O fato de não termos um tipo catarinense deve-se a uma população formada por várias etnias, aspecto esse que também interferiu na formação da cultura, pois "a produção literária nasce do homem que se enraíza na situação de um determinando tempo e lugar."² Portanto, "como é o homem 'catarinense' que produzirá uma literatura 'catarinense'?"

Com essa identidade cultural multifacetada a produção literária em Santa Catarina apresenta uma variação de estilos, desde escritores já canonizados até escritores cuja única preocupação é mostrar a realidade local, sem maiores pretensões simplesmente pelo prazer de escrever. E, aos poucos, a identidade catarinense está sendo apresentada...

PANORAMA DA LITERATURA

Falar de Literatura Catarinense ou Literatura produzida em Santa Catarina é, sem dúvida, assunto polêmico, pois estaremos falando de uma minoria, como dissera Kafka⁷⁰ de “uma literatura menor”, menor não no sentido de valorização, mas por representar um grupo minoritário dentro de um contexto que busca representar (ou seguir) uma identidade nacional (muitas vezes ditada por outra minoria com maior expressividade no país). O importa realmente é valorizar todo e qualquer artista, pois, indiferentemente de notoriedade, a maioria tem em comum a expressão de sensações e percepções sobre o mundo, e isso deve ser respeitado e não desestimulado. Percebemos, ainda, que há escritores que não querem a fama, querem apenas escrever sem compromisso em agradar este ou aquele, apenas expressar seus sentimentos. Kafka defendia ainda que, esses pequenos grupos seriam os que abririam espaços e fariam a diferença, pois pressupõe que o nacional já seja conhecido. Essas minorias seriam os espaços de convergência, a fresta para iluminar o ambiente sombrio, referindo-se ao nosso Estado, percebe-se claramente que, as referências literárias que nos representam, em sua maioria, devem-se ao fato de terem ingressado no eixo cultural do país ou anos mais tarde seu reconhecimento pelo valor da obra.

Perceber que essa minoria literária representa um estado inteiro, formado a partir de tantas outras minorias excluídas de seus países, que ao abraçarem o estado se tornaram um grupo significativo com culturas bastante diferenciadas, tornando nosso povo fonte de experiências riquíssimas. Entretanto, devido a esse mosaico étnico, não temos um tipo catarinense definido e uniforme.

Não podemos dissociar a produção literária do povoamento e da colonização, com que se mantém diretamente relacionada. O fato de não termos um tipo catarinense deve-se a uma população formada por várias etnias, aspecto esse que também interferiu na formação da cultura, pois “a produção literária nasce do homem que se enraíza na situação de um

⁷⁰ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio, Imago, 1977.

determinando tempo e lugar”⁷¹. Indagamos, então, como se caracteriza o homem ‘catarinense’ que produzirá uma literatura ‘catarinense’?

Com essa identidade étnico-cultural multifacetada, a produção literária do estado apresenta uma variação de estilos, desde escritores já canonizados até escritores cuja única preocupação é mostrar a realidade local, sem maiores pretensões simplesmente pelo prazer de escrever. E, aos poucos, a identidade catarinense está sendo definida...

“A literatura catarinense pretende ser uma visão/civilização/sociológico e gostaria de proclamar que a Literatura de Santa Catarina não reside no valor isolado de um autor ou de uma obra, mas no conjunto de toda a produção/manifestação de uma forma de ser, de pensar e de agir”⁷².

Diante dessa colcha de retalhos em que Santa Catarina está envolta alguns ainda questionam se “A literatura catarinense (produzida em Santa Catarina e escrita sobre a experiência de vida catarinense) precisa ser mais valorizada? Certamente. Se não por seus méritos literários extraordinários, então pelo que tem a revelar sobre o que somos como grupo social regional”⁷³.

Ao longo da história literária de Santa Catarina, vários autores destacaram-se na busca incessante para provar a existência ou não de uma Literatura Catarinense. No entanto, foram unânimes em afirmar que, pelo fato do estado ser matizado pelos mais variados grupos humanos essa heterogeneidade influenciou diretamente na Literatura.

Para JUNKES⁷⁴ a denominação de uma Literatura “Catarinense” torna-se irrelevante diante da comprovação que autores e obras produzidas neste estado contêm valores estéticos e humanos. Valores esses que denotam uma produção literária de qualidade e com características específicas.

⁷¹ MELO, Oswaldo Ferreira de. *Introdução à história da Literatura Catarinense*. 2. ed. Florianópolis: Editora Movimento, 1980, p. 09.

⁷² SACHET, Celestino. *A literatura catarinense*. Florianópolis: Lunardelli, 1985, p 08.

⁷³ SACHET, Celestino & SOARES, Iaponan. *Presença da literatura catarinense*. Florianópolis: Lunardelli, 1989, p.51.

⁷⁴ JUNKES, Lauro. *O mito e o rito: uma leitura de autores catarinenses*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1987, p. 15.

Em 1957, Arnaldo S. THIAGO⁷⁵ afirmou que existiam dois grupos de escritores catarinenses: os que passaram a viver no eixo cultural de São Paulo e que conseguiram reconhecimento justamente por abandonarem o estado, e os de notável cultura que ficaram no estado e conseqüentemente tiveram todas as suas atividades confinadas ao âmbito catarinense. Atualmente, graças à tecnologia, muitos escritores que optaram por permanecer no estado não têm mais essa perspectiva.

Conforme Nietzsche⁷⁶, que apresenta as três transformações em *Assim falava Zaratustra*,

“o espírito se transforma em camelo, o camelo em leão e o leão em criança. Após esse rito de passagem o surgimento e a sobrevivência da criança com sua inocência seria um começar de novo, ou seja, o passado é desafiado como origem, e a criança livre da culpa pelo seu passado faz com que essa transformação seja a vingança dessa origem. Dentre essa reformulação dos valores, o surgimento do pensamento de um homem mortal, cujo querer situa-se na perspectiva do presente, de um tempo que dispomos e não mais baseada em um tempo dionisíaco”.

Esse rito de passagem reflete basicamente a história da Literatura Catarinense que precisa situar-se no presente, nesse tempo, para permitir que essa criança cresça e, se torne um super-homem que fala

“da vida natural em suas legítimas expansões intelectuais (...) e não os artifícios convencionais, a que orgulhosamente os constroem críticos que vêm tudo pela superfície e não querem descer ao âmago das produções da inteligência, onde se encontram elementos muito mais nobres e belos, o estudo da alma humana, do que àqueles que se confinam apenas às normas literárias e aos cânones da gramática. Apegam-se tais críticos, à letra que mata, deixando de lado o espírito que vivifica”⁷⁷.

Perceber esse espírito que vivifica é perceber que o uso da linguagem com criatividade e consciência faz com que o homem consiga através de códigos e signos produzir sons variados e significados com representações infinitas e que estes códigos estruturam e difundem sua língua, seus costumes, enfim, sua (uma) ideologia. Neste sentido, é possível afirmarmos que a linguagem humana mostra-se intimamente relacionada à interação de sujeitos, a cultura, posição social, época, lugar, conhecimentos e sentimentos.

Portanto, é primordial que analisemos criticamente as formas em que as diferentes linguagens (oral, auditiva e visual) estão sendo utilizadas pelos meios de comunicação e como

⁷⁵ THIAGO, Arnaldo S. *História da Literatura Catarinense*. Rio de Janeiro, 1957.

⁷⁶ NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra: um livro para toda gente e para ninguém*. São Paulo: Cultura Moderna, 1930.

⁷⁷ THIAGO, Arnaldo S. *História da Literatura Catarinense*. Rio de Janeiro, 1957, p. 26.

estas informações podem ser conduzidas. É preciso que consideremos o verdadeiro valor da linguagem e o verdadeiro valor da tecnologia para seus usuários. As diferentes linguagens são entendidas como toda e qualquer forma de comunicação são frutos da adaptação pessoal, social e da idéia, dessa forma é uma experiência sócio-cultural. Sendo elas determinantes fundamentais da vida humana, sem o social as diferentes linguagens não existiriam.

Ter o domínio não só da palavra, mas também dos recursos tecnológicos como apoio no processo de construção do conhecimento é possível e imprescindível na sociedade atual. Para Bakhtin⁷⁸, a palavra é um signo ideológico por excelência e registra as menores variações sociais, ou seja, serve como um indicador de mudanças. Para ele, todo signo é ideológico, podendo se apresentar também como gestos, sinais e expressões das mais diversas formas. Dessa forma, a linguagem utilizada pela tecnologia é um indicativo de mudança. É preciso que se entenda que o domínio ideológico do conhecimento que é muito utilizado pelos meios de comunicação que é a associação de palavras, imagens e sons, mas esse conhecimento também pode ser utilizado a serviço da cultura.

A Literatura que se manteve praticamente à margem da tecnologia com seu uso restrito à confecção de livros, enquanto em outros setores da sociedade o avanço tecnológico progride e facilita à comunicação. No entanto, ao invés de simplesmente usar, é importante ousar, criar, inventar, sugerir, desafiar novos caminhos.

“‘As novas tecnologias’ foram elevadas à dignidade de um conceito, tornando-se emblema salvador da modernidade em crise, seu sinal de unificação”. E, entre elas, a Informática aparece como uma tecnologia que está mudando nosso modo de viver, pensar e trabalhar, gerando, com a automação da memória e a programação, quiçá uma ‘revolução Informática’, com implicações tanto técnicas quanto ideológicas”⁷⁹.

É importante ressaltar, que o poeta Alcides Buss e sua obra alcançaram a “fresta de luz” do reconhecimento nacional e internacional (como muitos outros escritores de nosso estado). Parte desse reconhecimento deve-se pela facilidade com que as informações podem ser veiculadas nos diferentes meios de propagação de informações, além, é claro, da qualidade de seu trabalho.

Em contrapartida ao reconhecimento fora do estado, reina o pouco conhecimento de sua obra pelos próprios catarinenses, portanto, com o entrelaçamento entre literatura e

⁷⁸ BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8. Ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 1995, p. 95.

⁷⁹ CHESNEAUX. Revista eletrônica Conect@). 1995, p. 109.

tecnologia, através da produção do cederrom literário sobre o poeta Alcides Buss e sua obra, pretendemos alcançar a transposição de fronteiras na literatura, presentificando o valor poesia produzida em Santa Catarina.

Na verdade, esse projeto de re-conhecimento e valorização da Literatura produzida no estado faz parte de um movimento de vários profissionais engajados na promoção e propagação dos escritores que aqui deixaram (e deixam) suas marcas. Destaque para pesquisadores como Arnaldo S. Thiago, Antonio Hohfeldt, Celestino Sachet, Zahidé Muzart e Lauro Junkes; destaque também para o projeto *Portal Catarina*.

O *Portal Catarina* é um esforço conjunto entre o NUPILL (Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina) e grupos de pesquisa de diversas universidades catarinenses, bem como, da Academia Catarinense de Letras, cujo objetivo, além de recuperar, catalogar, digitalizar é ainda disponibilizar o acervo, através do meio digital, visando o re-conhecimento dessa produção.

Salientando que, definir a existência de uma identidade catarinense é uma atitude precoce, frente à heterogeneidade apresentada na formação do estado: grupos sociais, culturas, idiomas, interesses, classes, gênero, enfim, diversas categorias que determinam características diferenciadas à produção. Não podemos negar, portanto, que existe o “espírito” literário, no entanto, com um corpo multifacetado de influências e, ainda sem identidade.

d) **Biografia:** descrição da vida do autor, além de uma biografia poética construída com fragmentos da sua própria poesia.

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa	Introdução	Panorama da Literatura	Biografia	Obras	Sobre o CD Literário
------	------------	------------------------	-----------	-------	----------------------

- Fortuna crítica
- Varal literário
- Livro em movimentação
- Escritores citados
- Além das fronteiras
- Poesia falada/musicada
- Prêmios
- Entrevista
- Galeria de imagens
- Links
- Questionários

BIOGRAFIA

Páginas: [01](#) [02](#) [03](#)

BIOGRAFIA POÉTICA

Falar da biografia deste poeta, cujos pais Verônica Loch Buss e Érico Buss receberam no ano de 1948 o segundo filho dos onze que teriam, essa família ainda pequena residia em Ribeirão Grande, atual Salete – SC. A vida sempre nos ensina a sonhar, a procurar novos caminhos, então em 1949 a família transfere-se para Trombudo Central, lá o pai se dedicaria à marcenaria. A procura não cessara, mas dessa vez a família cruza as fronteiras do estado, aportando na cidade de Medianeira no vizinho estado do Paraná, nessa época Alcides estava com sete anos e já estava na hora de aprender a ler e a escrever, coisas que seriam a base de seu futuro como escritor e professor.

Sua família era extremamente religiosa e, em 1961, sua mãe o convence a ingressar no seminário e lá se vai o menino para o Seminário Nossa Senhora de Fátima, em Taió, nesse período destaca-se pelas suas habilidades artísticas – o desenho. No entanto, percebeu que não tinha vocação para o celibato e decidiu ir para Cascavel, PR (em 1963), lá termina o Ensino Fundamental (antigo ginásio) destacando-se também como melhor aluno da turma. No ano seguinte (1964), cumpriu suas obrigações com o serviço militar e em seus momentos de solidão produziu muitos poemas, que mais tarde queimaria. A destruição de seus primeiros escritos, feita "não sem alguma cerimônia" pelo autor, indica um passo importante rumo à preocupação com a qualidade de sua poesia. Com o intuito de continuar a estudar, em 1967 muda-se mais uma vez, nesta ocasião para Joinville. Nesta cidade trabalha como barman, bancário e professor. Dois anos depois ingressa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Joinville, atuando no magistério e no jornalismo. Vivendo em constante contato com as letras, sua preferência – escrever - vem à tona ao tornar-se editor do jornal O Acadêmico, o suplemento D.A. Cultura do Jornal de Joinville, e também colabora com o Jornal de Letras do Rio de Janeiro.

Um ano depois, sob influência não só das musas inspiradoras, mas através de muito trabalho, publica seu primeiro livro: Círculo Quadrado. Já em 1971, outro rebento surge O Bolso ou a vida?, com este livro classifica-se em primeiro lugar no I Festival de Poesia Universitária, cujo prêmio é a publicação do livro, esses dois lançamentos deram notoriedade ao seu nome e a Literatura Catarinense, ambos despontavam no cenário literário. Sua experimentação poética vem à tona quando, em 1972 organiza uma exposição de poemas experimentais em plástico transparente que percorre, além de Florianópolis, outras cidades do interior. Em 1973, após casar-se com Denise Nascimento muda-se para a capital do estado, onde ingressa no curso de pós-graduação em Literatura Brasileira, na UFSC.

BIOGRAFIA

Falar da biografia deste poeta inicia com os pais, Verônica Loch Buss e Érico Buss, que receberam no ano de 1948 o segundo filho dos onze que teriam. Essa família ainda pequena residia em Ribeirão Grande, atual Salete – SC. Como a vida sempre ensina a sonhar, a procurar novos caminhos, em 1949 a família transfere-se para Trombudo Central. Lá o pai se dedica à marcenaria. A procura não cessara, e dessa vez a família cruza as fronteiras do estado, aportando na cidade de Medianeira, no vizinho estado do Paraná. Nessa época, Alcides estava com sete anos e já estava na hora de aprender a ler e a escrever, o que seria a base de seu futuro como escritor e professor.

Sua família era extremamente religiosa e, em 1961, sua mãe o convence a ingressar no seminário. Lá se vai o menino para o Seminário Nossa Senhora de Fátima, em Taió. Nesse

período, destaca-se pelas suas habilidades artísticas – o desenho. No entanto, percebeu que não tinha vocação para o celibato e decidiu ir para Cascavel, PR (em 1963), onde termina o Ensino Fundamental (antigo ginásio), destacando-se também como melhor aluno da turma. Com o intuito de continuar a estudar, em 1967, muda-se mais uma vez, então para Joinville, onde conclui o segundo grau e, em 1968, conclui também o serviço militar e em seus momentos de solidão, produziu muitos poemas, que mais tarde queimaria. A destruição de seus primeiros escritos, feita “não sem alguma cerimônia”, indica um passo importante rumo à preocupação com a qualidade de sua poesia. Nessa cidade trabalha como “*barman*”, bancário e professor. Já, em 1969, ingressa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Joinville, atuando no magistério e no jornalismo. Vivendo em constante contato com as letras, sua preferência – escrever - vem à tona ao tornar-se editor do jornal *O Acadêmico*, o suplemento D.A. Cultura do Jornal de Joinville, e também colabora com o *Jornal de Letras* do Rio de Janeiro.

Um ano depois, sob influência não só das musas inspiradoras, mas através de muito trabalho, publica seu primeiro livro: *Círculo Quadrado*. Já em 1971, outro rebento surge *O Bolso ou a Vida?*, com o qual se classifica em primeiro lugar no I Festival de Poesia Universitária, cujo prêmio é a publicação do livro. Esses dois lançamentos deram notoriedade ao seu nome e à Literatura Catarinense. Ambos despontavam no cenário literário. Sua experimentação poética vem à tona quando, em 1972, organiza uma exposição de poemas experimentais em plástico transparente, que percorre, além de Florianópolis, outras cidades do interior. Em 1973, após casar-se com Denise Nascimento, muda-se para a capital do estado, onde ingressa no curso de pós-graduação em Literatura Brasileira, na UFSC.

Decide, em 1974, retornar a Joinville para dirigir a Divisão de Cultura do município, atuando também como professor de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura na Fundação Universitária da Região de Joinville. Nesse período, enquanto foi diretor de cultura, procurou resgatar a cultura popular e tornar as artes em geral acessíveis às massas, engajamento que o tornou conhecido em todo o Brasil. Devido a esse projeto, espetáculos de danças, concertos, recitais eruditos passaram a ser levados a lugares até então inusitados para a Arte (como praças públicas e igrejas). A cidade respirava uma verdadeira popularização da Arte, através de exposições artísticas que circulavam, de forma itinerante, nos bairros da cidade. E a literatura, especialmente a poesia, foi às ruas através de varais literários. Graças a essa época, sobrevivem ainda hoje em Joinville a tradicional Feira de Arte e Artesanato, além da implantação do Museu de Arte, a realização de concursos de jardins nas residências e fábricas

e a instalação da Escola de Dança, semente que se transformou no maior festival de dança da América Latina. A cidade respira cultura e, em 1975, acontece V Coletiva de Artistas de Joinville com Garrafas Poéticas (poemas em vidro). Também coordena a realização do II Encontro de Autores Catarinenses, ocasião em que é criada a Associação de Escritores Catarinenses.

A partir de 1976, edita a revista *Cordão*. Em conjunto com outros escritores joinvilenses, participa com panfletagem poética e poemas experimentais em pano, publica o livro *Ahsim*, destacando a experimentação pela linguagem, característica já presente em seus livros anteriores, recebe ainda o nascimento de sua filha Deluana. No ano seguinte (1977), participa, em Curitiba, da Expoesia III, promovida pelo Centro de Criatividade do Museu Guido Viaro. Em 1978, com o objetivo de difundir a poesia, lança o “Projeto Alçapão – armadilha para o ser cair em si”, composto basicamente de “sanfonas poéticas”.

Em 1980, além do nascimento de seu filho Loreno, ainda há a volta de Alcides a Florianópolis e à UFSC, para lecionar Teoria da Literatura. Na Universidade retoma a experiência dos varais literários iniciada nos anos 70, criando uma das primeiras oficinas literárias do Brasil. Por muito tempo, as oficinas abriram espaço para outras formas de arte, como o cinema. Os varais literários tornaram-se cada vez mais conhecidos e, aos poucos, vão alcançando outras cidades e estados brasileiros. É convidado a participar da exposição Poucos e Raros, na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo. Nesse mesmo ano, publica *O homem e a mulher*. Dois anos (1982) depois, a convite da I Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, leva o varal literário para São Paulo. Nesse ano ainda publica o ensaio *Cobra Norato e a especificidade da linguagem poética* e o livro de poemas *O homem sem o homem*. No ano seguinte (1983) publica a *Antologia do Varal Literário*, cujos textos foram escolhidos pelo público. Com essa publicação, o livro e o varal são levados a várias cidades catarinenses e à Feira do Livro de Porto Alegre. Participa da Mostra Visual da Poesia Brasileira, organizada em Campos e no Rio de Janeiro, por Artur Gomes. Nesse mesmo ano é nomeado para o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSC.

Em 1985 recebe o prêmio Magister, do Sindicato dos Professores do Estado de Santa Catarina, por seu trabalho em prol da poesia, além de publicar o livro *Pessoa que finge a dor*, lançando também o “Movimento de Ação do Livro”, através do qual, parte da tiragem era destinada à circulação livre e popular. De mão em mão, o livro procurava o seu leitor, podendo chegar a um expressivo número de pessoas, nos mais distantes lugares. Publica

também *Sete pavios no ar*. No ano seguinte, foi indicado para o Conselho Editorial da Editora da UFSC, onde coordenou a coleção “Ipsis Litteris”, destinada à criação literária. Participa, no México, da exposição *1984 después de 1984*, patrocinada pela Universidade Nacional Autónoma (I Bienal Internacional de Poesia Visual e Experimental, organizada por Cesar Espinosa).

Sua preocupação com a Literatura é que esta percorra e alcance todas as pessoas, indiferente da idade, profissão ou classe social. Pensando dessa forma, organiza o livro *O professor é um poeta*, aventurando-se, também em 1989, pelos campos da literatura infantil, ao publicar *A poesia do ABC*. Para completar seu envolvimento com a idade pueril, nesse mesmo ano, nasce o filho Hermano. Esse novo caminho trilhado junto ao público infantil lhe rende (em 1990) o prêmio Revelação, da Associação Paulista de Críticos de Arte, pelo livro *A poesia do ABC*. Nesse mesmo ano, participa da coletânea *Poetas Contemporâneos Brasileiros*, da editora gaúcha Garatuja. Em 1991, lança uma coletânea com seus poemas mais significativos sob o título de *Contemplação do amor – vinte anos de poesia escolhida*.

Com a publicação de *Segunda Pessoa* (1987), o poeta apresenta maturidade poética e consolida efetivamente o Movimento de Ação do Livro, além de lançar no seminário nacional “Brasil, a cultura em questão”, realizado em Batatais (SP), o manifesto “Em defesa do livro e da leitura”. Logo no ano seguinte (1988), publica o livro *Transação* e também assume a chefia do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, no Centro de Comunicação e Expressão da UFSC.

O poeta recolhe-se e, após dois anos, surpreende seu público e a crítica pela inovação na forma do poema, no formato do livro e na veiculação da poesia com a publicação de *Natural, Afetivo, Frágil*. Em 1993, participa da coleção Poesia em Santa Catarina com um pequeno conjunto de poemas, *Nenhum Milagre*, além de ser eleito presidente da Associação Brasileira das Editoras Universitárias, para um mandato de dois anos. Seu objetivo foi fortalecer a instituição, efetivando a participação das edições universitárias em todos os eventos nacionais e internacionais mais importantes, também com o intuito de formar uma rede nacional para distribuição e comercialização das edições acadêmicas, que atualmente envolve um número significativo de livrarias, em torno de oitenta.

Ao publicar seu décimo livro (em 1995), *Sinais/Sentidos*, o poeta utiliza-se de múltiplas possibilidades que a linguagem proporciona, oferecendo ao leitor uma

experimentação sensorial. Neste ano ainda, recebeu da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro, a medalha de mérito cultural “Caio Prado Júnior”. Em 1997, recebe a medalha “Manuel Bandeira”, pelo conjunto da obra e passa a presidir (1997-1999) a União Brasileira de Escritores de Santa Catarina. Já em 1998, é agraciado com a Medalha Odilon Lunardelli de Mérito Livreiro.

As possibilidades proporcionadas pela linguagem poética são exploradas também em *Cinza de Fênix & Três Elegias*, publicado em 1999, graças ainda a este livro foi finalista do Prêmio Jabuti 2000. No ano de 2000, com a publicação de *Pomar das Palavras* pela editora Cuca Fresca, atende novamente ao público infanto-juvenil.

Em 2002 com a publicação de *Contemplação do Amor*, seu décimo oitavo livro, mostra toda a trajetória da criação/experimentação do poeta em uma coletânea de poemas produzidos nos últimos trinta anos. No ano seguinte, surpreende com a publicação de *Cadernos da Noite*, no qual reflete a busca do eu-lírico pelo mundo interior, do outro e também da arte. Seu trabalho mais recente *Olhar a Vida*, publicado em 2007 mereceu destaque por estar carregado de subjetivismo, exaltando mais uma vez a boa poesia produzida em nosso estado.

Biografia poética produzida com fragmentos da própria poesia de Buss

Tua forma (em segredo) me contém, ante-fruto e anteparo. Embora externa ao meu corpo, é interna ao meu ser¹. Morreu pra nascer. Em cada pedaço do corpo cravastes os signos da paz². Mas, estranhamente o mundo emerge em estradas, estradas dentro de nós³. E a dúvida que não quer calar: que rumo tomar? De tanto pasmar, vomitamos... (re) partimos (d)o nada⁴. O coração não resiste à malha da escuridão⁵ e o nascimento surge como um momento glorioso e, por um instante há um horizonte fechado no teu ser, encolhido em obscuro canto. Quando o sol penetra teu aço por instantes, um vislumbre te desperta. Mas voltas novamente ao sonho sombrio e frio da massa circundante⁶. Apenas te agarras, bravo, às paredes... Permanece por fora de ti mesmo⁷. Repentinamente um mundo, seguindo te espera – parando-te o levava entre a carne⁸. Era 14 de agosto de 1948. Em suas veias corre um gelo intenso; extenso frio eflui de suas mãos⁹.

Mas há um findar-se saindo do céu; há um findar-se volvendo o mar; há um findar-se entrando na terra. Há um princípio de fim na voz das pessoas; há em tudo o jaguar do batismo¹⁰.

Um ano depois, a mudança é um vislumbre de crescimento e a estrada mais uma vez é a culpada, pois é ela quem permite a busca pelo novo, pelo desconhecido. Ah, *as estradas são negras e secas – guardam no seio a morte traçada; por elas, a velocidade esconde a gente da gente, e trapaça¹¹. Mas ali, ainda não era o lugar¹².*

Em 1955, mudou-se para o oeste paranaense, onde iniciou seus estudos. E a busca continua, mais uma mudança. Mas desta vez sozinho, sozinho para cumprir seu caminho, encontrar seu lugar, fazer sua trajetória. Cumprir o destino traçado pela sua família: ser padre.

*E o pudor faz-se podar,
a rosa faz-se riso,
o rútilo faz-se rótulo.
E o provar faz-se prover,
o medo faz-se moda,
o límpido faz-se lâmpada.
E o devir faz-se dever,
a mira faz-se muro,
a dádiva faz-se dívida¹⁴.*

No seminário, sua altura permite-lhe ser goleiro e,
ao futebol revais
raiar a voz, gritar
o olvido – e comer
a fome de viver.
Cruzas a agrura e esqueces
No reespanto torcido
Do gol que há de ser,
A vitória postiça
Na praxe de perder¹⁵.

Depois da bola, os riscos, os desenhos, o contato com o papel ... e uma consequência que mudaria totalmente sua trajetória - o gosto pela poesia. Poesia esta que o torna poderoso, pois lhe dá o poder da criação

Agora é tarde
- já esvaziaram a tua palavra.
Beberam a tua
Saúde e comeram
O teu labutar!
Só resta o caminho,
Vedado, do re-
Aprender a pensar¹⁶

Entrou *na escola da vida como entra qualquer um, pela luz da poesia¹³*. Quando repensou seus objetivos, percebeu que não tinha vocação para ser padre e, em 1963, deixou o seminário. Pois ali era *a catedral das missas. Ressinto até eco-ecos de metransviar, ficar arquiteturas – osso do colosso¹⁷*! Mais uma mudança, dessa vez para Cascavel (PR), para terminar o ensino fundamental. Ainda era um menino, mas que sonhava em ir além, sair daquela redoma, alçar vôo.

Alta-hora,
Alta-hora,
Sem seios,
Comerciado a vida.
- O senh or compre de mim esse jornal?
- Não. Não possuo tempodeler.

...Aí, tresfítou
 o chão,
 um chãos sem norte.
 Noitão dispersa-se.
 As agências dos olhos
 S entopem.¹⁸

No entanto, esse menino-homem percebeu que era preciso re-aprender a pensar e as necessidades que surgiram provocaram outra mudança. Dessa vez, retorna para Santa Catarina, para Joinville, *Quando subiram ao Estado das veludas borboletas, onde se despe o tempo e o infinito aclara – algo luz e todo nos absorve*¹⁹. A paisagem característica produz emoções e devaneios, talvez até delírios.

O sol já vem furando
As árvores imaginárias
Da FLOresta do além...
Os passarinho em retorno
Se descobrem, se des cobrem.
O espaço confuso
Estende a geografia
O animal a carne.
O céu abre
Umazuldetotoodia
O Riozinho se acorda.
Prédios espiam
Mal e mente.
As ruas ruam, tecem destecem.
O Gesto, o mal, o grito, o jornal.
“A comunidade do povo!
A comum idade do povo!”²⁰

Em 1968, cumpriu o serviço militar. E *À noite os ônibus são lâminas: não são pássaros noturnos. E nós ávidos, intrínsecos, passageiros, somos um só e grande coração*²¹. Nesse período, longe da família, dos amigos, produziu dezenas de poemas que, no entanto, mais tarde queimou.

Na cidade armada

*Corre o rio, escorre,
 Como em nós, a vida
 Num túnel metido
 Somente lhe resta
 No tempo rolar,
 Morrer e de tanto morrer
 Morrer, arraigar,
 Na morte o viver²².*

O recomeçar das cinzas, uma nova poesia, purificada pelo fogo, traz consigo as recordações e reflexões da sua vida: *Desbasto a minha dor no tempo e na paciência do artesão sem certo canto, prevista direção²³*. No ano seguinte, decidiu estudar, entrou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Joinville

*Preciso um trecho de noite
 Que me abra um caminho
 Vou sair recobrir
 Atritos
 Entrarei nos cafés cafus
 Onde o sangue se possa calibrar
 Pedirei um pedaço de achego
 Que borbulhe de quentura
 Que me provoque ao prazer²⁴ de Joinville, e é...*

E estudar provocava esse prazer imenso de crescer, e a partir dessa decisão as coisas mudaram, e ele passou a ser colaborador de vários jornais. E reinventaria a verdade em sua retina e sua linguagem²⁵. Iniciando como editor do jornal “O Acadêmico”, o suplemento “D.A. Cultural”, do *Jornal de Joinville*, assina também a coluna de Santa Catarina do *Jornal de Letras*, do Rio de Janeiro. Mas tinha um segredo para escrever: *começe desvestindo uma palavra; (...) desvista sempre e outras quantas forem necessárias²⁶*. Desvestir as palavras e dar a elas nova aparência para que tivessem um novo significado, além daqueles usuais.

Em 1970, publicou seu primeiro livro de poemas – *Círculo Quadrado. Os papéis que nos dão aceitamos, selamos contratos e fazemos a festa sem parar diante de tudo mesmo desde que nos guiem²⁷*. Alcides havia recebido seu papel que era atuar como um disseminador da cultura, mais especificamente da poesia. Mas há várias etapas que essa personagem tinha

que galgar, uma delas talvez a semente, foi de atuar como diretor de cultura da Prefeitura de Joinville (SC), *ser bom servidor: senta ao cuidado de estar superior*²⁸. Nesse cargo, promoveu o resgate da cultura popular e a popularização das artes em geral, projeto este que teve reconhecimento nacional. A arte foi aproximada do público em inúmeros eventos como: exposições itinerantes, concertos, recitais eruditos e espetáculos de dança levados a lugares públicos, como: praças e igrejas. E finalmente, os varais literários, pelos quais a poesia se popularizou ainda mais. Nessa perspectiva, criou-se (e ainda hoje são eventos de sucesso) a Feira de Arte e Artesanato, implantou-se o Museu de Arte e a instalação da Escola de Dança (que hoje é um dos mais conceituados festivais de dança do mundo).

*O espetáculo não pára,
Exportar é a solução.
Se a trama é diabólica
Nossos olhos não vêem, o coração
Não sente e tudo é igual.
Resta repetir cada dia, cada hora,
Conformados, morrer não tem limite
Agora e não obstante o antigo brado
Colossal e tal, ainda
Cada qual na sua.
Nesta peça ser herói assim, tudo
Vale a pena se a alma é pequena,
Devorar os sonhos,
Bater palmas, bis*²⁹.

E a continuação do show se dá com a publicação do *Bolso ou a vida?* (1970). Juntamente com outros escritores joinvilenses editam a revista *Cordão* a partir de 1976 e no mesmo ano outro espetáculo, o livro *Ahsim*. Em 1978, edita “Alçapão – armadilha para o ser cair em si”, composto basicamente de “sanfonas poéticas”, cuja preocupação era a de difundir a arte poética.

Em 1980, muitos acontecimentos. Publicou *O homem e a mulher*. Muda-se para Florianópolis e *o mar, ali, de luzes mil, ou melhor, traçado de luz com suas ruas, quadras e casas*³⁰. Tudo é muito bonito, mas a vida não era somente observar as belezas e a realidade o chamava, *saiu caminhando com a manhã, à procura de emprego. Precisava trabalhar*³¹. Por isso, foi dar aulas de Teoria da Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina. *E ele*

*inrompeu (...) para promover o seu intento*³²: re-criando os varais literários. O ano de 1982 é marcado por *Cobra Norato e a especificidade da linguagem poética e O homem sem o homem*. Em 1983, os textos selecionados pelo público fazem parte de um livro intitulado de *Antologia do Varal Literário*.

*Sobretudo com marasmo e paciência. O sonho leva tempo*³³. No entanto, em 1985, mais uma fagulha do sonho se realiza através da publicação do livro *Pessoa que finge a dor*, e com ele surge também o Movimento de Ação do Livro, através do qual parte da tiragem era destinada à circulação livre e popular, com o objetivo de contaminar a sociedade com essa poesia vibrante.

Em 1986, foi indicado para o Conselho editorial da UFSC, onde coordenou a coleção “Ipsis Litteris”, destinada à criação literária. Com essa possibilidade *Seus olhos flamejam a energia capaz de aferir o mundo à palavra*³⁴. Energia que o move em direção à construção poética. E no ano seguinte publicou *Segunda pessoa*. Em 1988, aparece *Transação* e ao mesmo tempo assume a chefia do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas do Centro de Comunicação e Expressão da UFSC e *conservamo-nos em ordem e vestimos as imagens do ato e do progresso e a platéia igualmente se alvoroça em festa, também somos a platéia*³⁵. Platéia esta que objetiva a construção do conhecimento relacionado à sua língua com o propósito de difundir isso para uma nova platéia. *A poesia do ABC* toma forma. Como todo professor tem a obrigação de ser um leitor, para ele *O professor é um poeta*³⁶. *Hoje tudo foi tudo e a vida viveu*³⁷ quando em 1990, recebeu o prêmio “Revelação” da Associação Paulista de Críticos de Arte, pelo livro *A Poesia do ABC* percebeu, portanto, um público ávido por cultura, por luz. Nesse mesmo ano, participou da coletânea *Poetas Contemporâneos Brasileiros*, da editora gaúcha Garatuja. A partir de 1991, assumiu a diretoria executiva da Editora da UFSC e juntamente com a editora da Universidade publica *Contemplanção do amor – 20 anos de poesia escolhida*. Quando passa a estar diariamente em contato com toda a produção flamejante do corpus acadêmico no qual *a linguagem se enche de vida*³⁸. Eleito, em 1993, presidente da Associação Brasileira das Editoras Universitárias, (por dois anos), buscou um aperfeiçoamento da instituição, possibilitando a participação das edições universitárias em todos os eventos nacionais e internacionais mais relevantes. Empenhou-se na criação de uma rede nacional, que possibilitasse a distribuição e a comercialização das publicações acadêmicas, hoje por volta de oitenta livrarias.

Natural, afetivo e frágil (1992) surgiu de momentos profundos de reflexões sobre a vida, o mundo, as pessoas. *Nenhum milagre* (1993) acontece sem trabalho, sem esforço. Como reconhecimento desse esforço, em 1995, recebeu da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro a medalha de mérito cultural “Caio Prado Júnior” ; em 1997, a medalha “Manuel Bandeira”, pelo conjunto da obra, e, em 1998, a medalha “Odilon Lunardelli” de Mérito Livreiro.

Durante 1997 até 1999, foi presidente da União Brasileira de Escritores de Santa Catarina. Foi finalista do Prêmio Jabuti 2000 com o livro *Cinza de Fênix & três elegias* (Editora Insular, 1999). Lançou um livro de poemas infantis pela Editora Cuca Fresca, cujo título *Pomar de palavras* foi bem recebido e muito elogiado.

*Cubro-me de poucos sentidos e vasto silêncio: feto dos anos dois mil*³⁹. E em maio de 2002, lançou *Trinta anos de contemplação*, seu décimo oitavo livro, que apresenta uma poesia de “olhos livres”. E que, durante sua trajetória, o fazer poético dependia de *Liberdade de imaginação, ousadia no trato da palavra e uma dose de humor*.⁴⁰ Para ele o poeta é

Um João, quem diz:

estando o poema pronto,

faz clic, como fechar

um estojo. E o poema

de fato faz clic

no leitor: desperta

a face interior

e, mais interior,

a outra, e a outra, até

tocar a última face

voltada sobre a primeira.

De todas, se abre

a única inteira:

a face do amor,

*mesmo que não seja*⁴¹

No entanto, lembrar os trinta anos de poesia não significa a estagnação como poeta; pelo contrário, era apenas um marco para um re-início para a publicação de *Cadernos da noite* (2004), livro que apresenta imagens surpreendentes como *o gosto de aurora das unhas da*

língua e que vê *borboletas invisíveis* que se refazem como a própria palavra que ressurge do caos, sem limites de tempo e espaço. Como a própria poesia que procura sobreviver nesse turbilhão que é a modernidade, persiste em um mundo repleto de *corvos* que pretendem suplantar a poesia e o próprio poeta.

*O poeta não vende
a sua alma: a entrelaça
à alma coletiva.
Não se rende o poeta:
penetra em tudo
que o renega.
Não se despe, tampouco,
do essencial: a vida
e o que a torna digna.
Nem Goethe, Rimbaud, Pound
ou Eliot
se dão à faustiana regra:
cada um, a cada hora,
recolhe da treva
a luz que a encobre⁴².*

Mas esses momentos de trevas são momentos de preparação para o renascimento, para uma nova etapa, uma nova poesia, pois

*O poema é a lança
cruzando o tapir
à espreita da alma do mundo.
O poema é algo
que ouve a si mesmo
no corpo alheio,
longínquo.
Melhor: é o tapir
em torno da lança⁴³*

Ao *Olhar a vida*, poeta e a poesia se fundem cada um desempenhando seu papel; o primeiro em perceber os sentimentos convergidos do mundo para ele; o segundo em transmitir às pessoas esses sentimentos captados pela sensibilidade do autor.

Bibliografia utilizada para construção da Biografia Poética

- ¹. BUSS, Alcides. *O homem e a mulher*. Joinville: Edição do Autor, 1980. Poesia: Bom abrigo ou poema à gravidez, p. 26.
- ². Fui eu
- ³. BUSS, Alcides. *Transação*. Florianópolis: M.A.L. Edições, 1994. 3ª Ed. Poesia Rumo, p. 73
- ⁴. _____. *Transação*. Florianópolis: M.A.L. Edições, 1994. 3ª Ed. Poesia Rumo, p. 73
- ⁵. _____. *Transação*. Florianópolis: M.A.L. Edições, 1994. 3ª Ed. Poesia Cadeia, p. 91
- ⁶. _____. *Transação*. Florianópolis: M.A.L. Edições, 1994. 3ª Ed. Poesia O cofre no homem, p. 90
- ⁷. _____. *Transação*. Florianópolis: M.A.L. Edições, 1994. 3ª Ed. Poesia O cofre no homem, p. 90
- ⁸. _____. *Transação*. Florianópolis: M.A.L. Edições, 1994. 3ª Ed. Poesia O cofre no homem, p. 90
- ⁹. _____. *Transação*. Florianópolis: M.A.L. Edições, 1994. 3ª Ed. Poesia Homem frio, p. 88
- ¹⁰. _____. *Transação*. Florianópolis: M.A.L. Edições, 1994. 3ª Ed. Poesia Um, p. 89
- ¹¹. _____. *Transação*. Florianópolis: M.A.L. Edições, 1994. 3ª Ed. Poesia As estradas, p. 79
- ¹². Em 1949, sua família mudou-se para Trombudo Central, ainda no estado de Santa Catarina.
- ¹³. _____. *Transação*. Florianópolis: M.A.L. Edições, 1994. 3ª Ed. p. 9
- ¹⁴. _____. *Segunda pessoa*. Florianópolis. Apoio: UFSC e Pró-reitoria de Assistência à Comunidade Universitária, Florianópolis: 1987. Poesia Metaplasmos, p. 11.
- ¹⁵. _____. *Segunda pessoa*. Florianópolis. Apoio: UFSC e Pró-reitoria de Assistência à Comunidade Universitária, Florianópolis: 1987, Poesia Food-ball, p. 38.
- ¹⁶. _____. *Segunda pessoa*. Florianópolis. Apoio: UFSC e Pró-reitoria de Assistência à Comunidade Universitária, Florianópolis: 1987, Poesia Restos, p. 43
- ¹⁷. _____. *Ahsim*. Florianópolis: Lunardelli, 1976. Poesia: A igreja, p. 70
- ¹⁸. _____. *Ahsim*. Florianópolis: Lunardelli, 1976. Poesia: Piá no ar, p. 60
- ¹⁹. _____. *O homem e a mulher*. Joinville: edição do Autor. 1980. Poema: Lição quase sonhada, p. 12
- ²⁰. _____. *Ahsim*. Florianópolis: Lunardelli, 1976. Poesia: Regresso, p. 89
- ²¹. _____. *Segunda Pessoa*. Florianópolis. Apoio: UFSC e Pró-reitoria de Assistência à Comunidade Universitária, Florianópolis: 1987, Poesia Rio Ser, p. 20.
- ²². _____. *Segunda Pessoa*. Florianópolis. Apoio: UFSC e Pró-reitoria de Assistência à Comunidade Universitária, Florianópolis: 1987, Poesia Rio Ser, p. 20.
- ²³. _____. *Transação*. Florianópolis: M.A.L. Edições, 1994. 3ª Ed. Poesia: Dor & Cia, p. 29
- ²⁴. _____. *Ahsim*. Florianópolis: Lunardelli, 1976. Poesia: Vibração, p. 66
- ²⁵. _____. *Transação*. Florianópolis: M.A.L. Edições, 1994. 3ª Ed. Poesia: Divisão da terra, p. 27
- ²⁶. _____. *O homem e a mulher*. Joinville: ed. Autor. 1980. Poema: Lição quase sonhada, p. 13
- ²⁷. _____. *Transação*. Florianópolis: M.A.L. Edições, 1994. 3ª Ed. Poesia: À mesa, p. 31
- ²⁸. _____. *Transação*. Florianópolis: M.A.L. Edições, 1994. 3ª Ed. Poesia: Impessoal, p. 84
- ²⁹. _____. *Transação*. Florianópolis: M.A.L. Edições, 1994. 3ª Ed. Poesia: À mesa, p. 28
- ³⁰. _____. *Transação*. Florianópolis: M.A.L. Edições, 1994. 3ª Ed. Poesia: Beleza e camarão, p. 65
- ³¹. _____. *Ahsim*. Florianópolis: Lunardelli, 1976. Poesia: Sujeito, p. 16
- ³². _____. *Ahsim*. Florianópolis: Lunardelli, 1976. Poesia: Sujeito, p. 16
- ³³. _____. *Transação*. Florianópolis: M.A.L. Edições, 1994. 3ª Ed. Poesia: À mesa, p. 31
- ³⁴. _____. *O homem e a mulher*. Joinville: edição do Autor. 1980. Poema: Deluana, p. 17
- ³⁵. _____. *Transação*. Florianópolis: M.A.L. Edições, 1994. 3ª Ed. Poesia: À mesa, p. 31
- ³⁶. Livro organizado por Alcides Buss.
- ³⁷. _____. *Transação*. Florianópolis: M.A.L. Edições, 1994. 3ª Ed. Poesia: Um dia no campo, p. 43
- ³⁸. _____. *Transação*. Florianópolis: M.A.L. Edições, 1994. 3ª Ed. Poesia: Na hora do sol, p. 46
- ³⁹. _____. *Transação*. Florianópolis: M.A.L. Edições, 1994. 3ª Ed. Poesia: Incumbência.
- ⁴⁰. Reportagem sobre a publicação do livro. Disponível em:
<<http://www.agecom.ufsc.br/principal.php?id=408>>. Acessado em: 15/06/2005
- ⁴¹. Poema extraído do livro *Fênix e três elegias*.

e) **Obras:** relação em ordem cronológica das obras do autor, além de, ao clicar em cada obra, abrir-se-á uma nova página apresentando a capa do livro.

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa	Introdução	Panorama da Literatura	Biografia	Obras	Sobre o CD Literário
------	------------	------------------------	-----------	-------	----------------------

-  Fortuna crítica
-  Varal literário
-  Livro em movimentação
-  Escritores citados
-  Além das fronteiras
-  Poesia falada/musicada
-  Prêmios
-  Entrevista
-  Galeria de imagens
-  Links
-  Questionários

OBRAS PUBLICADAS

[Círculo quadrado](#). Joinville, edição do autor, 1970.

O bolso ou a vida? Florianópolis, Diretório Central dos Estudantes da UFSC, 1971.

Ahsim. Florianópolis, Editora Lunardelli, 1976.

[O homem e a mulher](#). Joinville, edição do autor, 1980.

Cobra Norato e a especificidade da linguagem poética. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

[O homem sem o homem](#). Florianópolis, Editora Noa Noa, 1982.

Antologia do varal literário (Org.). Florianópolis, Editora da UFSC, 1983.

Sete pavios no ar. Florianópolis, Edições Sanfona, 1985.

Pessoa que finge a dor. Florianópolis, Movimento de Ação do Livro, 1985.

[Segunda pessoa](#). Florianópolis, Movimento de Ação do Livro, 1987.

[Transação](#). Florianópolis, M.A.L. Edições, 1988.

A poesia do ABC (infantil). Porto Alegre, Editora Mercado Aberto, 1989.

O professor é um poeta (Org.). Florianópolis, Editora da UFSC, 1989.

Contemplação do amor - vinte anos de poesia escolhida. Florianópolis, Editora da UFSC, 1991.

Relação das obras

Círculo quadrado. Joinville, edição do autor, 1970.

O bolso ou a vida? Florianópolis, Diretório Central dos Estudantes da UFSC, 1971.

Ahsim. Florianópolis, Editora Lunardelli, 1976.

O homem e a mulher. Joinville, edição do autor, 1980.

Cobra Norato e a especificidade da linguagem poética. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

O homem sem o homem. Florianópolis, Editora Noa Noa, 1982.

Antologia do varal literário (Org.). Florianópolis, Editora da UFSC, 1983.

Sete pavios no ar. Florianópolis, Edições Sanfona, 1985.

Pessoa que finge a dor. Florianópolis, Movimento de Ação do Livro, 1985.

Segunda pessoa. Florianópolis, Movimento de Ação do Livro, 1987.

Transação. Florianópolis, M.A.L. Edições, 1988.

A poesia do ABC (infantil). Porto Alegre, Editora Mercado Aberto, 1989.

O professor é um poeta (Org.). Florianópolis, Editora da UFSC, 1989.

Contemplação do amor: 20 anos de poesia escolhida. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1991.

Natural, afetivo, frágil. Florianópolis, Edições Athanor, 1992.

Nenhum milagre. Florianópolis, Editora Letras Contemporâneas, 1993.

Sinais/Sentidos. Florianópolis, M.A.L. Edições, 1995.

Cinza de Fênix e três elegias. Florianópolis, Editora Insular, 1999.

Pomar de palavras (infantil). Florianópolis, Cuca Fresca Edições, 2000.

Contemplação do amor: 30 anos de poesia escolhida. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2002.

Cadernos da noite. Florianópolis, M.A.L. Edições, 2003.

Olhar a Vida. Florianópolis, Editora Insular Ltda, 2007.

f) Sobre o Cederrom Literário: dados sobre a produção do cederrom

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa Introdução Panorama da Literatura Biografia Obras Sobre o CD Literário

-  Fortuna crítica
-  Varal literário
-  Livro em movimentação
-  Escritores citados
-  Além das fronteiras
-  Poesia falada/musicada
-  Prêmios
-  Entrevista
-  Galeria de imagens
-  Links
-  Questionários

SOBRE O CD LITERÁRIO

AUTORA



ROSANE HART

Nasci em 14 de novembro de 1975 em Barracão estado do Paraná. Por conta das andanças da família morei em: Santo Antônio do Sudoeste (PR), Dionísio Cerqueira (SC), Pato Branco (PR), Campo Erê (SC) e, finalmente, aos 7 anos fui para Guarujá do Sul (SC), onde permaneci até junho de 2001. Ainda em julho mudei-me para Florianópolis. Atualmente resido na região continental da capital e trabalho como professora na rede estadual de Ensino (EEB José Boiteux).

Formação acadêmica:
Graduação: Letras Português/Alemão (UNOESC, 2000)
Letras Inglês (UNISUL, 2005)
Pós-Graduação: Mestrado em Literatura Brasileira (UFSC, 2007)

COLABORADORES:

WEBDESIGNER

GELSON LUÍS BREMM

Formação acadêmica:
Graduação: Análise e Desenvolvimento de Sistemas (Em curso, Univali)

ILUSTRADOR

THIAGO RAFAEL BREMM

Formação acadêmica:
Graduação: Ciências da Computação (Em curso, UFSC)

AUTORA

ROSANE HART

Nasci em 14 de novembro de 1975 em Barracão, estado do Paraná. Por conta das andanças da família morei em Barracão, Santo Antônio do Sudoeste (PR), Dionísio Cerqueira (SC), Pato Branco (PR), Campo Erê (SC) e, finalmente, aos 7 anos fui para Guarujá do Sul (SC), onde permaneci até junho de 2001, quando, em julho, mudei-me para Florianópolis. Atualmente resido na região continental da capital e trabalho como professora na rede estadual de Ensino (EEB José Boiteux).

Formação acadêmica:

Graduação: Letras Português/Alemão (UNOESC, 2000)

Letras Inglês (UNISUL, 2005)

Pós-Graduação: Mestrado em Literatura Brasileira (UFSC, 2008)

COLABORADORES

Webdesigner

GELSON LUÍS BREMM

Formação acadêmica:

Graduação: Análise e Desenvolvimento de Sistemas (Em curso, Univali)

Ilustrador

THIAGO RAFAEL BREMM

Formação acadêmica:

Graduação: Ciências da Computação (Em curso, UFSC)

MENUS DE OPÇÕES VERTICAL:

a) **Fortuna Crítica:** seleção de críticas sobre cada obra, opiniões e/ou comentários de críticos e/ou escritores sobre a obra de Alcides Buss, demonstrando dessa forma sua relevância para a Literatura Catarinense e Brasileira, ao clicar em cada ícone de um livro, abrir-se-á outra janela com a fortuna crítica referente à obra e ainda, em outra janela, uma poesia selecionada de cada livro.

The screenshot shows a website interface with a blue header and a dark blue navigation bar. The navigation bar contains the following menu items: Capa, Introdução, Panorama da Literatura, Biografia, Obras, and Sobre o CD Literário. Below the navigation bar is a vertical menu on the left with the following options: Fortuna crítica, Varal literário, Livro em movimentação, Escritores citados, Além das fronteiras, Poesia falada/musicada, Prêmios, Entrevista, Galeria de imagens, Links, and Questionários. The main content area is titled "FORTUNA CRÍTICA" and lists the following works:

- 1970 **Círculo Quadrado**
- 1971 **O Bolso ou a Vida**
- 1976 **Ahsim**
- 1980 **O Homem e a Mulher**
- 1982 **Cobra Norato e a Especificidade da Linguagem Poética**
- 1982 **O Homem Sem o Homem**
- 1983 **Antologia do Varal Literário (org.)**
- 1985 **Sete Pavios no Ar (Faltando)**
- 1985 **Pessoa Que Finge a Dor**
- 1987 **Segunda Pessoa**
- 1988 **Transação**

FORTUNA CRÍTICA

CRÍTICA GERAL SOBRE O POETA E SUA OBRAS

1. ASSIS BRASIL⁸⁰

“Os sete livros de poemas, publicados em menos de quinze anos, ao mesmo tempo em que guardam uma coerência forma-fundo, desenvolvem um processo de “profetização do poema”: os versos intimistas-sociais, aparentemente aflorados de um jovem de vinte anos (“Insisto em dizer que sou de todos”) vão se adensando no mergulho do Outro para explodirem no grito seco-soco de O homem sem o homem. Alcides Buss tem consciência daquilo que é e daquilo que faz. Tem certeza de que ser poeta é ser profeta. “Ter o que dizer e saber como dizer são qualidades essenciais e complementares. O poeta, em sua consciência crítica, cultiva-as, para a própria justificação do seu ser. Um ritmo claro assume a Poesia! “Em lugar do individualismo egoísta e do lirismo incoseqüente, aplique-se num verdadeiro ato de amor, a dinâmica do DESVENDAR, do VER, do CONSTRUIR”. Para a construção de um homem com o homem, através da palavra do Profeta, há que des-contruir a linguagem do poeta, des-montando a estrutura da palavra, que nos seus diversos campos organizados, também é forma de opressão.

Alcides Buss vem de Bandeiras – num aspecto de ironia do cotidiano, passa por Drummond, quando a ironia se transforma num certo pessimismo amargo – e faz suas próprias experiências espaciais. Mas o que é do poeta catarinense – numa poesia simples e objetiva – “é o seu domínio da linguagem poética, a consciência do vocabulário próprio, a sua imagística do homem e da vida”.

⁸⁰BRASIL, Assis in SACHET, Celestino. *A literatura catarinense*. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1985, p. 211.

2. PROJETO “UM DEDO DE PROSA”⁸¹

“O poeta Alcides Buss lotou o auditório do CCE em 29 de agosto. Para a ocasião, a comissão organizadora do evento decorou o auditório com um varal literário. A decoração teve duplo objetivo: (1) homenagear a iniciativa pioneira de Alcides de deselitizar a poesia através dos varais literários e (2) estimular o público a participar do evento fazendo a leitura dos poemas espalhados pelo auditório e, assim, tomar parte da discussão. A participação do público foi intensa e deixou o poeta e a equipe organizadora do evento profundamente emocionado e satisfeito”.

3. MIGUEL SANCHES NETO⁸²

Miguel destaca o poeta Alcides Buss “por seu engajamento social que derivou para uma defesa da poesia compartilhada com auditórios mais amplos, Alcides Buss (1948) se obrigou, nas últimas três décadas, a praticar todas as formas poéticas, no afã de localizar faixas de sintonia com um público maior. Com *Cadernos da noite* (Florianópolis: M.A.L. edições, 2003), o livro continua procurando o leitor, mas o autor já não se procura mais, ele agora pratica sua linguagem e sua temática num conjunto de poemas que, sem forçar a individualidade estilística, são pessoais pela essência da percepção dos dramas humanos, flagrados dialeticamente”.

4. ANTÔNIO HOHLFELDT⁸³

Na modernidade de nossa poesia deve-se leva-lo à filiação da corrente concretista chefiada por Décio Pignatari, Haroldo e Augusto de Campos, os redescobridores de Oswald de Andrade. Aliás, Oswald é outra influência marcante em Alcides Buss. Deve-se citar, ainda, por fim, a lembrança do “Boca do Inferno”, Gregório de Matos, pela linguagem despudorada,

⁸¹O projeto “Um dedo de Prosa” é um projeto de extensão que iniciou em 2002, promovido pelo Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina com o objetivo de divulgar a produção literária catarinense

⁸²NETO, Miguel Sanches. *Palavra Arte*. Disponível em <http://www.palavrarte.com/Artigos_Resenhas/resenhas_abuss.htm>. Acesso em: 13 de junho 2006.

⁸³ Jornal “Correio do Povo”, veiculado em 26 de fevereiro de 1972, disponível em SACHET, Celestino. *A literatura catarinense*. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1985, p. 211-212.

mesmo agressivamente chocante, de que se vale, muitas vezes, Alcides Buss, sempre com qualidades, diga-se de passagem.

5. LEILA MÍCCOLIS⁸⁴

Cada palavra na obra de Alcides Buss é rica em conteúdos, principalmente quando ele a disseca, mostrando que uma expressão é composta de inúmeras idéias; e se tal método permite várias leituras e diversas interpretações, também é responsável por uma mais lenta assimilação por parte do leitor, que a cada nova acepção de um termo vê acrescentando outro aspecto da cosmovisão de *O homem sem o homem*, muito mais do que um mero exercício formal de linguagem, a solidão do ser, dividido entre seus problemas existenciais e sociais, diante do massacre a que é diariamente submetido.

6. CARLOS JORGE APPEL⁸⁵

Diálogo entre dois poetas Lindolf Bell e Alcides Buss partiram do mesmo princípio estético e construíram as duas grandes obras poéticas de SC

Ao comparar Alcides Buss e Lindolf Bell, o jornalista salienta que ambos apresentam a função da poesia em nossa época, “aproximam-se, um através da "catequese poética" e outro pelo "varal literário", do que hoje chamamos de cultura do espetáculo. Ambos, todavia, reciclaram seus processos poéticos, assimilaram o melhor do seu labor experimental e alcançaram, nesses últimos anos, a maturidade poética”.

”Aos poucos, Bell e Alcides Buss foram se dando conta de que comunicar o fato poético constitui uma experiência complexa e irredutível a qualquer outra. Sendo de natureza histórica, o poema se constrói de modo paradoxal: se bem que ele constitua um produto social, portanto, expressão de uma determinada época, supera e rompe com os padrões sociais e estéticos, ou seja, supera os seus suportes o ritmo, o som, a imagem, o conteúdo assim

⁸⁴ In SACHET, Celestino. *A literatura catarinense*. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1985, p. 212.

⁸⁵ APPEL, Carlos Jorge. *Diálogo entre dois poetas Lindolf Bell e Alcides Buss partiram do mesmo princípio estético e construíram as duas grandes obras poéticas de SC*. Especial para o Jornal “Anexo”. Disponível < <http://portal.an.com.br:8000/2000/abr/16/0ane.htm>>. Acesso em: dezembro de 2006.

como a própria linguagem de que é feito. Com esses novos parâmetros, os dois poetas, de ascendência alemã e caracterizada pela persistência e disciplina da inspiração, construíram seus poemas mais sólidos e duradouros. Ambos, em suas últimas obras, mostraram ter consciência de que é preciso resistir aos padrões estéticos vigentes e circunstanciais, à repetição, a uma forma que já deu certo uma vez. Toda arte é expressão, mas nem toda expressão é arte, já sustentavam os antigos, e eles descobriram este fundamento essencial. Isso implica a idéia de um saber fazer, um domínio e uma elaboração, um questionamento e trato com a linguagem. Deste modo, a busca e o questionamento permanente da linguagem tornam-se inerentes à experiência poética”.

CIRCULO QUADRADO (1970)

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa | Índice | **O POETA DO VARAL LITERÁRIO** | Literatura | Biografia | Obras | Sobre o CD Literário

Fortuna crítica
Varal literário
Livro em movimentação
Escritores citados
Além das fronteiras
Poesia falada/musicada
Prêmios
Entrevista
Galeria de imagens
Links
Questionários

FORTUNA CRÍTICA Páginas: 01 [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)

1970 - CÍRCULO QUADRADO

1. IRACI SCHMIDLIN

Segundo a poeta é "preciso crer na juventude", principalmente a um jovem que irrompe o silêncio de uma época de repressão e consegue, em tempos tão instáveis, criar uma obra que apresenta uma explosão de sentimentos e percepções sobre o mundo.

Sem dúvida "Círculo Quadrado é uma bela obra", principalmente pela percepção onírica do poeta que, "para construí-la, Alcides Buss munuiu-se de três fontes generosas: sensibilidade, inteligência e arte pessoal, condições que lhe asseguram uma posição lisonjeira entre os nomes vitoriosos da Literatura Catarinense".

2. CELESTINO SACHET

"Alcides Buss é um moço. Bastante moço em dias vividos. Mas, bastante maduro em dias sentidos. Bastante maduro quando se lida com poesia. Quando instrumentaliza sua linguagem para sentir as coisas que os poucos anos lhe colocaram à frente".

"A alma do poeta descobre-se nas pequenas realidades do mundo (Guarda-noturno, A pipoqueira, Sono de palestra) e nos grandes temas transcendentais. Geralmente vistos através do soneto.

"Círculo Quadrado" é um livro de filosofia. Vivida aos 20 anos".

3. MIGUEL SANCHES NETO

Para Miguel, Alcides Buss estreou "em um período político de nossa vida literária, recém-entrado na casa dos 20 anos", o poeta "ritualiza em um conflito entre a tradição lírica e a coloquialidade verbal, encontrando-se nesta última corrente os textos mais interessantes do volume, como "Poema do eterno", em que um trocadilho sutil dá o humor próprio do amor: "Em minha vida / há um espaço reservado / para você; / este espaço / é toda a minha vida!" (p.35). Esta leveza de linguagem, comandada por uma urgência existencial"

NETO, Miguel Sanches. Palavra Arte. Disponível em <http://www.palavrarte.com/Artigos_Resenhas/resenhas_abuss.htm>. Acesso em: 13 junho 2006

1. IRACI SCHMIDLIN⁸⁶

Segundo a poeta é "preciso crer na juventude", principalmente a um jovem que irrompe o silêncio de uma época de repressão e consegue, em tempos tão instáveis, criar uma obra que apresenta uma explosão de sentimentos e percepções sobre o mundo.

Sem dúvida "*Círculo Quadrado* é uma bela obra", principalmente pela percepção onírica do poeta que, "para construí-la, Alcides Buss munuiu-se de três fontes generosas: sensibilidade,

⁸⁶ Comentário feito na contracapa do livro *Círculo Quadrado*.

inteligência e arte pessoal, condições que lhe asseguram uma posição lisonjeira entre os nomes vitoriosos da Literatura Catarinense”.

2. CELESTINO SACHET⁸⁷

“Alcides Buss é um moço. Bastante moço em dias vividos. Mas, bastante maduro em dias sentidos. Bastante maduro quando se lida com poesia. Quando instrumentaliza sua linguagem para sentir as coisas que os poucos anos lhe colocaram à frente”.

“A alma do poeta descobre-se nas pequenas realidades do mundo (Guarda-noturno, A pipoqueira, Sono de palestra) e nos grandes temas transcendentais. Geralmente vistos através do soneto.

“*Círculo Quadrado*” é um livro de filosofia. Vivido aos 20 anos”.

3. MIGUEL SANCHES NETO⁸⁸

Para Miguel, Alcides Buss estreou “em um período político de nossa vida literária, recém-entrado na casa dos 20 anos”, o poeta “ritualiza em um conflito entre a tradição lírica e a coloquialidade verbal, encontrando-se nesta última corrente os textos mais interessantes do volume, como "Poema do eterno", em que um trocadilho sutil dá o humor próprio do amor: "Em minha vida / há um espaço reservado / para você; / este espaço / é toda a minha vida!" (p.35). Esta leveza de linguagem, comandada por uma urgência existencial”

⁸⁷ Comentário feito na contracapa do livro de *Círculo Quadrado*.

⁸⁸ NETO, Miguel Sanches. *Resenha*. Revista Palavra Arte. Disponível em <http://www.palavrarte.com/Artigos_Resenhas/resenhas_abuss.htm>. Acesso em: 13 de junho de 2006.

POESIA SELECIONADA

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"				
Capa	Introdução	Panorama da Literatura	Biografia	Sobre o CD Literário

- Fortuna crítica
- Varal literário
- Livro em movimentação
- Escritores citados
- Além das fronteiras
- Poesia falada/musicada
- Prêmios
- Entrevista
- Galeria de imagens
- Links
- Questionários

FORTUNA CRÍTICA

Páginas: 01 [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)



Poesias selecionadas

Círculo quadrado.
Joinville: edição do autor, 1970.

POBRE ILHA
(p. 12)

A tempestade dos dias
me tornou
uma ilha.

Eu sou uma ilha pobre
no oceano imenso,
isolada e despercebida,
com duas palmeiras
voltadas para o ar.

Eu sou uma ilha simples
com alguns pássaros
madrugadores,
que de tarde se calam.

Pobre ilha isolada
que sente inveja da lua,
pobre ilha abandonada
onde ninguém quer morar.

[Voltar](#)

O BOLSO OU A VIDA? (1971)

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa | Introdução | Panorama da Literatura | Biografia | Obras | Sobre o CD Literário

FORTUNA CRÍTICA Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)

 [Poesia selecionada](#)

1971 - O BOLSO OU A VIDA

1. MIGUEL SANCHES NETO

O poeta apresenta neste livro uma "urgência existencial", a qual utiliza-a como o centro desse seu segundo livro, cujas "formas fixas não ocupam mais espaço. É neste volume homogêneo que aparece um dos textos ontológicos da geração jovem dos anos 70 - "Extensão, II":

*Pus a vida
em minhas mãos
e as mãos
no fogo...*

- A vida ferveu. (p.61)

Se esta fervura-fervor era política, caminho do qual não podiam se desviar os jovens, ela se manifestava de forma mais profunda ao colocar o poeta em contato com o fogo das coisas vivas, que queimam mas que também aquecem. Vence aqui a imagem solidária do poeta, um poeta que renuncia, em alguns momentos, ao verbo para empunhar a bandeira dos poemas visuais, todos função crítica. Ele faz assim a ponte entre o concretismo participativo e sua geração, criando vínculos com a vanguarda mais imediata".

NETO, Miguel Sanches. Palavra Arte. Disponível em http://www.palavrarte.com/Artigos_Resenhas/resenhas_abuss.htm. Acesso em: 13 junho 2006

1. MIGUEL SANCHES NETO⁸⁹

O poeta apresenta neste livro uma "urgência existencial", a qual a utiliza como o centro desse seu segundo livro, cujas "formas fixas não ocupam mais espaço. É neste volume homogêneo que aparece um dos textos ontológicos da geração jovem dos anos 70 - "Extensão II":

Pus a vida
em minhas mãos
e as mãos
no fogo...
- A vida ferveu. (p.61)

⁸⁹ NETO, Miguel Sanches. *Resenha*. Palavra Arte. Disponível em http://www.palavrarte.com/Artigos_Resenhas/resenhas_abuss.htm. Acesso em: 13 de junho de 2006.

Se esta fervura-fervor era política, caminho do qual não podia se desviar os jovens, ela se manifestava de forma mais profunda ao colocar o poeta em contato com o fogo das coisas vivas, que queimam, mas que também aquecem. Vence aqui a imagem solidária do poeta, um poeta que renuncia, em alguns momentos, ao verbo para empunhar a bandeira dos poemas visuais, toda função crítica. Ele faz, assim, a ponte entre o concretismo participativo e, sua geração cria vínculos com a vanguarda mais imediata”.

POESIA SELECIONADA

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa
Introdução
Panorama da Literatura
Biografia
Obras
Sobre o CD Literário

-  Fortuna crítica
-  Varal literário
-  Livro em movimentação
-  Escritores citados
-  Além das fronteiras
-  Poesia falada/ musicada
-  Prêmios
-  Entrevista
-  Galeria de imagens
-  Links
-  Questionários

FORTUNA CRÍTICA

Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)



Poesias selecionadas

O bolso ou a vida?
Florianópolis: Diretório Central dos Estudantes da UFSC, 1971.

FRAQUEZA LOGOSÓFICA

O universo
é um saco
onde a terra está.

Eu sou um saco
muito menor
que o universo.

E se o universo
suporta sem estourar
as maiores anomalias,
as mais grotescas
modernidades da terra,
eu, pobre e mísero
cosmopolita
terrestre desenvolvido,
aturo também as maiores adversidades,
mas
vivo constantemente
de saco cheio.

[Voltar](#)

AHSIM (1976)

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa Introdução Panorama da Literatura Biografia Obras Sobre o CD Literário

-  Fortuna crítica
-  Varal literário
-  Livro em movimentação
-  Escritores citados
-  Além das fronteiras
-  Poesia falada/musicada
-  Prêmios
-  Entrevista
-  Galeria de imagens
-  Links
-  Questionários

FORTUNA CRÍTICA

Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)



[Poesia selecionada](#)

1976 - AHSIM

1. MIGUEL SANCHES NETO

Para Miguel esse livro "deve ser lido como tributo ao poeta gaúcho que brincou com a capital catarinense e seus vícios de fala, no poema "Florianópolis" (1928), definida pelo modernista como cidade-titia, mero passadismo urbano. Ao recuperar a fórmula poética de Bopp, Alcides Buss está mexendo com a própria imagem de sua cidade, mas está também atualizando o discurso fluvial, antes localizado numa Amazônia mítica, paradisíaca, e que agora se manifesta nos rios fedorentos da urbe poluída". No livro o poeta procura retratar uma "cidade moderna, mostrando não mais a fertilidade das águas barrentas, mas sua podridão", através da personificação de elementos naturais.

O uso constante de metáforas acontece "trocando os entusiasmos modernistas pelo pessimismo irônico de uma época de apocalipses ecológicos". Portanto, desse momento em diante "o verbo em estado de crítica social vai conviver com uma certa glosa cultural, denunciando um poeta que, a cada livro, está mais competente no uso da palavra, e mais crente em seu poder social e modernizador. Ele se concentra em uma poesia incaracterística, contemporânea na sua fatura, crítica nas suas intenções, sem explorar as profundezas do eu".

NETO, Miguel Sanches. Palavra Arte. Disponível em http://www.palavrate.com/Artigos_Resenhas/resenhas_abuss.htm. Acesso em: 13 junho 2006

1. MIGUEL SANCHES NETO⁹⁰

Para Miguel esse livro “deve ser lido como tributo ao poeta gaúcho que brincou com a capital catarinense e seus vícios de fala, no poema "Florianópolis" (1928) definido pelo modernista como cidade-titia, mero passadismo urbano. Ao recuperar a fórmula poética de Bopp, Alcides Buss está “mexendo com a própria imagem de sua cidade, mas está também atualizando o discurso fluvial, antes localizado numa Amazônia mítica, paradisíaca, e que agora se manifesta nos rios fedorentos da urbe poluída”. No livro o poeta procura retratar uma “cidade moderna, mostrando não mais a fertilidade das águas barrentas, mas sua podridão”, através da personificação de elementos naturais. O uso constante de metáforas acontece “trocando os entusiasmos modernistas pelo pessimismo irônico de uma época de apocalipses ecológicos”. Portanto, desse momento em diante “o verbo em estado de crítica social vai conviver com

⁹⁰ NETO, Miguel Sanches. *Resenha*. Palavra Arte. Disponível em: http://www.palavrate.com/Artigos_Resenhas/resenhas_abuss.htm. Acesso em: 13 de junho 2006.

certa glosa cultural, denunciando um poeta que, a cada livro, está mais competente no uso da palavra, e mais crente em seu poder social e modernizador. “Ele se concentra em uma poesia incharacterística, contemporânea na sua fatura, crítica nas suas intenções, sem explorar as profundezas do eu”.

POESIA SELECIONADA

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"					
Capa	Introdução	Panorama da Literatura	Biografia	Obras	Sobre o CD Literário

-  Fortuna crítica
-  Varal literário
-  Livro em movimentação
-  Escritores citados
-  Além das fronteiras
-  Poesia falada/musicada
-  Prêmios
-  Entrevista
-  Galeria de imagens
-  Links
-  Questionários

FORTUNA CRÍTICA

Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)



Poesias selecionadas

Ahsim.
Florianópolis: Editora Lunardelli, 1976.

REFLORESTAMENTO
(p. 48-49)

Aqui é uma conferência de árvores.

Estão estudando o problema do reflorestamento.

Uma mais alta acena os braços e pede a palavra:

- As árvores venenosas devem morrer. Elas não têm a alma.

Um cipó leite-de-vaca atrepa num tronco e manifesta:

- Ai tenham dó de minhas flores! Só agrido quem me insulta!

Outrárvore meioimportante bebe cem litros de ar, e tece sua tese:

Eu calculo que só malmente as raças mais úteis devem ir adiante, vencendo vida.

[Voltar](#)

O HOMEM E A MULHER (1980)

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa	Introdução	Panorama da Literatura	Biografia	Obras	Sobre o CD Literário
------	------------	------------------------	-----------	-------	----------------------

- Fortuna crítica
- Varal literário
- Livro em movimentação
- Escritores citados
- Além das fronteiras
- Poesia falada/musicada
- Prêmios
- Entrevista
- Galeria de imagens
- Links
- Questionários

FORTUNA CRÍTICA

Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)



1980 - O HOMEM E A MULHER

1. SILVEIRA DE SOUZA

Silveira de Souza destaca que a poesia de Alcides Buss "parece ter sido desde o início a busca consciente de imagens racionais e sintetizadoras do real cotidiano. O que nela possa existir de ontológico nasce do drama existente e conhecido. Não é uma indagação em abstrato sobre os destinos do ser, nem o traço lírico de momentos sórdidos ou inefáveis da vida, mas uma perplexidade ou uma revolta diante do espetáculo concreto que se desenrola na frente e à volta do poeta".

"Com metodologia tão disciplinada, pode espantar que Alcides Buss se tenha aventurado – como o faz neste livro – a traduzir o amor. Mas o amor – a gente sabe disso – é sempre traduzível; é um e é mil; sempre a matéria prima e o desafio maior do poeta e do artista". (...) "O HOMEM E A MULHER é um livro que marca a maturidade poética de Alcides Buss e o coloca numa posição definitiva entre os melhores nomes da nova poesia catarinense".

2. JACKELIANE PELLEGRINI

Segundo ela, na obra *O Homem e a Mulher* há "uma busca consciente de imagens racionais e sintetizadoras do real cotidiano, com uma perplexidade e revolta diante do concreto que nos cerca" com uma preocupação com "o conhecimento que é buscado antes do sentimento, com economia de palavras. O vocabulário é mínimo, os cortes é que criam a voltagem poética, tudo seco e limpo".

O poeta cria uma poesia simples, clara, quase linear; formal e de metodologia disciplinada. O poeta vê a pura imagem do amor" no entanto "ele parte para os rituais do sexo e a multiplicidade do conceito de amor".

1. SILVEIRA DE SOUZA⁹¹

Silveira de Souza destaca que a poesia de Alcides Buss “parece ter sido desde o início a busca consciente de imagens racionais e sintetizadoras do real cotidiano. O que nela possa existir de ontológico nasce do drama existente e conhecido. Não é uma indagação em abstrato sobre os destinos do ser, nem o traço lírico de momentos sórdidos ou inefáveis da vida, mas uma perplexidade ou uma revolta diante do espetáculo concreto que se desenrola na frente e à volta do poeta”.

“Com metodologia tão disciplinada, pode espantar que Alcides Buss se tenha aventurado – como o faz neste livro – a traduzir o amor. Mas o amor – a gente sabe disso – é sempre traduzível; é um e é mil; sempre a matéria prima e o desafio maior do poeta e do

⁹¹ Comentário feito na contracapa do livro de *O homem e a mulher*.

artista”. (...) “O HOMEM E A MULHER é um livro que marca a maturidade poética de Alcides Buss e o coloca numa posição definitiva entre os melhores nomes da nova poesia catarinense”.

2. JACKELIANE PELLEGRINI⁹²

Segundo ela, na obra “O Homem e a Mulher”, há “uma busca consciente de imagens racionais e sintetizadoras do real cotidiano, com uma perplexidade e revolta diante do concreto que nos cerca” com uma preocupação com “o conhecimento que é buscado antes do sentimento, com economia de palavras. O vocabulário é mínimo, os cortes é que criam a voltagem poética, tudo seco e limpo”.

O poeta cria uma poesia simples, clara, quase linear; formal e de metodologia disciplinada. O poeta “vê a pura imagem do amor”, no entanto, “ele parte para os rituais do sexo e a multiplicidade do conceito de amor”.

3. WALMIR AYALA⁹³

“Alcides Buss integra a família poética dos que economizam a linguagem, sem se perder do compromisso da amplitude sob a síntese. A fala direta, o verso curto e tenso revela o poeta que lida com laboratório não discursivos, ou contaminadores do discurso, em direção a uma estrutura lapidar”. (...) Adota o tema do amor. (...) “Há a tendência à reflexão filosófica, ou seja, ao primeiro pensar sobre o que se vê, de olhos abertos ou fechados”.

O poeta consegue, “devagar, sem ímpeto maior, ele nos infiltra a linguagem e nos deixa o gosto do amor possível, como uma gota de chuva num cílio. Que cintila e dura um átimo de tempo, mas traz o gosto das grandes tempestades”.

⁹² Comentário feito na contracapa do livro de *O homem e a mulher*.

⁹³ Comentário feito na contracapa do livro de *O homem e a mulher*.

POESIA SELECIONADA

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa	Introdução	Panorama da Literatura	Biografia	Obras	Sobre o CD Literário
------	------------	------------------------	-----------	-------	----------------------

- [Fortuna crítica](#)
- [Varal literário](#)
- [Livro em movimentação](#)
- [Escritores citados](#)
- [Além das fronteiras](#)
- [Poesia falada/musicada](#)
- [Prêmios](#)
- [Entrevista](#)
- [Galeria de imagens](#)
- [Links](#)
- [Questionários](#)

FORTUNA CRÍTICA

Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)



Poesias selecionadas

O homem e a mulher.
Joinville: edição do autor, 1980.

CONTIGO
(p.22)

Contigo,
tudo é pertinho
de nós mesmos.

Tudo é caminho
de nós mesmos;

tudo é pedaço
de nós mesmos;

tudo é desfecho
de nós mesmos.

SEM TI (p. 23)

Sem ti,
penitente
meu ser chora.

A vida chora
como se, viva,
estivesse de castigo.

[Voltar](#)

COBRA NORATO E A ESPECIFICIDADE DA LINGUAGEM POÉTICA (1982)

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

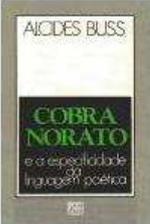
[Capa](#) | [Introdução](#) | [Panorama da Literatura](#) | [Biografia](#) | [Obras](#) | [Sobre o CD Literário](#)

FORTUNA CRÍTICA

- Fortuna crítica
- Varal literário
- Livro em movimentação
- Escritores citados
- Além das fronteiras
- Poesia falada/musicada
- Prêmios
- Entrevista
- Galeria de imagens
- Links
- Questionários

Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)

FORTUNA CRÍTICA



1982 - COBRA NORATO E A ESPECIFICIDADE DA LINGUAGEM POÉTICA

1. CELESTINO SACHET

"Baseado em sólida (e deglutida) literatura científica sobre a guerra das musas, que vai de Jakobson, (o gringo seco e frio), até Jean Cohen (o francês sem adjetivos), passando pela Ingarden escalpeado pela Maria Luíza Ramos, até que não fica difícil convencer-nos de que 'é na forma que reside a poesia'. A partir daí (...) é pegar a 'especificidade da linguagem poética em Cobra Norato', através da 'forma de expressão' e 'os aspectos formais do conteúdo', (...) Raul Bopp escreveu um 'doutor' poema tecnicamente perfeito e perfeitamente engajado ao mostrar a 'visão do homem natural americano' e 'em permanente compromisso com o homem' de todos os tempos e de todas as cores".

[Poesia selecionada](#)

1. CELESTINO SACHET⁹⁴

“Baseado em sólida (e deglutida) literatura científica sobre a guerra das musas, que vai de Jakobson, (o gringo seco e frio), até Jean Cohen (o francês sem adjetivos), passando pela Ingarden escalpeado pela Maria Luíza Ramos, até que não fica difícil convencer-nos de que ‘é na forma que reside a poesia’. A partir daí (...) é pegar a ‘especificidade da linguagem poética em Cobra Norato’, através da ‘forma de expressão’ e ‘os aspectos formais do conteúdo’, (...) Raul Bopp escreveu um ‘doutor’ poema tecnicamente perfeito e perfeitamente engajado ao mostrar a ‘visão do homem natural americano’ e ‘em permanente compromisso com o homem’ de todos os tempos e de todas as cores”.

⁹⁴ Comentário feito na contracapa do livro de *Cobra Norato e a especificidade da linguagem poética*.

O HOMEM SEM O HOMEM (1982)

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa | Introdução | Panorama da Literatura | Biografia | Obras | Sobre o CD Literário

Fortuna crítica
Varal literário
Livro em movimentação
Escritores citados
Além das fronteiras
Poesia falada/musicada
Prêmios
Entrevista
Galeria de imagens
Links
Questionários

FORTUNA CRÍTICA

Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)



[Poesia selecionada](#)

1982 - O HOMEM SEM O HOMEM

1. RAIMUNDO C. CARUSO

"Poesia civil e poeta do cotidiano, mas não mais do cotidiano lírico e extravagante do poeta da semana de arte de 22, a poesia de Buss é a literatura da crise social mais grave que já se viu no país, é criação reveladora da miséria espiritual e da desumanização.

Num momento em que os partidos políticos, a opinião pública, as escolas e a própria classe intelectual estão preocupados com grandes projetos "nacionais" – e aqui também cabe colocar entre aspas **projetos** – Alcides Buss nos revela, como boa literatura, o varejo das relações humanas, hoje cada vez mais caóticas e absurdas.

Sem descuidar-se da natureza literária e específica do poema, o poeta do excelente **O homem sem o homem** dá o alarme frente a uma crise e a um tempo humanos em que "a alma empobrece" e "há azedume nas ruas" como ele escreveu em "O homem adiado", dedicado à Geraldo Vandré.

Mas, o problema da morte da espiritualidade em troca de uma "eficiência" e de uma "impressoalidade" capitalista é mais grave do que parece à primeira vista. E isso porque, como já é senso comum a uma parte muito grande da população que considera inevitável "a mudança", hoje confunde-se desumanização com modernidade.

Em outras palavras: como se a mudança e os novos tempos trouxessem inevitavelmente - e naturalmente - em seu bojo, a desumanidade.

Hoje, ao contrário do que acontecia até, há bem pouco tempo, o processo ideológico e material de desumanização do homem, através de eficientíssimos meios de comunicação de massa, está ocupando todos os espaços e impondo o seu ímpeto na mais suposta parte da intimidade do

1. RAIMUNDO C. CARUSO⁹⁵

“Poesia civil e poeta do cotidiano, mas não mais do cotidiano lírico e extravagante do poeta da semana de arte de 22, a poesia de Buss é a literatura da crise social mais grave que já se viu no país, é criação reveladora da miséria espiritual e da desumanização.

Num momento em que os partidos políticos, a opinião pública, as escolas e a própria classe intelectual estão preocupados com grandes projetos “nacionais” – e aqui também cabe colocar entre aspas projetos – Alcides Buss nos revela, como boa literatura, o varejo das relações humanas, hoje cada vez mais caóticas e absurdas.

Sem descuidar-se da natureza literária e específica do poema, o poeta do excelente *O homem sem o homem* dá o alarme frente a uma crise e a um tempo humanos em que “a alma

⁹⁵ Comentário feito na contracapa do livro de *O homem sem o homem*.

empobrece” e “há azedume nas ruas” como ele escreveu em “O homem adiado”, dedicado à Geraldo Vandré. Mas, o problema da morte da espiritualidade em troca de uma “eficiência” e de uma “impessoalidade” capitalista é mais grave do que parece à primeira vista. E isso porque, como já é senso comum a uma parte muito grande da população que considera inevitável “a mudança”, hoje se confundem desumanização com modernidade.

Em outras palavras: como se a mudança e os novos tempos trouxessem inevitavelmente - e naturalmente – em seu bojo, a desumanidade.

Hoje, ao contrário do que acontecia até, há bem pouco tempo, o processo ideológico e material de desumanização do homem, através de eficientíssimos meios de comunicação de massa, está ocupando todos os espaços e impregna e se insinua na mais remota parte da intimidade do indivíduo, e o corrompe.

E torna-o indiferente ao destino dos outros homens, torna-o cínico, presumido “auto-suficiente”.

Por isso, ao contrário do “José” de Drummond de Andrade, do José de terno de vidro e biblioteca, Alcides Buss encontra hoje um José generalizado, patológico, social. E então parte de sua poesia se exaspera e quase chaga ao panfletário, como é o caso dos poemas “Presente roubado” e “Discurso assassino”. Porém, em seguida, o poeta reassume o controle do seu meio de expressão e produz o belíssimo “Cidadão perplexo”.

Com este *O homem sem o homem*, o poeta inaugura um ciclo em que a arte desperta para o caráter criminoso da desumanização, não mais do homem isolado, mas de populações e países inteiros.

É o esforço “da poesia na sua dignidade e na sua “impotência”, na sua originalidade e na sua arte, capaz de assumir a luta geral contra a crise e a falência do projeto humano que a duras penas a civilização vinha esboçando para o Homem”.

2. LEILA MÍCCOLIS⁹⁶

A história não pára – mesmo a literária, embora às vezes possa parecer o contrário – e depois do período inicial de crescimento, a poesia passou para uma nova fase, onde já é possível retirar rótulos, aproximar os diversos estilos e tentar a coexistência pacífica de idéias divergentes. Enfim, começa a se entender que importante não é essa ou aquela visão isolada, mas o conjunto delas, capaz de retratar artisticamente um determinado momento sócio-político.

Foi isso que senti ao ler *O homem sem o homem*, um livro à primeira vista rebuscado, diferente da maioria dos atuais volumes de poesia, fáceis na comunicação e diretos no linguajar. Mas, aos poucos, vai-se penetrando na intenção do autor: a de desarmar as armadilhas contidas em cada vocábulo, descobrindo nele várias outras significações.

E a partir desta ampliação, cada palavra na obra de Alcides Buss é rica em conteúdos, principalmente quando ela a disseca, mostrando que uma expressão é composta de inúmeras idéias; e se tal método permite várias leituras e diversas interpretações, também é responsável por uma mais lenta assimilação por parte do leitor que, a cada nova acepção de um termo, vê acrescentado outro aspecto da cosmovisão *d'O homem sem o homem*, muito mais do que um mero exercício formal de linguagem, a solidão do ser, dividido entre seus problemas existências e sociais, diante do massacre a que é diariamente submetido.

A maior satisfação que encontrei na poesia de Alcides Buss foi verificar que todos têm pontos em comum e que nossos caminhos não são tão diferentes assim...

O homem sem o homem é um dramático apelo para nos procurarmos recíproca e mutuamente. Se não conseguirmos, então todas as ideologias terão falhado, as palavras se tornarão inúteis, a poesia supérflua, e a próxima guerra mundial – devastadora, desintegrante e fatal – será interior, contra nós mesmos, entrincheirados inimigos dos próprios sonhos.

⁹⁶ Comentário feito na contracapa do livro de *O homem sem o homem*.

POESIA SELECIONADA

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa
Introdução
Panorama da Literatura
Biografia
Obras
Sobre o CD Literário

- [Fortuna crítica](#)
- [Varal literário](#)
- [Livro em movimentação](#)
- [Escritores citados](#)
- [Além das fronteiras](#)
- [Poesia falada/musicada](#)
- [Prêmios](#)
- [Entrevista](#)
- [Galeria de imagens](#)
- [Links](#)
- [Questionários](#)

FORTUNA CRÍTICA

Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)



Poesias selecionadas

O homem sem o homem.
Florianópolis: Editora Noa Noa, 1982.

SOLIDÃO NO INVERNO
(p. 40)

Você está triste no mundo.
Pedacos de céu ficaram
na rua e as figuras
se calam no frio.

Você está triste no mundo.
Lembranças trazem lembranças.
Os braços quedam cansados
no corpo de poucas palavras.

Você está triste no mundo.
Nenhuma ansiedade
resiste mais tempo;
a alma finge morrer.

[Voltar](#)

ANTOLOGIA DO VARAL LITERÁRIO (ORG.) (1983)

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa | Introdução | Panorama da Literatura | Biografia | Obras | Sobre o CD Literário

FORTUNA CRÍTICA Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)

[Poesia selecionada](#)

1983 - ANTOLOGIA DO VARAL LITERÁRIO (ORG.)

1. Lauro Junkes

Esta *Antologia do Varal Literário* traz ao leitor uma das mais decisivas experiências realizadas no Brasil para a sobrevivência e penetração social da literatura. (...) Urge, então, encontrar meios alternativos para veicular o poema, para estabelecer o contato entre o público e o texto literário.

- Fortuna crítica
- Varal literário
- Livro em movimentação
- Escritores citados
- Além das fronteiras
- Poesia falada/musicada
- Prêmios
- Entrevista
- Galeria de imagens
- Links
- Questionários

1. LAURO JUNKES ⁹⁷

Esta *Antologia do Varal Literário* traz ao leitor uma das mais decisivas experiências realizadas no Brasil para a sobrevivência e penetração social da literatura. (...) Urge, então, encontrar meios alternativos para veicular o poema, para estabelecer o contato entre o público e o texto literário.

⁹⁷ Comentário feito na contracapa do livro *Antologia do varal literário*..

SETE PAVIOS NO AR (1985)

Exemplar não disponível

PESSOA QUE FINGE A DOR (1985)

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa Introdução Panorama da Literatura Biografia Obras Sobre o CD Literário

Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)

FORTUNA CRÍTICA

 Fortuna crítica

 Varal literário

 Livro em movimentação

 Escritores citados

 Além das fronteiras

 Poesia falada/musicada

 Prêmios

 Entrevista

 Galeria de imagens

 Links

 Questionários



[Poesia selecionada](#)

1985 - PESSOA QUE FINGE A DOR

1. Jornal O POVO, Fortaleza – CE, 20/04/1986

Um livro que não será comprado e nem vendido, mas que mesmo assim circulará entre os poetas e demais leitores do País e do Exterior. Esta é a proposta do autor catarinense Alcides Buss que, ao lançar Pessoa que finge a dor, uma pequena coletânea de poemas ilustrados pelo artista plástico Rodrigo de Haro, institui uma campanha na qual 'o livro escolhe o leitor'. O trabalho de Buss é dedicado aos poetas em geral e no título já expressa uma mensagem ao português Fernando Pessoa. Com uma tiragem de apenas 500 exemplares, o livro foi inicialmente distribuído a escritores brasileiros e de outros países que, por sua vez, o passarão adiante, a novos leitores. Cada novo leitor será incorporado na obra com o seu nome e o tempo de seu ingresso nesse circuito de solidariedade vivencial e poética.

O circuito é aberto e ninguém sabe em quem e onde vai dar. Qualquer pessoa, no entanto, a qualquer momento, poderá ser incluída nele.

O 'Movimento de Ação do Livro: o Livro em Movimentação', como foi designada a proposta, implica uma denúncia da situação do livro no Brasil e ao mesmo tempo uma alternativa para sua dinamização. Ao contrário do que habitualmente ocorre, nesse projeto o livro não é imobilizado na posse individual, convertido em objeto de depósito ou de decoração nas estantes.

1. JORNAL "O POVO"⁹⁸

Um livro que não será comprado e nem vendido, mas que mesmo assim circulará entre os poetas e demais leitores do País e do Exterior. Esta é a proposta do autor catarinense Alcides Buss que, ao lançar Pessoa que finge a dor, uma pequena coletânea de poemas ilustrados pelo artista plástico Rodrigo de Haro, institui uma campanha na qual 'o livro escolhe o leitor'. O trabalho de Buss é dedicado aos poetas em geral e no título já expressa uma mensagem ao português Fernando Pessoa. Com uma tiragem de apenas 500 exemplares, o livro foi inicialmente distribuído a escritores brasileiros e de outros países que, por sua vez, o passarão adiante, a novos leitores. Cada novo leitor será incorporado na obra com o seu nome e o tempo de seu ingresso nesse circuito de solidariedade vivencial e poética. O circuito é aberto e ninguém sabe em quem e onde vai dar. Qualquer pessoa, no entanto, a qualquer momento poderá ser incluída nele.

⁹⁸ Jornal "O Povo", Fortaleza – CE, 20/04/1986

O 'Movimento de Ação do Livro: o Livro em Movimentação', como foi designado à proposta, implica uma denúncia da situação do livro no Brasil e ao mesmo tempo uma alternativa para sua dinamização. Ao contrário do que habitualmente ocorre, nesse projeto o livro não é imobilizado na posse individual, convertido em objeto de depósito ou de decoração nas estantes.

POESIA SELECIONADA

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

[Capa](#) | [Introdução](#) | [Panorama da Literatura](#) | [Biografia](#) | [Obras](#) | [Sobre o CD Literário](#)

-  Fortuna crítica
-  Varal literário
-  Livro em movimentação
-  Escritores citados
-  Além das fronteiras
-  Poesia falada/musicada
-  Prêmios
-  Entrevista
-  Galeria de imagens
-  Links
-  Questionários

FORTUNA CRÍTICA

Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)



[Voltar](#)

Poesias selecionadas

Pessoa que finge a dor.
Florianópolis: Movimento de Ação do Livro, 1985.

FINGIDOR

Transito por ruas em ruas
e me dilacero
na dor de viver.

Disparo ao sétimo abismo
e me recupero
no voo da dor.

Retorno então ao destino
diário de ser
também fingidor.

SEGUNDA PESSOA (1987)

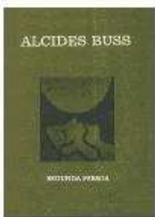
"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa	Introdução	Panorama da Literatura	Biografia	Obras	Sobre o CD Literário
------	------------	------------------------	-----------	-------	----------------------

- Fortuna crítica
- Varal literário
- Livro em movimentação
- Escritores citados
- Além das fronteiras
- Poesia falada/musicada
- Prêmios
- Entrevista
- Galeria de imagens
- Links
- Questionários

FORTUNA CRÍTICA

Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)



[Poesia selecionada](#)

1987 - SEGUNDA PESSOA

1. NELLY NOVAES COELHO

Considera a Poesia altamente consciente da palavra e seu poder criador, a de Alcides Buss concentra nestes mini-poemas, uma situação-limite bem característica destes novos tempos de apocalipse e gênese. Referimo-nos à consciência de que hoje estamos vivendo em compasso-de-espera entre um *findar* e um *renascer*.

De um lado o "findar" apocalíptico, fruto da deterioração dos valores-alicerces da Sociedade herdado por nosso século e hoje em plena metamorfose. De outro, o "renascer" ou a gênese que, embora longínquo, já se faz intuir através de claros índices de que um novo homem deve surgir do esgotamento deste que, há muito, está em agonia.

Romper limites, penetrar no "caminho vedado" e "reaprender a pensar", eis o prenúncio de uma nova maneira-de-ser-e-de-estar no mundo que, em tempo vindouro, substituirá a maneira degradada de viver que hoje se impõe ao "homem moderno", e que a poesia de Alcides Buss testemunha com lucidez.

Essa poética consegue atingir, o aparente ludismo do jogo poético, - do entretecer palavras, sons, imagens, emoções... está impregnado da essencialidade própria da verdadeira poesia.

Estruturadas em 9 versos, rigorosamente distribuídos em três tercetos, ritmados em redondilha menor ou maior, essas minúsculas "ilhas" são, na verdade, pequenas "pontas" que bóiam na superfície da tessitura verbal, ocultando o imenso iceberg da crise social/existencial em acelerado processo em nossos dias, mas ainda não conscientizada pela maioria dos homens.

É nesse sentido que podemos entender a divisão destes mini-poemas em duas partes: na primeira, "À Beira do Abismo", concentram-se os poemas-testemunhos da vida cotidiana, bloqueadora das forças vivas do ser; na outra, "Segunda Pessoa", se dá a evocação ao "tu" essencial, no sentido da

1. NELLY NOVAES COELHO⁹⁹

Considera a Poesia altamente consciente da palavra e seu poder criador, a de Alcides Buss concentra nestes mini-poemas, uma situação-limite bem característica destes novos tempos de apocalipse e gênese. Referimo-nos à consciência de que hoje estamos vivendo em compasso-de-espera entre um *findar* e um *renascer*.

De um lado o "findar" apocalíptico, fruto da deterioração dos valores-alicerces da Sociedade herdada por nosso século e hoje em plena metamorfose. De outro, o "renascer" ou a gênese que, embora longínquo, já se faz intuir através de claros índices de que um novo homem deve surgir do esgotamento deste que, há muito, está em agonia.

⁹⁹ A referida crítica encontra-se no livro *Segunda Pessoa*.

Romper limites, penetrar no “caminho vedado” e “reaprender a pensar”, eis o prenúncio de uma nova maneira-de-ser-e-de-estar no mundo que, em tempo vindouro, substituirá a maneira degradada de viver que hoje se impõe ao “homem moderno”, e que a poesia de Alcides Buss testemunha com lucidez.

Essa poética consegue atingir, o aparente ludismo do jogo poético, - do entretecer palavras, sons, imagens, emoções... Está impregnado da essencialidade própria da verdadeira poesia.

Estruturadas em nove versos, rigorosamente distribuídos em três tercetos, ritmados em redondilha menor ou maior, essas minúsculas “ilhas” são, na verdade, pequenas “pontas” que bóiam na superfície da tessitura verbal, ocultando o imenso *iceberg* da crise social/existencial em acelerado processo em nossos dias, mas ainda não conscientizada pela maioria dos homens.

É nesse sentido que podemos entender a divisão destes mini-poemas em duas partes: na primeira, “À Beira do Abismo”, concentram-se os poemas-testemunhos da vida cotidiana, bloqueadora das forças vivas do ser; na outra, “Segunda Pessoa”, se dá a evocação ao “tu” essencial, no sentido da autoconsciência indispensável à plena realização da condição humana. Aliás, esse impulso de comunicação com o “tu” fundamental, manifestada pelo “eu” poético, é o fator responsável pela tensão dialética que dinamiza o discurso poético de Alcides Buss.

Difícil abarcarmos, neste breve espaço de reflexão, todas as transfigurações ou invenções que a madura arte do poeta nos oferece neste pequeno/grande livro. Entretanto, tentando sintetizar as principais *coordenadas de pensamento* que, a nosso ver, respondem pela riqueza de visão revelada pelo poeta e pela coerência orgânica de seus breves poemas, destacamos quatro que, não por acaso, coincidem com algumas das mais atuantes no pensamento contemporâneo. È, através delas, que aqui propomos uma das muitas leituras que estes poemas permitem. Resumindo-as, temos:

A certeza de que a Palavra é o agente criador/construtor/modificador do verdadeiro Real. Tempo-limite entre os *despojos* do homem antigo (esgotado até os ossos, esvaziado até da palavra) e o *vislumbrar* da abertura para o “caminho vedado” para “re-aprender a

pensar”... É esse o tempo vivenciado nesta breve/densa poesia que Alcides Buss aqui recolheu.

2. JACKELIANE PELLEGRINI¹⁰⁰

O livro *Segunda Pessoa* é formado por minipoemas, retratando um tempo que urge por mudanças e reestruturações na sociedade, com o nascimento de um novo homem. Os poemas são estruturados em nove versos de três tercetos, ritmados em redondilha menor ou maior que, com sua brevidade, mostram sua grande densidade, numa crise social/existencial dos nossos dias e da qual, muito homens estão alienados.

O homem fruto da deterioração dos valores alicerces da sociedade herdada por nosso século está atualmente em plena metamorfose, (...) nessa troca de homem que se repete em todo o poema está, em essência, a transfiguração poética do processo que corrói a vida contemporânea. O renascer de valores ou certezas de que o mundo está carente, também se revela. (...) Fala do homem duplamente decaído, primeiro pela queda bíblica e depois pelo saber científico, e que se encontra à beira do abismo. O homem foi despojado de sua origem divina e não conseguiu ser preenchido com nada que não fosse precário e descartável.

Ocorre um jogo metaplasmiático que denuncia as constantes mudanças dos valores no caótico mundo moderno. Cada palavra e sua correspondente transformação encerram um mundo de vivências, intenções, frustrações, etc.

Nos poemas da segunda parte, Alcides dirige a fala a um “tu”, abrindo assim espaço para um diálogo com o leitor (a segunda pessoa), proporcionando a complementaridade essencial *Eu/Outro*.

Ao chegar à beira do abismo, nada mais resta ao homem a não ser “o salto no desconhecido”. O homem desaprende as verdades seculares que justificam o nascer e o morrer, que não pode ser alterado, e continua sempre o mesmo enigma.

¹⁰⁰ A referida crítica encontra-se no livro *Segunda Pessoa*.

POESIA SELECIONADA

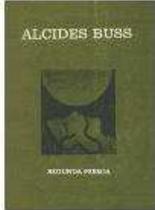
"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa	Introdução	Panorama da Literatura	Biografia	Obras	Sobre o CD Literário
------	------------	------------------------	-----------	-------	----------------------

- [Fortuna crítica](#)
- [Varal literário](#)
- [Livro em movimentação](#)
- [Escritores citados](#)
- [Além das fronteiras](#)
- [Poesia falada/musicada](#)
- [Prêmios](#)
- [Entrevista](#)
- [Galeria de imagens](#)
- [Links](#)
- [Questionários](#)

FORTUNA CRÍTICA

Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)



Poesias selecionadas

Segunda pessoa.
Florianópolis: Movimento de Ação do Livro, 1987.

Tevelesão
(p. 39)

Te vês na tela
plantado, estrela
de brilho moldado.

Te vês regado
de adubo, dosado
sob firme traçado.

Te vês o fruto
da tela, adequado
à imagem na terra.

[Voltar](#)

TRANSAÇÃO (1988)

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa | Introdução | Panorama da Literatura | Biografia | Obras | Sobre o CD Literário

FORTUNA CRÍTICA Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)

1988 - TRANSAÇÃO

1. TÂNIA REGINA OLIVEIRA RAMOS

"Alcides Buss não é mais um. Poeta que se transforma a cada instante em homem de ação, já tem o seu lugar, a sua importância como precursor de uma ousadia formal e ética, dessacralizando o livro e criando uma espécie de confraria intelectual através do "Movimento de ação do livro: o Livro em Movimentação".

Venho acompanhando a obra de Alcides Buss há algum tempo. A princípio pelo interesse-amigo e pelo orgulho do colega-poeta. Mais tarde, circunstancialmente, meu interesse passou a ter um caráter acadêmico. Procurei, então, fazer uma leitura sistematizada dos textos, dos livros, das palavras-munição do Poeta.

Pretendia com isto ver Alcides Buss como poeta catarinense, representativo na literatura brasileira contemporânea, principalmente pelo expressivo número de livros publicados e pelo seu desempenho intelectual. A partir daí, a possibilidade de inseri-lo no estudo do processo da evolução da moderna poesia brasileira".

A leitura de sua produção "mostrava-me sempre a possibilidade de ler o Poeta como participante do projeto de aprimoramento do fazer poético, que começa em 22, passa por 45, pelas vanguardas de 60, pela experiência marginal, até chegar aos anos 80, quando a poesia realmente transcende o livro, conseguindo espaços condizentes com a sua modernidade: televisão, videopoemas, páginas de jornal, e, não apenas, espaços reservados nos suplementos literários e culturais.

(...) Alcides Buss é curioso e criativo. Obviamente não fica alheio ao que acontece com, na e pela poesia brasileira, mas procura ir além. (...) Agora em *Transação*, é que Alcides Buss, com verdadeira consciência da função da palavra poética, passa de uma visão estática da linguagem, que se percebe nos primeiros poemas publicados, para uma visão dinâmica. (...) instaurando a sua

1. TÂNIA REGINA OLIVEIRA RAMOS¹⁰¹

"Alcides Buss não é mais um. Poeta que se transforma a cada instante em homem de ação, já tem o seu lugar, a sua importância como precursor de uma ousadia formal e ética, dessacralizando o livro e criando uma espécie de confraria intelectual através do "Movimento de ação do livro: o Livro em Movimentação".

Venho acompanhando a obra de Alcides Buss há algum tempo. A princípio pelo interesse-amigo e pelo orgulho do colega-poeta. Mais tarde, circunstancialmente, meu interesse passou a ter um caráter acadêmico. Procurei, então, fazer uma leitura sistematizada dos textos, dos livros, das palavras-munição do Poeta.

¹⁰¹ A referida crítica encontra-se no livro *Transação*.

Pretendia com isto ver Alcides Buss como poeta catarinense, representativo na literatura brasileira contemporânea, principalmente pelo expressivo número de livros publicados e pelo seu desempenho intelectual. A partir daí, a possibilidade de inseri-lo “no estudo do processo da evolução da moderna poesia brasileira”.

A leitura de sua produção “mostrava-me sempre a possibilidade de ler o Poeta como participante do projeto de aprimoramento do fazer poético, que começa em 22, passa por 45, pelas vanguardas de 60, pela experiência marginal, até chegar aos anos 80, quando a poesia realmente transcende o livro, conseguindo espaços condizentes com a sua modernidade: televisão, videopoemas, páginas de jornal, e, não apenas, espaços reservados nos suplementos literários e culturais.

(...) Alcides Buss é curioso e criativo. Obviamente não fica alheio ao que acontece com, na e pela poesia brasileira, mas procura ir além. (...) Agora em Transação, é que Alcides Buss, “com verdadeira consciência da função da palavra poética, passa de uma visão estática da linguagem, que se percebe nos primeiros poemas publicados, para uma visão dinâmica, (...) instaurando a sua modernidade: nas possibilidades das descobertas e da invenção”.

“A poesia de Alcides Buss pode ser vista de acordo com a ordem cronológica da publicação de seus livros, a partir da percepção de que em cada livro há uma nova inquietação e uma nova descoberta. (...) Transação compõe um entrecruzamento de vozes poéticas, onde os intervalos são preenchidos por uma profunda e obstinada capacidade de re-descobrir a Poesia no cotidiano, no mundo, no outro, no silêncio, nos espaços em branco ou na própria poesia. Seu prefixo é trans; sua relação com a poesia é a “transa”; sua missão como poeta é a ação. Daí Transação”.

POESIA SELECIONADA

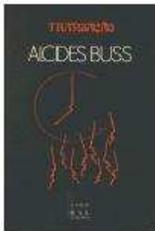
"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa	Introdução	Panorama da Literatura	Biografia	Obras	Sobre o CD Literário
------	------------	------------------------	-----------	-------	----------------------

- [Fortuna crítica](#)
- [Varal literário](#)
- [Livro em movimentação](#)
- [Escritores citados](#)
- [Além das fronteiras](#)
- [Poesia falada/musicada](#)
- [Prêmios](#)
- [Entrevista](#)
- [Galeria de imagens](#)
- [Links](#)
- [Questionários](#)

FORTUNA CRÍTICA

Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)



[Voltar](#)

Poesias selecionadas

Transação.
Florianópolis: M.A.L. Edições, 1988.

A beleza
(p. 61)

A beleza me foge, foge-me
Como do fruto foge a sombra.

Onde a tenho, não estou.
Mais a quero, mais a perco.

O que fazer, o que fazer?

Não sei, não sei. Sei, porém
que me amo de a querer
e vivo em só perdê-la.

A POESIA DO ABC (1989)

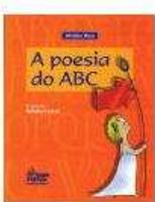
"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa	Introdução	Panorama da Literatura	Biografia	Obras	Sobre o CD Literário
------	------------	------------------------	-----------	-------	----------------------

-  Fortuna crítica
-  Varal literário
-  Livro em movimentação
-  Escritores citados
-  Além das fronteiras
-  Poesia falada/musicada
-  Prêmios
-  Entrevista
-  Galeria de imagens
-  Links
-  Questionários

FORTUNA CRÍTICA

Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)



1989 - A POESIA DO ABC

1. ALCIDES BUSS

"Quando criança, eu queria ser jogador de futebol. Cheguei a ser o goleiro do colégio. Mas um dia, numa cobrança de falta, fui atingido por uma bola (um petardo) bem na boca do estômago. Achei que ia morrer. A partir daí desisti do futebol. Descobri então que tinha um outro talento: o de desenhar. Virei o "artista" da escola. alimentei até a idéia de ser um pintor de verdade e me dediquei a fazer muitos exercícios, por exemplo, desenhar cem vezes a mesma orelha. Eu só não sabia que a minha vocação verdadeira era outra. Fui descobri-la dentro de uma biblioteca.

[Poesia selecionada](#)

Sim, foi no mundo da leitura que eu me achei. Me convenci que nada é tão prazeroso quanto ler um bom livro. Rapidinho, comecei também a escrever. Os anos foram passando e ao longo deles publiquei muitos livros e ganhei muitos prêmios. O que mais me deixou feliz foi justamente o prêmio dado, pela associação Paulista de Críticos de Arte," aos poemas deste livro.

1. ALCIDES BUSS

" Quando criança, eu queria ser jogador de futebol. Cheguei a ser o goleiro do colégio. Mas um dia, numa cobrança de falta, fui atingido por uma bola (um petardo) bem na boca do estômago. Achei que ia morrer. A partir daí desisti do futebol. Descobri então que tinha um outro talento: o de desenhar. Virei o "artista" da escola. alimentei até a idéia de ser um pintor de verdade e me dediquei a fazer muitos exercícios, por exemplo, desenhar cem vezes a mesma orelha. Eu só não sabia que a minha vocação verdadeira era outra. Fui descobri-la dentro de uma biblioteca.

Sim, foi no mundo da leitura que eu me achei. Me convenci que nada é tão prazeroso quanto ler um bom livro. Rapidinho, comecei também a escrever. Os anos foram passando e ao longo deles publiquei muitos livros e ganhei muitos prêmios. O que mais me deixou feliz

foi justamente o prêmio dado pela associação “Paulista de Críticos de Arte” aos poemas deste livro.

POESIA SELECIONADA

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa	Introdução	Panorama da Literatura	Biografia	Obras	Sobre o CD Literário
------	------------	------------------------	-----------	-------	----------------------

- [Fortuna crítica](#)
- [Varal literário](#)
- [Livro em movimentação](#)
- [Escritores citados](#)
- [Além das fronteiras](#)
- [Poesia falada/musicada](#)
- [Prêmios](#)
- [Entrevista](#)
- [Galeria de imagens](#)
- [Links](#)
- [Questionários](#)

FORTUNA CRÍTICA

Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)



Poesias selecionadas

A poesia do ABC.
(infantil)
Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1989.

PÉ DE POESIA
(p. 21)

O **P** é o impacto
da palavra
que bate em nossa porta.

O **P** é presságio
de perder
apressando o nosso passo.

O **P** é parcela
da paisagem
que colhemos da janela.

O **P** é o perigo
que proíbe
o peixe de ser visto.

O **P** é o pedaço
da paixão
que espeta o coração.

O **P** é o princípio
do poema
que sai do precipício

Mas o **P**
é sobretudo
O pé da poesia.

[Voltar](#)

O PROFESSOR É UM POETA (ORG.) (1989)

The screenshot shows a website interface with a dark blue header containing the title "A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES". Below the header is a navigation menu with tabs: Capa, Introdução, Panorama da Literatura, Biografia, Obras, and Sobre o CD Literário. On the left side, there is a vertical sidebar with various menu items, each with a circular icon: Fortuna crítica, Varal literário, Livro em movimentação, Escritores citados, Além das fronteiras, Poesia falada/musicada, Prêmios, Entrevista, Galeria de imagens, Links, and Questionários. The main content area is titled "FORTUNA CRÍTICA" and includes a page number "Páginas: 01 02 03 04 05 06 07 08 09 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22". Below this, there is a section for "1989 - O PROFESSOR É UM POETA (ORG.)" with a sub-section "1. SILVEIRA DE SOUZA". A small icon of a book is visible next to the sub-section title. A link "Poesia selecionada" is present. The main text of the sub-section reads: "Na experiência dos varais literários, que o poeta e professor Alcides Buss desde há alguns anos vem coordenando em SC", (...) surge no presente volume o resultado das exposições itinerantes desde 1985 com cerca de 30 poetas que também são professores. "O Professor é um poeta expõe definitivamente, não apenas alguns momentos expressivos de realização lírica, mas também exemplo de vitalidade do poeta catarinense, na busca de soluções para a entrega - a um público sempre o mais amplo possível da sua mensagem estética".

1. SILVEIRA DE SOUZA¹⁰²

"Na experiência dos varais literários, que o poeta e professor Alcides Buss desde há alguns anos vem coordenando em SC", (...) surge no presente volume o resultado das exposições itinerantes desde 1985 com cerca de 30 poetas que também são professores. "O Professor é um poeta expõe definitivamente, não apenas alguns momentos expressivos de realização lírica, mas também exemplo de vitalidade do poeta catarinense, na busca de soluções para a entrega - a um público sempre o mais amplo possível da sua mensagem estética".

¹⁰² A referida crítica encontra-se no livro *O professor é um poeta*.

CONTEMPLAÇÃO DO AMOR – VINTE ANOS DE POESIA ESCOLHIDA (1991)

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa	Introdução	Panorama da Literatura	Biografia	Obras	Sobre o CD Literário
------	------------	------------------------	-----------	-------	----------------------

- Fortuna crítica
- Varal literário
- Livro em movimentação
- Escritores citados
- Além das fronteiras
- Poesia falada/musicada
- Prêmios
- Entrevista
- Galeria de imagens
- Links
- Questionários

FORTUNA CRÍTICA

Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)



1990 - CONTEMPLAÇÃO DO AMOR – VINTE ANOS DE POESIA ESCOLHIDA

1. LAURO JUNKES

Pode-se facilmente constatar que Alcides Buss é poeta da era contemporânea, ligado aos problemas que a arte poética enfrenta nesse contexto. Ele rompe radicalmente com o milenar estereótipo de que o poeta é um gênio eleito, alguém que se distancia da plebe profana (e horacianamente a odeia), que se enclausura na sua "torre de marfim". (...) O poeta, na sua vivência e concepção, é um eleito, sim (ou talvez, melhor ainda, alguém que se construiu), pela sua capacidade inventiva de linguagem, mas eleito para ser solidário, eleito que se vê projetado para falar pelos outros. Esse traço fundamental perpassa todo o seu itinerário poético.

[Poesia selecionada](#)

2. ANTÔNIO HOHLFELDT

Estreando aos vinte anos de idade, em 1970, Alcides Buss abre-se desde logo para uma visão eminentemente crítica da realidade e, para tanto, vale-se especialmente, nestes primeiros momentos de sua caminhada poética do elemento cômico para realizá-la.

Livro de afirmação de Amor - **Círculo Quadrado** abre um processo permanente de evolução, mediante, sobretudo a releitura contínua de sua própria obra, de que esta antologia é a melhor comprovação.

Ahsim é a obra de recriação plena da linguagem poética com a ruptura de padrões tradicionais.

Em **O Homem sem o Homem** ocorre a substituição do conceito de noção pelo de emoção, o poeta trabalha o telúrico, desenvolve o lúdico e descobre a sensualidade, fixando-se na sensoriedade, até atingir o equilíbrio do amor.

Transação – profunda reflexão sobre a poesia e o fazer poético (...) demonstrando um amadurecimento pleno que, sem ser ponto final, é apenas a estação para uma nova partida e um outro recomeço.

1. LAURO JUNKES¹⁰³

Pode-se facilmente constatar que Alcides Buss é poeta da era contemporânea, ligado aos problemas que a arte poética enfrenta nesse contexto. Ele rompe radicalmente com o milenar estereótipo de que o poeta é um gênio eleito, alguém que se distancia da plebe profana (e horacianamente a odeia), que se enclausura na sua "torre de marfim". (...) O poeta, na sua vivência e concepção, é um eleito, sim (ou talvez, melhor ainda, alguém que se construiu), pela sua capacidade inventiva de linguagem, mas eleito para ser solidário, eleito,

¹⁰³ A referida crítica encontra-se no livro *Contemplação do amor – vinte anos de poesia escolhida*.

que se vê, projetado para falar pelos outros. Esse traço fundamental perpassa todo o seu itinerário poético.

2. ANTÔNIO HOHLFELDT¹⁰⁴

Estreando aos vinte anos de idade, em 1970, Alcides Buss abre-se desde logo para uma visão eminentemente crítica da realidade e, para tanto, vale-se especialmente, nestes primeiros momentos de sua caminhada poética do elemento cômico para realizá-la.

Livro de afirmação de Amor - *Círculo Quadrado* abre um processo permanente de evolução, mediante, sobretudo a releitura contínua de sua própria obra, de que esta antologia é a melhor comprovação.

Ahsim é a obra de recriação plena da linguagem poética com a ruptura de padrões tradicionais.

Em *O Homem sem o Homem* ocorre a substituição do conceito de noção pelo de emoção, o poeta trabalha o telúrico, desenvolve o lúdico e descobre a sensualidade, fixando-se na sensoriedade, até atingir o equilíbrio do amor.

Transação – profunda reflexão sobre a poesia e o fazer poético (...) demonstrando um amadurecimento pleno que, sem ser ponto final, é apenas a estação para uma nova partida e outro recomeço.

¹⁰⁴ A referida crítica encontra-se no livro *Contemplação do amor – vinte anos de poesia escolhida*.

NATURAL, AFETIVO, FRÁGIL (1992)

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa | Introdução | Panorama da Literatura | Biografia | Obras | Sobre o CD Literário

FORTUNA CRÍTICA Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)

1992 - NATURAL, AFETIVO, FRÁGIL

 [Poesia selecionada](#)

A linguagem flui com naturalidade e o leitor é convidado a contribuir com sua percepção e sensibilidade, as poesias são curtas (como Haikais), no entanto, impregnadas pela naturalidade no trato que o poeta tem com as palavras.

-  Fortuna crítica
-  Varal literário
-  Livro em movimentação
-  Escritores citados
-  Além das fronteiras
-  Poesia falada/musicada
-  Prêmios
-  Entrevista
-  Galeria de imagens
-  Links
-  Questionários

COMENTÁRIO

A linguagem flui com naturalidade e o leitor é convidado a contribuir com sua percepção e sensibilidade, as poesias são curtas (como Haikais), no entanto, impregnadas pela naturalidade no trato que o poeta tem com as palavras.

POESIA SELECIONADA

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

[Capa](#) | [Introdução](#) | [Panorama da Literatura](#) | [Biografia](#) | [Obras](#) | [Sobre o CD Literário](#)

FORTUNA CRÍTICA

-  Fortuna crítica
-  Varal literário
-  Livro em movimentação
-  Escritores citados
-  Além das fronteiras
-  Poesia falada/musicada
-  Prêmios
-  Entrevista
-  Galeria de imagens
-  Links
-  Questionários

Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)

FORTUNA CRÍTICA



[Voltar](#)

Poesias selecionadas

Natural, afetivo, frágil.
Florianópolis: Edições Athanor, 1992.

NATURAL

A noite, o mar
A noite que ia – qual concha
ressurge o dia.

Cenário com luz:
Um grito fica detido
Num homem de azul.

O vento flauteia
no vale..... Lento, se
enleia nas árvores

Em flor, os ipês
parecem dizer a quem
assim passa, que

Outono na árvore:
sem garra já, a cigarra
persiste no ar.

Fim de entardecer
- um pássaro apressado
cruza o horizonte.

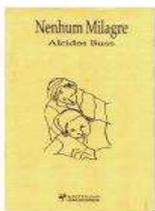
NENHUM MILAGRE (1993)

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa | Introdução | Panorama da Literatura | Biografia | Obras | Sobre o CD Literário

FORTUNA CRÍTICA Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#) [13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)

1993 - NENHUM MILAGRE



[Poesia selecionada](#)

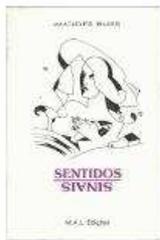
- Fortuna crítica
- Varal literário
- Livro em movimentação
- Escritores citados
- Além das fronteiras
- Poesia falada/musicada
- Prêmios
- Entrevista
- Galeria de imagens
- Links
- Questionários

SINAIS/SENTIDOS (1995)

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

[Capa](#) | [Introdução](#) | [Panorama da Literatura](#) | [Biografia](#) | [Obras](#) | [Sobre o CD Literário](#)

FORTUNA CRÍTICA Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)



[Poesia selecionada](#)

1995 - SINAIS/SENTIDOS

1. FÁBIO LUCAS

União Brasileira de Escritores, São Paulo - SP.

"Sinais/Sentidos representam nova etapa da poesia de Alcides Buss. Trazem a serenidade da expressão, conquista do saber literário, e o tormento das paixões, território da sensibilidade. Tormento das paixões? Os gregos celebraram-no na tragédia, enquanto os modernos o diluíram na paródia. Como centro de atração da lírica, ficou o sofrimento".

"Aqui, o poeta explora a contingência dos sentidos, valendo-se do vigor dos sinais. Uma semiologia dos arcanos. Como a palavra é densa e escassa, os poemas de Alcides Buss se realizam com sobriedade, em versos curtos, mínimos".

Utiliza-se de um "tom céptico de algumas composições, como se viver fosse a trajetória de um fracasso. Predomina o sentido elegíaco nos principais poemas, de mistura com outra atividade, esta sim, produtiva: a investigação do ser enquanto fruto da palavra".

"É tensa a relação do poeta com a concretização da linguagem. Chega a ser projetada em termos de dialética hegeliana, como em "Servo e Senhor". E mais: certos poemas se engendram, por vezes, como uma iluminação, um achado súbito, um êxtase, uma epifania".

"Na maré baixa, os discursos poéticos se remetem à solidão, ao abismo, por vezes ao acaso, como força temática. O poeta é cultor da ausência e do sentimento de perda".

"Entre um poema e outro, reflui, como revisitação da dialética, o jogo das contradições humanas: Dois homens se vêem:/ no vai e vem da conversa/um é o outro. O drama da identidade posto numa situação dialógica. No mais, o corpo renasce, ou se manifesta o cansaço: os "sentidos" baixam a seu significado "fisiológico". O arco da descrença se fecha sobre a ternura dos fatos

1. FÁBIO LUCAS¹⁰⁵

"Sinais/Sentidos representam nova etapa da poesia de Alcides Buss. Traz a serenidade da expressão, conquista do saber literário, e o tormento das paixões, território da sensibilidade. Tormento das paixões? Os gregos celebraram-no na tragédia, enquanto os modernos o diluíram¹⁰⁵ na paródia. Como centro de atração da lírica, ficou o sofrimento".

¹⁰⁵ Fábio Lucas - União Brasileira de Escritores, São Paulo - SP.

“Aqui, o poeta explora a contingência dos sentidos, valendo-se do vigor dos sinais. Uma semiologia dos arcanos. Como a palavra é densa e escassa, os poemas de Alcides Buss se realizam com sobriedade, em versos curtos, mínimos”.

Utiliza-se de um “tom céptico de algumas composições, como se viver fosse a trajetória de um fracasso. Predomina o sentido elegíaco nos principais poemas, de mistura com outra atividade, esta sim, produtiva: a investigação do ser enquanto fruto da palavra”.

“É tensa a relação do poeta com a concretização da linguagem. Chega a ser projetada em termos de dialética hegeliana, como em “Servo e Senhor”. E mais: certos poemas se engendram, por vezes, como uma iluminação, um achado súbito, um êxtase, uma epifania”.

“Na maré baixa, os discursos poéticos se remetem à solidão, ao abismo, por vezes ao acaso, como força temática. O poeta é cultor da ausência e do sentimento de perda”.

“Entre um poema e outro, reflui, como revisitação da dialética, o jogo das contradições humanas: Dois homens se vêem:/ no vai e vem da conversa/um é o outro. O drama da identidade posto numa situação dialógica. No mais, o corpo renasce, ou se manifesta o cansaço: os “sentidos” baixam a seu significado “fisiológico”. O arco da descrença se fecha sobre a ternura dos fatos passados. Novo patamar é alcançado por Alcides Buss em *Sinais/Sentidos*”.

2. MIGUEL SANCHES NETO¹⁰⁶

Ao produzir *Sinais/sentidos* Alcides “se volta mais para si mesmo, sua memória, suas vivências cotidianas, recuperando a espontaneidade e alguns poemas dos primeiros livros, agora sem nenhuma pressão histórica. É o poeta com ele mesmo, neste difícil encontro com o que traz dentro de si, seja sua memória pessoal, nos belos, na obscuridade aterradora da condição humana ou na vivência da simplicidade do cotidiano. O dilema criativo localiza-se

¹⁰⁶ NETO, Miguel Sanches. *Resenha*. Palavra Arte. Disponível em: <http://www.palavrate.com/Artigos_Resenhas/resenhas_abuss.htm>. Acesso em: 13 de junho 2006.

nesta passagem do espaço universal e eterno da cultura para o espaço pessoal e precário do presente. Traduzir um no outro é a difícil tarefa da arte”.

COMENTÁRIO

Centraliza sua abordagem na dualidade, no jogo entre o objetivo e subjetivo, a começar pela diagramação do livro que confunde o leitor, causando estranhamento, pois frente/verso e/ou verso/frente são semelhantes, a única diferença é a posição invertida das imagens que não indicam e não determinam a ordem de leitura, no entanto, o leitor optará por um ou outro. A obra divide-se em duas partes, metade Sinais e a outra metade Sentidos. O autor põe a prova nossa racionalidade, e a sensação de desconforto acontece, justamente, porque nos sentimos impotentes perante o diferente – temos o vazio, temos que fazer uma escolha.

POESIA SELECIONADA

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa	Introdução	Panorama da Literatura	Biografia	Obras	Sobre o CD Literário
------	------------	------------------------	-----------	-------	----------------------

- [Fortuna crítica](#)
- [Varal literário](#)
- [Livro em movimentação](#)
- [Escritores citados](#)
- [Além das fronteiras](#)
- [Poesia falada/musicada](#)
- [Prêmios](#)
- [Entrevista](#)
- [Galeria de imagens](#)
- [Links](#)
- [Questionários](#)

FORTUNA CRÍTICA

Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)



SINAIS/SENTIDOS

Centraliza sua abordagem na dualidade, no jogo entre o objetivo e subjetivo, a começar pela diagramação do livro que confunde o leitor, causando estranhamento, pois frente/verso e/ou verso/frente são semelhantes, a única diferença é a posição invertida das imagens que não indicam e não determinam a ordem de leitura, no entanto, o leitor optará por um ou outro. A obra divide-se em duas partes, metade Sinais e a outra metade Sentidos. O autor põe a prova nossa racionalidade e a sensação de desconforto acontece, justamente, porque nos sentimos impotentes perante o diferente – temos o vazio, temos que fazer uma escolha.

Sinais/Sentidos.
Florianópolis: M.A.L. Edições, 1995.

DE LER E ANDAR
(p. 14)

Há dias em que há
mais sentido nas ruas
do que nos livros.
Nesses dias se deve
de casa sair
e, dentro de si,
caminhar à escuta
da vida.

Há dias,
Porém, em que mais
Sentido há nos livros.
É preciso, então,
trancar-se em leituras
e, numa entrega de sonho,
misturar-se ao mundo.

[Voltar](#)

CINZA DE FÊNIX E TRÊS ELEGIAS (1999)

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

[Capa](#) | [Introdução](#) | [Panorama da Literatura](#) | [Biografia](#) | [Obras](#) | [Sobre o CD Literário](#)

FORTUNA CRÍTICA Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)

-  Fortuna crítica
-  Varal literário
-  Livro em movimentação
-  Escritores citados
-  Além das fronteiras
-  Poesia falada/musicada
-  Prêmios
-  Entrevista
-  Galeria de imagens
-  Links
-  Questionários



[Poesia selecionada](#)

1999 - CINZA DE FÊNIX E TRÊS ELEGIAS

1. DENNIS RADÜNZ (Especial para o Anexo)

Para Dennis o poeta procura nesse livro uma maneira de repensar sua própria forma de expressão artística, coberta de lirismo e melancolia. "O poeta catarinense Alcides Buss refez esse percurso de origens remotas e, entre vôos e vigílias, revisita o mito em seu mais recente livro de poemas, (...) um fino artefato de lirismo e melancolia, de oralidade poética e metapoética, numa encruzilhada de linguagens lida à luz da (sua) experiência. Autor dos mais conceituados no meio literário catarinense, Buss parece reler a própria trajetória em "Cinza...", livro que é, no conjunto de sua obra, uma pausa para respiro em que reflete sobre a escrita, sua e alheia. Composto de dois ciclos de textos metalinguísticos (primeiro, "O Poema"; segundo, "O Poeta"), o livro inclui ainda três elegias distintas no tema a infância perdida, o poeta Lindolf Bell, o índio Pataxó incendiado: mas idênticas no tom afilto, as muitas asas de uma mesma ave.

Quem renasce rememora vida e morte. De fato, esse impulso de reinventar-se, evidente na opção pelo símbolo da Fênix, acentua-se na repetida imagem do atrito entre o fora e o dentro, ou entre "intro" e "endo".

2. MIGUEL SANCHES NETO

No livro Cinza de fênix & três elegias "o poeta erudito, citando e incorporando outros autores, não desiste de assumir-se individual e grupal: 'O poeta não vende / a sua alma: a entrelaça / à alma coletiva', cujos "poemas não se rendem mais às exterioridades formais, embora sejam modernos tanto na dicção não-afirmativa quanto no corte do verso. Aqui, Alcides afasta-se de suas crenças solares, para, de forma madura, confrontar-se com suas sombras. É o poeta dos solitários estados de alma, marcado pela consciência das incertezas temporais.

NETO, Miguel Sanches. Palavra Arte. Disponível em http://www.palavarte.com/Artigos_Resenhas/resenhas_abuss.htm. Acesso em: 13 junho 2006

1. DENNIS RADÜNZ¹⁰⁷

Para Dennis o poeta procura nesse livro uma maneira de repensar sua própria forma de expressão artística, coberta de lirismo e melancolia. "O poeta catarinense Alcides Buss refez esse percurso de origens remotas e, entre vôos e vigílias, revisita o mito em seu mais recente livro de poemas, (...) um fino artefato de lirismo e melancolia, de oralidade poética e metapoética, numa encruzilhada de linguagens lida à luz da (sua) experiência. Autor dos mais conceituados no meio literário catarinense, Buss parece reler a própria trajetória em "Cinza...", livro que é, no conjunto de sua obra, uma pausa para respiro em que reflete sobre a escrita, sua e alheia. Composto de dois ciclos de textos metalinguísticos (primeiro, "O Poema"; segundo, "O Poeta"), o livro inclui ainda três elegias distintas no tema a infância

¹⁰⁷ Dennis Radünz – Reportagem especial para "o Anexo".

perdida, o poeta Lindolf Bell, o índio Pataxó incendiado mas idênticas no tom aflito, as muitas asas de uma mesma ave.

Quem renasce rememora vida e morte. De fato, esse impulso de reinventar-se, evidente na opção pelo símbolo da Fênix, acentua-se na “repetida imagem do atrito entre o fora e o dentro, ou entre "intro" e "endo"”.

2. MIGUEL SANCHES NETO¹⁰⁸

No livro *Cinza de fênix & três elegias* “o poeta erudito, citando e incorporando outros autores, não desiste de assumir-se individual e grupal: ‘O poeta não vende / a sua alma, a entrelaça / à alma coletiva’”, cujos “poemas não se rendem mais às exterioridades formais, embora sejam modernos tanto na dicção não-afirmativa quanto no corte do verso. Aqui, Alcides afasta-se de suas crenças solares, para, de forma madura, confrontar-se com suas sombras. É o poeta dos solitários, estados de alma, marcado pela consciência das incertezas temporais.

3. PALAVRARTE¹⁰⁹

O poeta Alcides Buss, “mestre em evocar belas imagens, não poderia ter escolhido melhor metáfora para dar nome a seu mais recente livro de poesia *Cinza de Fênix & Três Elegias*”. A obra “reúne poemas que são como “cinzas”, resultante não apenas de “lampejos” de “imaginação”, como também de um lento processo de “fundição”, em que o autor buscou (como sempre o fez) dar a melhor forma a suas idéias e palavras”. “Alcides Buss termina o livro com as três elegias prometidas no título, a começar pela *Elegia da Infância Perdida*, um belo e longo poema, talvez um dos melhores de toda a obra, que o autor resolveu estruturar em duas partes: *Coração Singular*, que se subdivide em sete partes, e *Coração Plural*”.

¹⁰⁸ NETO, Miguel Sanches. *Resenha*. Palavra Arte. Disponível em:

<http://www.palavrarte.com/Artigos_Resenhas/resenhas_abuss.htm>. Acesso em: 13 de junho 2006.

¹⁰⁹ “Palavrarte” revista eletrônica que aborda as expressões artísticas, com correspondentes no Brasil e exterior. Maiores informações, disponível em www.palavrarte.com. Acesso em: 20 de junho de 2006.

POESIA SELECIONADA

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa	Introdução	Panorama da Literatura	Biografia	Obras	Sobre o CD Literário
------	------------	------------------------	-----------	-------	----------------------

- [Fortuna crítica](#)
- [Varal literário](#)
- [Livro em movimentação](#)
- [Escritores citados](#)
- [Além das fronteiras](#)
- [Poesia falada/musicada](#)
- [Prêmios](#)
- [Entrevista](#)
- [Galeria de imagens](#)
- [Links](#)
- [Questionários](#)

FORTUNA CRÍTICA



[Voltar](#)

Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)

Poesias selecionadas

Cinza de Fênix e três elegias.
 Florianópolis: Editora Insular, 1999.

O POEMA
(p. 15)

O poema recobre o nervoso sentido do mundo com a aurora do verbo.

O poema percorre a manhã em busca das sombras desfeitas na luz.

O poema recorre à beleza, pra não sucumbir.

No fundo do ser o poema escuta o não-sido e constrói a memória futura.

POMAR DE PALAVRAS (2000)

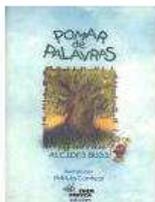
"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa	Introdução	Panorama da Literatura	Biografia	Obras	Sobre o CD Literário
------	------------	------------------------	-----------	-------	----------------------

-  Fortuna crítica
-  Varal literário
-  Livro em movimentação
-  Escritores citados
-  Além das fronteiras
-  Poesia falada/ musicada
-  Prêmios
-  Entrevista
-  Galeria de imagens
-  Links
-  Questionários

FORTUNA CRÍTICA

Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)



[Poesia selecionada](#)

2000 - POMAR DE PALAVRAS

1. EGLÊ MEDEIROS

Apresentar às crianças o pomar da língua, para que nele colham livremente os frutos poéticos, eis a proposta de Alcides Buss. Vamos caminhando por entre a ramaria da "última flor do Lácio", aprendendo a distinguir sabores e texturas, a perceber sutis encadeamentos e inusitadas significações. Convite à conquista de novos espaços, convite ao sonho.

O poeta dialoga com seus pares e será interessante as meninas e os meninos identificarem esses interlocutores, entre os quais se destaca Cecília Meireles.

Alcides Buss, poeta consagrado, ama e respeita o jovem leitor, com quem pretende estabelecer uma troca, que supere discutíveis conceitos de faixa etária. Arrisco-me a palpitar: os poemas nasceram, depois é que percebeu serem acessíveis à sensibilidade juvenil. Ele, que já apresentou à criançada um A B C, se embrenha agora mais fundo no pomar que também pode ser uma selva, caso não nos sintamos "...um fruto/do pomar do coração" e não aprendamos que "De grão em grão/ tornamo-nos irmãos".

Hino à vida e à esperança, o final da "Canção amiga" nos dá o clima do livro: O boi tem um nome:/ Brinquedo;/ o rio, um murmúrio:/ segredo./ Goiabas maduras/ enfeitam a fome./ Viver é gostoso!.

1. EGLÊ MEDEIROS¹¹⁰

Apresentar às crianças o pomar da língua, para que nele colha livremente os frutos poéticos, eis a proposta de Alcides Buss. Vamos caminhando por entre a ramaria da "última flor do Lácio", aprendendo a distinguir sabores e texturas, a perceber sutis encadeamentos e inusitadas significações. Convite à conquista de novos espaços, convite ao sonho.

O poeta dialoga com seus pares e serão interessantes as meninas e os meninos identificarem esses interlocutores, entre os quais se destaca Cecília Meireles.

Alcides Buss, poeta consagrado, ama e respeita o jovem leitor, com quem pretende estabelecer uma troca, que supere discutíveis conceitos de faixa etária. Arrisco-me a palpitar: os poemas nasceram depois é que percebeu serem acessíveis à sensibilidade juvenil. Ele, que já apresentou à criançada um A B C, se embrenha agora mais fundo no pomar que também

¹¹⁰ Comentário na contracapa do livro *Pomar de palavras*.

pode ser uma selva, caso não nos sintamos "...um fruto/do pomar do coração" e não aprendamos que "De grão em grão/ tornamo-nos irmãos".

Hino à vida e à esperança, o final da "Canção amiga" nos dá o clima do livro: O boi tem um nome:/ Brinquedo;/ o rio, um murmúrio:/ segredo./ Goiabas maduras/ enfeitam a fome./ Viver é gostoso!.

POESIA SELECIONADA

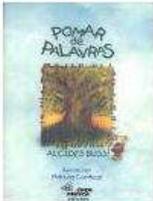
"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa	Introdução	Panorama da Literatura	Biografia	Obras	Sobre o CD Literário
------	------------	------------------------	-----------	-------	----------------------

- [Fortuna crítica](#)
- [Varal literário](#)
- [Livro em movimentação](#)
- [Escritores citados](#)
- [Além das fronteiras](#)
- [Poesia falada/musicada](#)
- [Prêmios](#)
- [Entrevista](#)
- [Galeria de imagens](#)
- [Links](#)
- [Questionários](#)

FORTUNA CRÍTICA

Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)



Poesias selecionadas

Pomar de palavras.
(infantil)
Florianópolis: Cuca Fresca Edições, 2000.

QUEM NÃO SONHA?

A vida é arteira
debaixo da bananeira.
Ali, bem perto do nada,
passeia a sorte inteira.

Se a vista dá bobeira,
À tona vem a cegueira
que, mais do que não ver,
fez ver de outra maneira.

A sombra, tão rasteira,
é altiva companheira;
o sonho, a presença
de tudo margeia.

A alma, faceira,
se sol-ta, sem eira
nem beira, solteira
debaixo da bananeira.

[Voltar](#)

CONTEMPLAÇÃO DO AMOR: 30 ANOS DE POESIA ESCOLHIDA (2002)

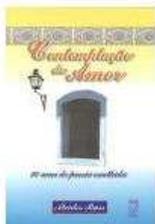
"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa	Introdução	Panorama da Literatura	Biografia	Obras	Sobre o CD Literário
------	------------	------------------------	-----------	-------	----------------------

- Fortuna crítica
- Varal literário
- Livro em movimentação
- Escritores citados
- Além das fronteiras
- Poesia falada/musicada
- Prêmios
- Entrevista
- Galeria de imagens
- Links
- Questionários

FORTUNA CRÍTICA

Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)



2002 - CONTEMPLAÇÃO DO AMOR: 30 ANOS DE POESIA ESCOLHIDA

1. LAURO JUNKES

O professor e crítico Lauro Junkes faz uma análise, viajando por toda a obra de Alcides Buss, salientando a relevância do poeta na Literatura de/em Santa Catarina, mostrando que, durante trinta anos o poeta foi renovando e aprimorando seu fazer literário, segundo ele durante esses trinta anos: ciclos poéticos se solidificaram, respondendo às etapas mutantes do contexto social e existencial". Ressalta ainda que o próprio poeta possui "mecanismos seletivos próprios para publicação de seus trabalhos. Sem receios, pode-se constatar que, imaturos lançamentos, nem de declínios desmerecedores. Em qualquer livro seu, certos poemas ostentam mais primoroso acabamento técnico ou desenvolvimento temático mais pespicaz. Não há, porém, ciclo ou conjunto que, por caráter repetitivo ou desleixo técnico, possa ser recriminado ou supresso".

[Comentário](#)

2. ANTÔNIO HOHLFELDT

Antônio Hohlfeldt é formado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com mestrado e doutorado em Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), escreveu treze livros de ficção infanto-juvenil, além de ter escrito também quinze obras de ensaio e é ativo no mundo acadêmico. Atuou como professor em várias universidades.

Ao comentar sobre a obra de Buss destaca que o poeta faz uma "releitura da vida, releitura da própria literatura, releitura de sua própria poesia. Por isso, não me surpreende que, uma vez mais, Alcides Buss decida-se por uma antologia, relendo-se a si próprio. Para os céticos, talvez seja falta de inspiração. Para os críticos e os alertas, ao contrário, será certamente prova de humildade: reler-se, re-aprender, quem sabe corrigir-se – é a maior certeza de que o poeta, felizmente, ainda está a se indagar sobre as coisas, sobre a vida e sobre si próprio e, por isso mesmo, ainda é capaz de cometer um poema".

3. RUBENS DA CUNHA

Cunha considera Buss "um dos mais profícuos poetas atuais. Vem atuando na literatura desde a década de 70, mantendo um diálogo muito direto e muito aberto com seus leitores. É um ativista da palavra".

1. LAURO JUNKES¹¹¹

O professor e crítico Lauro Junkes faz uma análise, viajando por toda a obra de Alcides Buss, salientando a relevância do poeta na Literatura de/em Santa Catarina, mostrando que, durante trinta anos o poeta foi renovando e aprimorando seu fazer literário, segundo ele durante esses trinta anos: ciclos poéticos se solidificaram, respondendo às etapas mutantes do contexto social e existencial". Ressalta ainda que o próprio poeta possui "mecanismos seletivos próprios para publicação de seus trabalhos. Sem receios, pode-se constatar que, imaturos lançamentos, nem de declínios desmerecedores. Em qualquer livro seu. Certos poemas ostentam mais primoroso acabamento técnico ou desenvolvimento

¹¹¹ Comentário na introdução do livro *Contemplação do amor: 30 anos de poesia escolhida*.

temático mais perspicaz. “Não há, porém, ciclo ou conjunto que, por caráter repetitivo ou desleixo técnico, possa ser recriminado ou supresso”.

2. ANTÔNIO HOHLFELDT¹¹²

Antônio Hohlfeldt é formado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com mestrado e doutorado em Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), escreveu treze livros de ficção infanto-juvenil, além de ter escrito também quinze obras de ensaio e é ativo no mundo acadêmico. Atuou como professor em várias universidades.

Ao comentar sobre a obra de Buss destaca que o poeta faz uma “releitura da vida, releitura da própria literatura, releitura de sua própria poesia. Por isso, não me surpreende que, uma vez mais, Alcides Buss decida-se por uma antologia, relendo-se a si próprio. Para os céticos, talvez seja falta de inspiração. Para os críticos e os alertas, ao contrário, será certamente prova de humildade: reler-se, re-aprender, quem sabe corrigir-se – é a maior certeza de que o poeta, felizmente, ainda está a se indagar sobre as coisas, sobre a vida e sobre si próprio e, por isso mesmo, ainda é capaz de cometer um poema”.

3. RUBENS DA CUNHA¹¹³

Cunha considera Buss “um dos mais profícuos poetas atuais. Vem atuando na literatura desde a década de 70, mantendo um diálogo muito direto e muito aberto com seus leitores. É um ativista da palavra”.

¹¹² Comentário na introdução do livro *Contemplação do amor: 30 anos de poesia escolhida*.

¹¹³ CUNHA, Rubens. *Casa de paragens*. Revista eletrônica. Disponível em <<http://casadeparagens.blogspot.com/>> Publicado em: 28 de novembro de 2005. Acesso em: dez.2006.

COMENTÁRIO

Capa	Introdução	Panorama da Literatura	Biografia	Obras	Sobre o CD Literário
------	------------	------------------------	-----------	-------	----------------------

-  Fortuna crítica
-  Varal literário
-  Livro em movimentação
-  Escritores citados
-  Além das fronteiras
-  Poesia falada/musicada
-  Prêmios
-  Entrevista
-  Galeria de imagens
-  Links
-  Questionários

FORTUNA CRÍTICA



[Voltar](#)

Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)

Comentário

Neste livro concentra-se a poesia de Alcides Buss desde seu primeiro livro *Círculo Quadrado* em 1970 (*O bolso ou a vida?*; *Ahsim*; *O homem e a mulher*; *O homem sem o homem*; *Pessoa que finge a dor*; *Segunda pessoa*; *Transação*; *A poesia do ABC*; *Nenhum milagre*; *Natural, afetivo e frágil*; *Sinais/Sentidos*; *Cinza de Fênix & três elegias*) até *Pomar de palavras* publicado em 2000, durante 30 anos o poeta trouxe à tona d'alma toda a subjetividade permitida à poesia, mostrando que a diferença de um poeta para uma pessoa comum é que o primeiro consegue ver em coisas simples do dia-a-dia um mar de possibilidades e uma infinidade de palavras para expressar tudo o que a vida lhe oferece.

Presente aos 20 anos e também aos 30 anos o professor Lauro Junkes que novamente faz uma análise crítica da obra de Buss, além também de apresentar ao leitor o Varal Literário, o Movimento de Ação do Livro: o Livro em Movimentação, O ABC da Leitura: Manifesto nacional em defesa do livro e da leitura e uma Iconografia do poeta.

COMENTÁRIO

Neste livro concentra-se a poesia de Alcides Buss desde seu primeiro livro *Círculo Quadrado* em 1970 (*O bolso ou a vida?*; *Ahsim*; *O homem e a mulher*; *O homem sem o homem*; *Pessoa que finge a dor*; *Segunda pessoa*; *Transação*; *A poesia do ABC*; *Nenhum milagre*; *Natural, afetivo e frágil*; *Sinais/Sentidos*; *Cinza de Fênix & três elegias*) até *Pomar de palavras* publicado em 2000, durante 30 anos o poeta trouxe à tona d'alma toda a subjetividade permitida à poesia, mostrando que a diferença de um poeta para uma pessoa comum é que o primeiro consegue ver em coisas simples do dia-a-dia um mar de possibilidades e uma infinidade de palavras para expressar tudo o que a vida lhe oferece.

Presente aos 20 anos e também aos 30 anos o professor Lauro Junkes que novamente faz uma análise crítica da obra de Buss, além também de apresentar ao leitor o Varal Literário, o Movimento de Ação do Livro: o Livro em Movimentação, O ABC da Leitura: Manifesto nacional em defesa do livro e da leitura e uma Iconografia do poeta.

CADERNOS DA NOITE (2003)

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa Introdução Panorama da Literatura Biografia Obras Sobre o CD Literário

FORTUNA CRÍTICA Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)



[Poesia selecionada](#)

2003 - CADERNOS DA NOITE

1. RAQUEL NAVEIRA

A poetisa, ensaísta, professora e Membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (cadeira n.º 8), além de Membro Correspondente da Academia Mineira de Letras (MG), e recém-eleita Membro Titular do Pen Clube do Brasil (RJ), considera o livro de Alcides Buss, 'Cadernos da noite' como "Primoroso! A capa noturna salpicada de hortênsias azuis(...) os sugestivos "Cadernos-capítulos" (de modos, do corpo, de sonhos, de sombras...) e as epígrafes elegantes (Cruz e Souza, Garcia Lorca, Fernando Pessoa...), que os acompanham".

"Gosto da concisão desse poeta, de sua sintaxe pura, das imagens que ele cria com surpresa e síntese como aquele 'gosto de aurora nas unhas da língua' e de vislumbres que parecem 'borboletas invisíveis, rarefeitas'".

Para a professora a recorrência a palavra "corpo" pretende lembrar ao homem a sua "condição humana, miserável, de asas partidas".

Ressalta que "o poeta nasceu para escrever poemas: é seu 'destino e desatino', 'seu jeito de não morrer'. Que bom Alcides estar resistindo, afastando o "corvo" que quer se apossar de sua alma, exorcizando o Mal com sua responsabilidade de poeta!".

Disponível em <<http://www.acletrasms.com.br/lersuplem.asp?IDSupl=2&Pag=4>>. Acesso em: 06 dez. 2006.

2. MIGUEL SANCHES NETO

Miguel destaca o poeta Alcides Buss "por seu engajamento social que derivou para uma defesa da poesia compartilhada com auditórios mais amplos, Alcides Buss (1948) se obrigou, nas últimas três décadas, a praticar todas as formas poéticas, no afã de localizar faixas de sintonia com um público maior. Com Cadernos da noite (Florianópolis: M.A.L. edições, 2003), o livro continua procurando o leitor, mas o autor já não se procura mais, ele agora pratica sua linguagem e sua temática num conjunto de poemas que, sem forçar a individualidade estilística, são pessoais pela essência da percepção dos dramas humanos, flagrados dialeticamente.

NETO, Miguel Sanches. Palavra Arte. Disponível em <http://www.palavrarte.com/Artigos_Resenhas/resenhas_abuss.htm>. Acesso em: 13 junho 2006

1. RAQUEL NAVEIRA¹¹⁴

A poetisa, ensaísta, professora e Membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (cadeira n.º 8), além de Membro Correspondente da Academia Mineira de Letras (MG), e recém-eleita Membro Titular do Pen Clube do Brasil (RJ) considera o livro de Alcides Buss, 'Cadernos da noite' como "Primoroso! A capa noturna salpicada de hortênsias azuis (...) os

¹¹⁴ Raquel Naveira. Disponível em <<http://www.acletrasms.com.br/lersuplem.asp?IDSupl=2&Pag=4>>. Acesso em: 06 de dezembro de 2006.

sugestivos “Cadernos-capítulos” (de modos, do corpo, de sonhos, de sombras...) e as epígrafes elegantes (Cruz e Souza, Garcia Lorca, Fernando Pessoa...) que os acompanham”.

“Gosto da concisão desse poeta, de sua sintaxe pura, das imagens que ele cria com surpresa e síntese como aquele ‘gosto de aurora nas unhas da língua’ e de vislumbres que parecem ‘borboletas invisíveis, rarefeitas’”.

Para a professora a recorrência a palavra “corpo” pretende lembrar ao homem a sua “condição humana, miserável, de asas partidas”.

Ressalta que “o poeta nasceu para escrever poemas: é seu ‘destino e desatino’, ‘seu jeito de não morrer’. Que bom Alcides estar resistindo, afastando o “corvo” que quer se apossar de sua alma, exorcizando o Mal com sua responsabilidade de poeta!”.

2. MIGUEL SANCHES NETO¹¹⁵

Miguel destaca o poeta Alcides Buss “por seu engajamento social que derivou para uma defesa da poesia compartilhada com auditórios mais amplos, Alcides Buss (1948) se obrigou, nas últimas três décadas, a praticar todas as formas poéticas, no afã de localizar faixas de sintonia com um público maior. Com Cadernos da noite (Florianópolis: M.A.L. edições, 2003), o livro continua procurando o leitor, mas o autor já não se procura mais, ele agora pratica sua linguagem e sua temática num conjunto de poemas que, sem forçar a individualidade estilística, são pessoais pela essência da percepção dos dramas humanos, flagrados dialeticamente.

¹¹⁵ NETO, Miguel Sanches. Palavra Arte. Disponível em: <http://www.palavrarte.com/Artigos_Resenhas/resenhas_abuss.htm>. Acesso em: 13 de junho de 2006.

3. MOACIR LOTH¹¹⁶

Para Loth, Alcides Buss é um poeta que fez seu nome escrevendo na surdina, à margem do eixo literário, no entanto hoje tem “um nome nacional na literatura” . E a preocupação do poeta ao lançar o livro "Cadernos da Noite", livro no qual “esmiúça os sentimentos da humanidade e desvenda a relação do homem com a natureza, foi publicado pelo Movimento de Ação do Livro (M.A.L. Edições), uma iniciativa do próprio autor para melhorar a circulação da poesia”.

Outro aspecto da publicação destacada pelo jornalista é quanto à apresentação do livro, enfatizando a “primorosa editoração e capa convidativa da designer gráfica Lúcia Iaczinski”. Além da apresentação destaca a divisão em capítulos, cujos poemas são “enlaçados pela temática: Caderno de modos, Caderno do corpo, Caderno de gostos, Caderno de sustos, Caderno de sonhos, Caderno inefável e Cadernos de sombras”.

4. CARLOS JORGE APPEL¹¹⁷

“Cadernos da noite nos dá a certeza de que estamos ante um novo clássico: tem a lavratura certa, o verso na medida exata, a intenção solar. Clássico, pois incorpora o coletivo e lhe confere voz pessoal, inconfundível e única”.

5. FÁBIO LUCAS¹¹⁸

Fábio Lucas destaca do poeta Alcides Buss, a organização do livro que subdivide-se em sete cadernos, além da utilização de apígrafos de escritores conceituadíssimo, revelando talvez uma herança cultural. Declara ainda que “trata-se de um lirismo próprio, reflexivo, temperado ao modo moderno: versos de regrada ironia, a denunciar o estado de abandono em que ficou o sujeito despojado de deuses e heróis. (...) Os poemas, ao tentarem dizer do eu, do outro, e da arte, misturam sentimentos de perda com a busca da expressão. A metalinguagem no centro da definição do ser condenado à solidão”.

¹¹⁶ Moacir Loth. Especial para o jornal AN/Florianópolis. Disponível em <<http://an.uol.com.br/2006/out/17/0ide.jsp>>. Acesso em: dezembro de 2007.

¹¹⁷ Comentário na contracapa do livro *Cadernos da noite*.

¹¹⁸ Comentário na contracapa do livro *Cadernos da noite*.

Cadernos da noite: “um mergulho nas profundezas da alma que somente o despertar do inconsciente pode traduzir. Poemas noturnos, todavia revestidos de uma linguagem nova, moderna, admiravelmente atual”.

POESIA SELECIONADA

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa	Introdução	Panorama da Literatura	Biografia	Obras	Sobre o CD Literário
------	------------	------------------------	-----------	-------	----------------------

- [Fortuna crítica](#)
- [Varal literário](#)
- [Livro em movimentação](#)
- [Escritores citados](#)
- [Além das fronteiras](#)
- [Poesia falada/musicada](#)
- [Prêmios](#)
- [Entrevista](#)
- [Galeria de imagens](#)
- [Links](#)
- [Questionários](#)

FORTUNA CRÍTICA



Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)

[Voltar](#)

Poesias selecionadas

Cadernos da noite.
 Florianópolis: M.A.L. Edições, 2003.

ADVERSÁRIOS
 (P. 30)

Amigos, inimigos:
 dentro de um só corpo
 partilhamos o destino.

O chão em que pisamos
 - é o único chão.
 O ar que respiramos
 - é o único ar.

Tão adversos, tão avessos,
 tão rivais, fazemo-nos
 a única vida.

Nos espasmos da noite
 e do dia, ferimo-nos
 com adagas iguais.

Absurdos, solertes,
 descabidos: despencamos
 no mesmo abismo.

OLHAR A VIDA (2007)

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa	Introdução	Panorama da Literatura	Biografia	Obras	Sobre o CD Literário
------	------------	------------------------	-----------	-------	----------------------

- Fortuna crítica
- Varal literário
- Livro em movimentação
- Escritores citados
- Além das fronteiras
- Poesia falada/musicada
- Prêmios
- Entrevista
- Galeria de imagens
- Links
- Questionários

FORTUNA CRÍTICA

Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)

2007 - OLHAR A VIDA

1. ANTÔNIO CARLOS SECCHIN

A maioria dos poemas de *Olhar a vida* se tece num registro de tensão entre a rotina e o espanto: o que somos, o que deixamos de ser, o que seríamos, se outros... Tal confronto com as inumeráveis possibilidades de dispersão de si é responsável pelo ávido olhar de alteridade que atravessa os poemas de Alcides Buss. Eis um poeta cuja limpidez discursiva não transforma a elipse, o verso curto, em esconderijo retórico de uma possível anemia existencial; em sua obra, ao contrário, o metro conciso parece operar como um dique de controle a uma voragem de vida. Buss é um poeta culto em quem a cultura não pesa, nem se transforma em fala vedada aos não-iniciados. Nele, é sensível o apego à matéria do mundo, em sua misteriosa e complexa simplicidade. Motiva sua poesia tudo que ele, poeta, ainda desconhece, ou intui a custo - leia-se "O que não sei". Na recusa à ordem acomodada das coisas, o poeta é aquele que fecha os olhos - "Concentro-me/prá ver-me. No escuro". - para, assim, enxergar melhor.

[Poesia selecionada](#)

2. MIGUEL SANCHES NETO

Dono de um verbo urbano e cósmico, Alcides Buss revela em *Olhar a vida* a força de uma poesia produzida para expressar a perplexidade de existir num tempo de virtualidades sufocadoras. Posto entre a província e a eternidade, entre os fatos banais e o sonho sem margens, o poeta vaga em busca do sentido das coisas, ora duvidando da própria existência, ora afirmando-a pelo corpo, pela palavra, pela memória. Em cada verso deste livro sobressai a serenidade de quem contempla, além da casca das coisas, o tempo e seus venenos, mas também os seus antídotos. Alcides é uma das grandes vozes de nossa lírica contemporânea.

3. CLÁUDIO WILLER

"*Olhar a vida*" acentua todas as qualidades já evidenciadas nestas décadas de atuação e produção poética de Alcides Buss. Especialmente, sua integridade e coerência. Alcides Buss é íntegro: o poeta, o animador e agitador literário, o editor e dirigente cultural, o professor, são sempre a mesma pessoa, com uma atuação marcante na cena contemporânea brasileira nas últimas décadas, sempre em favor da palavra poética.

1. ANTÔNIO CARLOS SECCHIN¹¹⁹

A maioria dos poemas de *Olhar a vida* se tece num registro de tensão entre a rotina e o espanto: o que somos, o que deixamos de ser, o que seríamos, se outros... Tal confronto com as inumeráveis possibilidades de dispersão de si é responsável pelo ávido olhar de alteridade que atravessa os poemas de Alcides Buss. Eis um poeta cuja limpidez discursiva não transforma a elipse, o verso curto, em esconderijo retórico de uma possível anemia existencial; em sua obra, ao contrário, o metro conciso parece operar como um dique de controle a uma voragem de vida. Buss é um poeta culto em quem a cultura não pesa, nem se

¹¹⁹Comentário na contracapa do livro *Olhar a vida*.

transforma em fala vedada aos não-inciados. Nele, é sensível o apego à matéria do mundo, em sua misteriosa e complexa simplicidade. Motiva sua poesia tudo que ele, poeta, ainda desconhece, ou intui a custo - leia-se "O que não sei". Na recusa à ordem acomodada das coisas, o poeta é aquele que fecha os olhos - "Concentro-me/pra ver-me. No escuro". - para, assim, enxergar melhor.

2. MIGUEL SANCHES NETO¹²⁰

Dono de um verbo urbano e cósmico, Alcides Buss revela em *Olhar a vida* a força de uma poesia produzida para expressar a perplexidade de existir num tempo de virtualidades sufocadoras. Posto entre a província e a eternidade, entre os fatos banais e o sonho sem margens, o poeta vaga em busca do sentido das coisas, ora duvidando da própria existência, ora afirmando-a pelo corpo, pela palavra, pela memória. Em cada verso deste livro sobressai a serenidade de quem contempla, além da casca das coisas, o tempo e seus venenos, mas também os seus antídotos. Alcides é uma das grandes vozes de nossa lírica contemporânea.

3. CLÁUDIO WILLER¹²¹

"*Olhar a vida*" acentua todas as qualidades já evidenciadas nestas décadas de atuação e produção poética de Alcides Buss. Especialmente, sua integridade e coerência. Alcides Buss é íntegro: o poeta, o animador e agitador literário, o editor e dirigente cultural e o professor são sempre a mesma pessoa, com uma atuação marcante na cena contemporânea brasileira nas últimas décadas, sempre em favor da palavra poética.

¹²⁰ Comentário na contracapa do livro *Olhar a vida*.

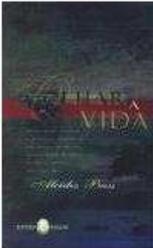
¹²¹ Comentário na contracapa do livro *Olhar a vida*.

POESIA SELECIONADA

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"					
Capa	Introdução	Panorama da Literatura	Biografia	Obras	Sobre o CD Literário

- [Fortuna crítica](#)
- [Varal literário](#)
- [Livro em movimentação](#)
- [Escritores citados](#)
- [Além das fronteiras](#)
- [Poesia falada/musicada](#)
- [Prêmios](#)
- [Entrevista](#)
- [Galeria de imagens](#)
- [Links](#)
- [Questionários](#)

FORTUNA CRÍTICA



[Voltar](#)

Páginas: [01](#) [02](#) [03](#) [04](#) [05](#) [06](#) [07](#) [08](#) [09](#) [10](#) [11](#) [12](#)
[13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#)

Poesias selecionadas

Olhar a vida.
Florianópolis: Insular, 2007.

GOL DE PLACA
(p. 46 e 47)

De um pra outro jogamos a bola da vida – porque queremos que tudo renasça no tempo.

A cada instante que passa, a lua recobra o sentido – perdido nos pés chutando o silêncio – daquilo que era sem nunca ter sido.

Mais longe das mãos, em nós viaja o planeta, redonda refrega de dribles e sombra. De lance em lance, compõe-se o vazio da espera, até que um gol alcance a redoma do grito e exploda o não-ser.

De um pra outro, cercamos de verde a falta futura. A esfera do sonho percorre o semblante e se aloja no olho de cada membrana.

Em paz com a alma, alçamos o voo
Pra dentro de Deus.

VARAL LITERÁRIO

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa	Introdução	Panorama da Literatura	Biografia	Obras	Sobre o CD Literário
------	------------	------------------------	-----------	-------	----------------------

-  Fortuna crítica
-  **Varal literário**
-  Livro em movimentação
-  Escritores citados
-  Além das fronteiras
-  Poesia falada/musicada
-  Prêmios
-  Entrevista
-  Galeria de imagens
-  Links
-  Questionários

VARAL LITERÁRIO

O Movimento do Varal Literário surge com o intuito de tornar o poema visual, “um corpo em dois níveis”(…). “De um lado, o artista plástico e o poeta se juntam para somar a palavra às cores e às formas da pintura e do desenho; do outro, o próprio poeta escreve e expõem o poema”. A idéia do “poema exposto” teve início na cidade de Joinville. Durante a feira de Arte e Artesanato realizada todos os meses “para que os versos, escritos em cartolina, possam ser lidos e expostos pendurados por pregadores de roupa em um fio estendido entre duas árvores” .

“O varal literário foi uma alternativa de veiculação da Literatura, criado na década de 70. Tinha como objetivo facilitar para o escritor e para o leitor, ou seja, uma forma fácil para quem estava começando a escrever de mostrar seus poemas e pequenas narrativas e ao mesmo tempo ao leitor. O varal era um tanto provocativo e, de certa forma, ainda é, pois vai de encontro ao leitor, sendo levado para praças ou locais onde circulavam muitas pessoas e, ao verem o poema pendurado, paravam para ler e apreciar”. (Entrevista do autor)

“Em 1980, comecei a lecionar a disciplina de criação literária e tínhamos produção de texto em sala de aula e pensamos que o varal literário poderia mostrar o que estava sendo produzido em sala de aula e aos poucos a idéia foi se difundindo, chegando a bienal de Literatura de São Paulo” (Entrevista do autor).



- [⇒ Referência 01](#)
- [⇒ Referência 02](#)
- [⇒ Referência 03](#)

O Movimento do Varal Literário surge com o intuito de tornar o poema visual, “um corpo em dois níveis”(…). “De um lado, o artista plástico e o poeta se juntam para somar a palavra às cores e às formas da pintura e do desenho; do outro, o próprio poeta escreve e expõem o poema”.

A idéia do “poema exposto” teve início na cidade de Joinville. Durante a feira de Arte e Artesanato realizada todos os meses “para que os versos, escritos em cartolina, possam ser lidos e expostos pendurados por pregadores de roupa em um fio estendido entre duas árvores”¹²².

¹²² SACHET, Celestino. *A literatura catarinense*. Florianópolis: Lunardelli, 1985, p 209-210.

“O varal literário foi uma alternativa de veiculação da Literatura, criado na década de 70. Tinha como objetivo facilitar para o escritor e para o leitor, ou seja, uma forma fácil para quem estava começando a escrever de mostrar seus poemas e pequenas narrativas e ao mesmo tempo ao leitor. O varal era um tanto provocativo e, de certa forma, ainda é, pois vai de encontro ao leitor, sendo levado para praças ou locais onde circulavam muitas pessoas e, ao verem o poema pendurado, paravam para ler e apreciar”. (Entrevista do autor)

“Em 1980, comecei a lecionar a disciplina de criação literária e tínhamos produção de texto em sala de aula e pensamos que o varal literário poderia mostrar o que estava sendo produzido em sala de aula e aos poucos a idéia foi se difundindo, chegando a bienal de Literatura de São Paulo” (Entrevista do autor).

Referências ao Varal Literário:

Referência 01:

“Em 1982, leva o *Varal Literário* a São Paulo, onde recebe divulgação nacional. A experiência ainda lhe rende a publicação, em 1983, da *Antologia do Varal Literário*, com textos selecionados pelo próprio público”¹²³.

Referência 02:

“A volta do Varal Literário (04/03/2004) - Coqueluche nos anos 80, o Varal Literário foi idealizado em SC, percorreu o Estado e o País, ganhando espaço inclusive no exterior (América Latina e Europa). Depois de longa hibernação, o movimento literário voltou a se manifestar em Florianópolis. O varal foi inaugurado em frente ao Centro de Comunicação e Expressão por iniciativa da 3ª fase do curso de graduação Letras-Português. Nesta retomada está privilegiando o gênero poesia. A exposição ficará à disposição dos leitores por duas semanas”¹²⁴.

Referência 3:

Escritor Alcides Buss em Rio do Sul (11 de Outubro de 2005)

¹²³ Disponível em <http://www.palavrarte.com/Equipe/equipe_alcidesbuss.htm>. Acesso em: dez. 2006.

¹²⁴ Disponível em <http://www.sintufsc.ufsc.br/arquivos/noticias/noticias_200503.htm> . Acesso em dez. 2006.

“Rio do Sul - A Fundação Cultural traz para Rio do Sul o escritor Alcides Buss que é considerado na atualidade, uma das principais referências literárias do Sul do país. Na quinta-feira, (13), o escritor ministrará palestras para estudantes, em três horários 14h, 15h e 16h. O poeta catarinense irá apresentar seu décimo oitavo livro. “Contemplação do amor – 30 anos de poesia”, é uma seleção de poemas do próprio autor e vem acompanhado de uma exposição de 18 artistas plásticos que criaram obras inspiradas na arte poética do escritor.

A abertura da exposição de Buss está marcada para as 20 horas na galeria de artes Arno Georg. As obras ficarão expostas para visitação de segunda à sexta-feira, das 8h às 20h, até dia 7 de novembro. As visitas poderão ser agendadas com a diretora do Departamento de Artes Visuais Vanir Raizer pelo telefone 5217702. Buss nasceu em Salete onde iniciou sua caminhada literária no início da década de 70. Foi o idealizador do movimento chamado Varal Literário, que se expandiu em todo o país e exterior. No mural do artista a homenageada da vez é a pintora Bernadete Bazzanella de Araújo Novelletto”¹²⁵.

¹²⁵ Iléia Aparecida da Silva. Disponível em
<http://www.adjorisc.com.br/jornais/obarrigaverde/noticias/index.phtml?id_conteudo=42011> .
Acesso em dez. 2006.

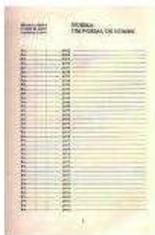
MOVIMENTAÇÃO DE AÇÃO DO LIVRO EM MOVIMENTAÇÃO

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa
Introdução
Panorama da Literatura
Biografia
Obras
Sobre o CD Literário

-  Fortuna crítica
-  Varal literário
-  Livro em movimentação
-  Escritores citados
-  Além das fronteiras
-  Poesia falada/musicada
-  Prêmios
-  Entrevista
-  Galeria de imagens
-  Links
-  Questionários

LIVRO EM MOVIMENTAÇÃO

M.A.L. MOVIMENTO DE AÇÃO PELO LIVRO

A idéia surgiu com o intuito de fazer com que o livro de poesia procurasse o leitor, que não fosse comprado e nem vendido. Com esse objetivo surgiu o **M.A.L.** "Movimento de Ação do Livro: o Livro em Movimentação" que foi colocado em prática, inicialmente com o livro "Pessoa que Finge a Dor" com uma tiragem de apenas 500 exemplares, o livro foi inicialmente distribuído a escritores brasileiros e de outros países que, por sua vez, o passariam adiante, a novos leitores. Cada novo leitor seria incorporado na obra com o seu nome e o tempo de seu ingresso nesse circuito de solidariedade vivencial e poética, seus dados formariam um **Noema** - poema de nomes. O circuito seria aberto e ninguém saberia em quem e onde iria dar. Qualquer pessoa, no entanto, a qualquer momento, poderia ser incluída nele.

A proposta, que inicialmente tinha o objetivo de fazer com que o livro circulasse e o leitor fosse um dos elementos integrantes da obra, permitiu também que o livro não fosse imobilizado em um acervo particular ou em uma biblioteca. A iniciativa também procurou denunciar a situação do livro no Brasil.

E, através do M.A.L a poesia encontra uma nova maneira de atingir o leitor...

A idéia surgiu com o intuito de fazer com que o livro de poesia procurasse o leitor, que não fosse comprado e nem vendido. Com esse objetivo surgiu o **M.A.L.** "Movimento de Ação do Livro: o Livro em Movimentação" que foi colocado em prática, inicialmente com o livro "Pessoa que Finge a Dor" com uma tiragem de apenas 500 exemplares, o livro foi inicialmente distribuído a escritores brasileiros e de outros países que, por sua vez, o passariam adiante, a novos leitores. Cada novo leitor seria incorporado na obra com o seu nome e o tempo de seu ingresso nesse circuito de solidariedade vivencial e poética, seus dados formariam um **Noema** - poema de nomes. O circuito seria aberto e ninguém saberia em quem e onde iria dar. Qualquer pessoa, no entanto, a qualquer momento poderia ser incluída nele.

A proposta, que inicialmente tinha o objetivo de fazer com que o livro circulasse e o leitor fosse um dos elementos integrantes da obra, permitiu também que o livro não fosse

imobilizado em um acervo particular ou em uma biblioteca. A iniciativa também procurou denunciar a situação do livro no Brasil.

E, através do M.A.L a poesia encontra uma nova maneira de atingir o leitor...

ESCRITORES CITADOS

Relação de outros escritores mencionados em citações intra e extra-textuais, com sugestões de sites para busca de informações complementares.

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa	Introdução	Panorama da Literatura	Biografia	Obras	Sobre o CD Literário
------	------------	------------------------	-----------	-------	----------------------

- Fortuna crítica
- Varal literário
- Livro em movimentação
- Escritores citados
- Além das fronteiras
- Poesia falada/musicada
- Prêmios
- Entrevista
- Galeria de imagens
- Links
- Questionários

ESCRITORES CITADOS

Escritores Nacionais

- [Antônio Carlos Hohlfeldt](#)
- [Carlos Drummond de Andrade](#)
- [Carlos Nejar](#)
- [Cecília Meirelles](#)
- [Celestino Sachet](#)
- [Dalton Trevisan](#)
- [Ferreira Gullar](#)
- [Lauro Junkes](#)
- [João Cabral de Melo Neto](#)
- [João da Cruz e Sousa](#)
- [Manuel Bandeira](#)
- [Mario Quintana](#)
- [Marcos José Konder Reis](#)
- [Paulo Leminski](#)
- [Raul Bopp](#)
- [Sérgio Buarque de Holanda](#)

Relativos à Literatura Catarinense

- [Antônio Carlos Hohlfeldt](#)
- [Celestino Sachet](#)
- [Lauro Junkes](#)

Escritores Internacionais

- [Arthur Rimbaud](#)
- [Bertolt Brecht](#)
- [Edgar Allan Poe](#)
- [Emily Dickinson](#)
- [Fernando Pessoa](#)
- [Florbela Espanca](#)
- [García Lorca](#)
- [Johann Wolfgang von Goethe](#)
- [James Joyce](#)
- [Jorge Luiz Borges](#)
- [Octavio Paz](#)
- [Pablo Neruda](#)
- [Stéphane Mallarmé](#)
- [Virginia Wolf](#)
- [Virgílio](#)
- [William Blake](#)
- [William Carlos Williams](#)
- [Wystan Hugh Auden](#)

Antônio Carlos Hohlfeldt

Nasceu em Porto Alegre em 22 de dezembro de 1948. É formado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com mestrado e doutorado em Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Escreveu treze livros de ficção infanto-juvenil e quinze obras de ensaio. Além de passar por universidades como professor, também trabalhou como jornalista, crítico tetral e político (de vereador à vice-governador). Em 2007 foi eleito patrono da 53ª Feira do Livro de Porto Alegre.

ALÉM DAS FRONTEIRAS

Relação de alguns países onde a obra de Buss foi mencionada e/ou utilizada.

The screenshot shows a website interface with a dark blue header containing the title "A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES" and a navigation bar with links for "Capa", "Introdução", "Panorama da Literatura", "Biografia", "Obras", and "Sobre o CD Literário". On the left, a vertical sidebar lists various menu items with icons: "Fortuna crítica", "Varal literário", "Livro em movimentação", "Escritores citados", "Além das fronteiras", "Poesia falada/musicada", "Prêmios", "Entrevista", "Galeria de imagens", "Links", and "Questionários". The main content area is titled "ALÉM DAS FRONTEIRAS" and lists several countries with underlined links: "ARGENTINA (1)", "ARGENTINA (2)", "ESPAÑA", "PORTUGAL", "ALEMANHA", and "DINAMARCA".

1. ARGENTINA

Publicação de um artigo¹²⁶, integrante do “Proyecto Puerta Trampa”, publicado na Revista n. 04 em agosto de 1982.

ALCIDES BUSS

Lenguaje Poético : Perspectiva de Libertad

1. El lenguaje poético, creando nuevos desvíos en relación a las normas preceptuadas en el sistema (lingüístico), se especifica como lenguaje.
2. Los desvíos a las normas se realizan en la forma de la expresión y en la forma del contenido (o sea, respectivamente : en las relaciones entre el significante y el significado, y en las relaciones de los significados entre sí).
3. El grado de poesía es relativo a la cantidad de los desvíos creados, en la forma de la

¹²⁶ Disponível em <<http://escholarship.bc.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1070&context=xul>>. Acesso em: 27 out. 2007.

expresión y/o en la forma del contenido.

4. El lenguaje poético opera una descomposición de la realidad, seguida, a través de la participación del lector, de una recomposición, dentro de una lógica peculiar y nueva.

5. En ese reencuentro consigo y sus cosas, que el lenguaje poético suscita, el hombre puede recrearse, rearmarse y reestructurar su pensamiento.

6. En otras palabras : buscando, siempre, una nueva significación, se va hacia la transformación de la lengua y se llega (antropológicamente) a la metamorfosis mental.

7. El lenguaje habitual sólo puede llevar a significados habituales. El lenguaje poético quiere emocionar y redimensionar el Ser.

8. A través de una " lógica afectiva " , el lector, le asegura sentido a lo que, primariamente, puede parecer absurdo.

9. El poeta rompe el vínculo entre el significante y la noción (sentido convencional - instituido y consagrado por un " status " cultural), sustituyendo NOCIÓN por EMOCIÓN.

10. Siendo la noción consecuencia de un " status " , involuntariamente heredado en un sistema de dominio y explotación del hombre por el hombre ; es la emoción, perspectiva de libertad.

11. El lenguaje poético, por lo tanto, como forma superior de lengua, es camino para el hombre que quiere ser otro: humano (al menos, más humano) .

Florianópolis (Santa Catarina), 1979.

Mastúrbese

ZERO *
 0000000000000000
 2 2
 3 3 3
 4 4 4 4
 5 5 5 5 5
 6 6 6 6 6 6
 7 7 7 7 7 7 7
 8 8 8 8 8 8 8
 9 9 9 9 9 9 9
 1 .000 .000 .000 . . .
 9 8 7
 6 5
 4 3
 2
 0
 ZERO*
 cer o

(De O Bolso ou A Vida, Alcides Buss -1971, Pos-concretismo)

2. ARGENTINA

O escritor Nahuel Santana¹²⁷ faz uma crítica a obra de Buss “Ya presentados los dos precursores de esta poética brasileña que nos ocupa, pasamos a las décadas del 50, 60 y 70, donde puede apreciarse una profundización de esas características, a través de buena parte de su producción poética donde es evidente la gravitación que ejercen las obras de Mallarmé y de Cummings, cuanto la importancia dada a la teoría de la "Gestalt" y a los recientes estudios de lingüística, en la década del 50- Esa producción encuentra cierta continuidad en los recientes trabajos de los poetas Alcides Buss (SC, 1948), y Cid Seixas (BA, 1948) , ambos en la segunda mitad de la década del 70.

¹²⁷ SANTANA, Nahuel. *Aportes renovadores em la poesia brasileña*. Ediciones Carlos Lohlé: Buenos Aires, p. 20. Disponível em <<http://escholarship.bc.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1049&context=xul>>. Acesso em: 27 out. 2007.

3. ESPANHA

ANTOLOGÍA DE LA POESÍA BRASILEÑA¹²⁸

EL NOMBRE DE LA VIDA	INCUMBENCIA
<p>El silencio habla: notad la palabra de la boca callada.</p> <p>Se alza una voz abriendo el camino, uniendo lo disperso.</p> <p>Atentos, notad la marcha de aquellos que buscan el día.</p> <p>En silencio avanzan en torno a la luz que brota del pecho.</p> <p>Oh, no dirán nada, pero un claro sentido vendrá de la voluntad</p> <p>en forma de flor o hecho un tifón en nombre de la vida.</p>	<p>Descubro mi ser distante de la voz que ordena y hace, del hombre, zapatos, sudor y cansancio.</p> <p>Me descubro lejos de las leyes y más leyes creadas gracias a las fuentes; de los mitos plantados a la puerta de las casas, de los ojos, de las bocas.</p> <p>Me descubro cerca de mí, del centro vital que palpita, del núcleo vital que palpita, del núcleo que es claro y humano.</p> <p>Me cubro de pocos sentidos y vasto silencio: feto de los años dos mil.</p> <p style="text-align: right;"><i>(Transação, 1994)</i></p>
<p>REDONDILLA</p> <p>En cápsulas frías, incrédulos seres recorren las calles.</p> <p>Se divierten al ver en el abismo de los otros la própria aventura.</p> <p>¡Los otros son ellos! Lo doble camina por la faz vacía.</p>	<p>PROFANACIÓN</p> <p>Dos sentimientos distantes, dos sentimientos del año 1871 sobreviven y en este momento se encuentran.</p> <p>Uno, es un sentimiento de muerte; el outro, un sentimiento de vida. La faz de ambos se mantiene escondidas, pero ambas faces vibran en este caer del día y yo las siento como si fuesen más.</p>

¹²⁸ GARCIA, Xosé Lois. Trad. E org. *Antologia de la Poesia Brasileira*. Santiago de Compostela: Laiovento, 2001.

También disponible en:

<http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/santa_catarina/alcides_buss.html#s>.

Acesso em: 12 fev. 2008.

<p>El ser y el no ser dividen la misma carcasa del día.</p> <p>Mil veces la vida comienza, mil veces la vida termina.</p> <p>Incrédulos seres, se permiten creer que todo es mentira.</p> <p>La imagen del cuerpo se sumerge en el sueño. El mundo se imagina.</p> <p>(<i>Sinais, 1995</i>)</p>	<p>Lentamente me figuro Desfiguro: cachorros se revisten de peñascos; pájaros se transforman en sones; palmeras se deshacen en viento.</p> <p>Indebidamente buceo en la inmanencia de fines ajenos.</p>
---	---

4. PORTUGAL

Citação da obra de Buss em artigo¹²⁹. Conforme fragmento abaixo:

"O jogo que se estabelece entre o texto e o leitor quando se brinca com o texto poético colabora para que a criança vá construindo significados além dos habituais, como nos últimos versos do poema de Alcides Buss, "Eu e ela":

Este golpe, quem não manja?

Ela ranja! Eu laranja. "

BUSS, Alcides. Pomar de palavras. II. Márcia Cardeal. Florianópolis: Cuca Fresca, 2000, p. 13.

¹²⁹ CUNHA, Freitas E Cunha (2003) O texto literário em manuais de Língua Portuguesa para o 1o Ciclo", *A Criança, a Língua e o Texto Literário: da Investigação às Práticas. Actas do I Encontro Internacional*, Braga: Universidade do Minho, Instituto de Estudos da Criança, 2003, p. 224. Disponível também em <<http://repositorium.sduminho.pt/bitstream/1822/5096/1/Actas%20CLT%20-%20Completas.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2007.

5. ALEMANHA

Antologia poética¹³⁰

NEUERE ANTHOLOGIEN DER BRASILIANISCHEN POESIE IN PORTUGAL

Insgesamt sind 64 Autoren, jeweils mit drei Gedichten, die den Lesern ein reiches Übersicht der Poesie in der zweiten Hälfte des gerade beendeten Jahrhunderts. Ausser den schon erwähnten: **Alcides Buss**, Antonio Olinto, Alphonsus de Guimaraens Filho, Adélia Prado, Afonso Félix de Sousa, Alberto da Costa e Silva, Aluysio Mendonça Sampaio, Álvaro Alves de Faria, Álvaro Pacheco, Aricy Curvello, Artur Eduardo Benevides, Astrid Cabral, B. de Barros, Betty Vidigal, Carlos Nejar, César Leal, Cyro Pimentel, Domingos Carvalho da Silva, Ferreira Gullar, Francisco Carvalho, Fúlvia Carvalho Lopes, Geraldo Vidigal, Geraldo Pinto Rodrigues, Gilberto Mendonça Teles, Hilda Hiulst, Idelma Ribeiro de Faria, Ildásio Tavares, Ivan Junqueira, Ives Gandra da Silva Martins, João Manuel Simões, Jorge Tufic, João de Jesus Paes Loureiro, Ledo Ivo, Lenilde Freitas, Leonor Scliar Cabral, Lindolf Bell, Magela Colares, Márcia Theophilo, Marcos Leal, Mariazinha Congílio, Mário Chamie, Miguel Jorge, Miguel Reale, Milton de Godoy Campos, Myriam Fraga, Odilon da Costa Manso, Oscar Dias Corrêa, Paulo Bonfim, Paulo Vanzolini, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Ruy Espinheira Filho, Samuel Penido, Sérgio de Castro Pinto, Sólon Borges dos Reis, Sônia Queiroz, Stella Leonardos, Yeda Prates Bernis.

¹³⁰ **NEUERE ANTHOLOGIEN DER BRASILIANISCHEN POESIE IN PORTUGAL**

Miguel Benigno: Dichter, Essayist und Übersetzer; Tânia Gabrielli-Pohlmann;

Deutsche Version: Tânia Gabrielli-Pohlmann + Clemens Maria Pohlmann. Disponível em

<<http://www.brasilienportal.ch/index.cfm?nav=12,1136,1139,1147>>. Acesso em: 20 set. 2007.

6. DINAMARCA

Poesia publicada¹³¹

HAIKU 3

Interstelar

mi-arunc privirea în cer.

De unde m| cheam|?

ALCIDES BUSS (Brazilia)

¹³¹ **FLORENTIN SMARANDACHE AFINIT**{ÚI (traduceri din lirica universal| 1989-1995 (Turcia, SUA)
Fiiilor mei Silviu Ői Mihai Editura Dorul. Aarborg, Danemarca, 1998. Disponível em
<<http://www.gallup.unm.edu/~smarandache/Afinitati.pdf>>.
Acesso em: 27 out. 2007.

POESIA FALADA / MUSICADA

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

[Capa](#) | [Introdução](#) | [Panorama da Literatura](#) | [Biografia](#) | [Obras](#) | [Sobre o CD Literário](#)

-  Fortuna crítica
-  Varal literário
-  Livro em movimentação
-  Escritores citados
-  Além das fronteiras
-  Poesia falada/musicada
-  Prêmios
-  Entrevista
-  Galeria de imagens
-  Links
-  Questionários

POESIA FALADA - MUSICADA

POESIA FALADA

Poema: Cinza de fênix
Recitado por: Alcides Buss
Adicionado: out. 06, 2006

[OUVIR](#)

[Referência](#)

POESIA FALADA

Poema: Assalto (Alcides Buss)
Performance: O MENESTREL
Interpretado por: Moacir Reis
Adicionado: out. 06, 2006

[ASSISTIR](#)

[Referência](#)

POESIA MUSICADA

Poema: [OUVIR](#)

ALBERTO ANDRÉS HELLER
Alberto Andrés Heller (36 anos, natural de Buenos Aires) - "o menino que queria ser escritor", hoje é "pianista, compositor, regente, professor, já lançou livro, gravou CD, cursa doutorado e tem um trabalho reconhecido mundo afora". Trabalho este que começou na Alemanha aos 21 anos quando lecionava na Escola de Música e Belas Artes de Jena. Graduou-se e pós-graduou-se como concertista na Escola Superior de Música 'Franz Liszt' em Weimar (1993 a 1998). No Brasil, a partir de 2000, trabalhou como professor na UDESC e, neste ano, fará apresentações no Brasil e em outros países.

[Referência](#)

POESIA FALADA

Apresenta um arquivo de áudio com o poema *Cinza de fênix*, recitado pelo próprio poeta Alcides Buss.

POESIA FALADA

Apresenta um arquivo de vídeo com o poema *Assalto* de Alcides Buss, interpretado pelo artista Moacir Reis, com a performance de "O Menestrel".

POESIA MUSICADA

Apresenta um arquivo de áudio com “O poema” do poeta Alcides Buss, musicado por Alberto Andrés Heller¹³². O poema musicado faz parte do projeto “As vozes da poesia”. Trata-se de um cederrom duplo contendo vinte poemas de autores Catarinenses musicados para coro e piano, além das músicas o cederrom traz convidados, familiares e os próprios poetas lendo/declamando seus poemas.

¹³² Alberto Andrés Heller (36 anos, natural de Buenos Aires) - "o menino que queria ser escritor", hoje é "pianista, compositor, regente, professor, já lançou livro, gravou CD, cursa doutorado e tem um trabalho reconhecido mundo afora". Trabalho este que começou na Alemanha aos 21 anos quando lecionava na Escola de Música e Belas Artes de Jena. Graduou-se e pós-graduou-se como concertista na Escola Superior de Música 'Franz Liszt' em Weimar (1993 a 1998). No Brasil, a partir de 2000, trabalhou como professor na UDESC e, já fez várias apresentações no Brasil e em outros países. Mais informações disponíveis em: <http://www.nupill.org/mafua/index.php?option=com_content&task=view&id=20&Itemid=39>

PRÊMIOS

Relação dos prêmios como forma de reconhecimento da relevância do trabalho do professor Alcides Buss ao longo de sua carreira, tanto no magistério quanto na literatura.

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa	Introdução	Panorama da Literatura	Biografia	Obras	Sobre o CD Literário
------	------------	------------------------	-----------	-------	----------------------

-  Fortuna crítica
-  Varal literário
-  Livro em movimentação
-  Escritores citados
-  Além das fronteiras
-  Poesia falada/musicada
-  Prêmios
-  Entrevista
-  Galeria de imagens
-  Links
-  Questionários

PRÊMIOS

1971 - 1º lugar no I Festival Catarinense de Poesia Universitária DCE UFSC

1985 - Prêmio Magister – Sindicato dos Professores de Santa Catarina

1989 - Prêmio APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte

1994 - Medalha Caio Prado Júnior UBE (União Brasileira de Escritores) RJ

1996 - Medalha Manuel Bandeira UBE (União Brasileira de Escritores) RJ

1998 - Mérito Livreiro Odilon Lunardelli

ENTREVISTA COM O POETA ALCIDES BUSS

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

Capa | Introdução | Panorama da Literatura | Biografia | Obras | Sobre o CD Literário

ENTREVISTA COM O POETA Páginas: 01 02

Rosane: Qual a diferença entre Alcides professor, pai e poeta?

Alcides: Essas coisas se misturam, se misturam bastante porque o poeta ele é muito prático, ele está sempre presente, tanto que o professor não. O professor só está presente na hora de preparar e dar aula a poesia exige muito, pois consciente ou inconscientemente estamos envolvidos com ela.

Sou um pouco disciplinado, aprendi quando estive no internato, portanto tem hora pra tudo. À noite, vou para casa e procuro um lugar calmo, sossegado e reservado para escrever, principalmente para escrever, pois para ler já é menos problemático, apesar de a leitura também requerer bastante silêncio. A vida familiar e a atividade literária se misturam muito, o magistério assim como trabalhar na editora, vou para a editora sou editor vou para a sala de aula sou professor , mas a poesia entre automaticamente na vida familiar.

Rosane: Um personagem que marcou pra você como leitor?

Alcides: Sou um leitor que gosta de ler poesia, quando descobri e adquiri essa paixão pela leitura, e descobri até bem tardiamente, aos 17 anos e comecei a ler muita poesia. Mas um dos primeiros livros que eu li e foi há muito tempo, foi o Cobra Norato do Raul Bopp, mas na história a personagem que mais me cativava não era Cobra Norato ou a Aranha Luzia mas era a linguagem do Raul Bopp que era uma coisa encantadora. Hoje vejo, por exemplo, Manoel de Barros, o próprio Carpinejar tem um pouco de Manoel de Barros ou um pouco de Raul Bopp. Eu me lembro, Raul Bopp foi um precursor do Modernismo como cobra Norato e outros poemas, realmente é muito marcante.

Quanto às personagens das narrativas são muitas, mas um livro que marcou bastante foi Grande Sertão Veredas.

Rosane: Literatura Catarinense ou Literatura em Santa Catarina

Alcides: O mais correto seria dizer Literatura em Santa Catarina porque o importante é que seja literatura, ou seja, a arte literária, independente se for feita aqui ou no Paraná, São Paulo. A gente, no entanto, tenta estabelecer um conceito para uma literatura feita em Santa Catarina é importante, embora seja um recorte que alguns entendem como forçado, inadequado, o importante é como reconhecimento da existência de uma Literatura para que seja estudada, seja divulgada, que ela entre nas escolas.

1. Qual a diferença entre Alcides professor, pai e poeta?

R.: Essas coisas se misturam, se misturam bastante porque o poeta ele é muito prático, ele está sempre presente, tanto que o professor não. O professor só está presente na hora de preparar e dar aula a poesia exige muito, pois consciente ou inconscientemente estamos envolvidos com ela.

Sou um pouco disciplinado, aprendi quando estive no internato, portanto tem hora pra tudo. À noite, vou para casa e procuro um lugar calmo, sossegado e reservado para escrever, principalmente para escrever, pois para ler já é menos problemático, apesar de a leitura também requerer bastante silêncio. A vida familiar e a atividade literária se misturam muito, o

magistério assim como trabalhar na editora, vou para a editora sou editor vou para a sala de aula sou professor, mas a poesia entra automaticamente na vida familiar.

2. Um personagem que marcou pra você como leitor?

R.: Sou um leitor que gosta de ler poesia, quando descobri e adquiri essa paixão pela leitura, e descobri até bem tardiamente, aos 17 anos e comecei a ler muita poesia. Mas um dos primeiros livros que eu li e foi há muito tempo, foi Cobra Norato do Raul Bopp, mas na história a personagem que mais me cativava não era Cobra Norato ou a Aranha Luzia, mas era a linguagem do Raul Bopp que era uma coisa encantadora. Hoje vejo, por exemplo, Manoel de Barros, o próprio Carpinejar tem um pouco de Manoel de Barros ou um pouco de Raul Bopp. Eu me lembro, Raul Bopp foi um precursor do Modernismo como cobra Norato e outros poemas, realmente é muito marcante. Quanto às personagens das narrativas são muitas, mas um livro que marcou bastante foi Grande Sertão Veredas.

3. Literatura Catarinense ou Literatura em Santa Catarina

R.: O mais correto seria dizer Literatura em Santa Catarina porque o importante é que seja literatura, ou seja, a arte literária, independente se for feita aqui ou no Paraná, São Paulo. A gente, no entanto, tenta estabelecer um conceito para uma literatura feita em Santa Catarina é importante, embora seja um recorte que alguns entendem como forçado, inadequado, o importante é como reconhecimento da existência de uma Literatura para que seja estudada, seja divulgada, que ela entre nas escolas.

4. Como é ser considerado o “Pai do Varal Literário”?

R.: O varal literário foi uma alternativa de veiculação da Literatura, criado na década de 70. Tinha como objetivo facilitar para o escritor e para o leitor, ou seja, uma forma fácil para quem estava começando a escrever de mostrar seus poemas e pequenas narrativas e ao mesmo tempo ao leitor. O varal era meio provocativo e, de certa forma, ainda é, pois vai de encontro ao leitor. Era levado para praças ou locais onde circulava muita gente e, as pessoas viam um poema pendurado.

Em 1980, comecei a lecionar a disciplina de criação literária e tínhamos produção de texto em sala de aula e pensamos que o varal literário poderia mostrar o que estava sendo

produzido em sala de aula e aos poucos a idéia foi se difundindo, chegando à bienal de Literatura de São Paulo.

5. O livro em Movimentação.

R.: A poesia é uma arte minoritária, para um número menor de leitores. Todos gostam e precisam de poesia, sabemos que poucos vão à livraria para comprar um livro de poesia. Dessa forma o movimento de ação pelo livro - Livro em Movimentação procurava atingir um número maior de leitores. Há livros que nenhum exemplar foi vendido, tive o apoio da Universidade, na capa do livro havia uma ficha na qual o leitor colocaria seu nome e data e após lê-lo passaria a outra pessoa. O livro viajava muito, de repente um livro de poesia que antes ficava confinado numa prateleira estava circulando pelo país afora e até outros países. Dessa forma o livro procura o leitor e isto é muito gratificante., pois vai formando um circuito.

Após o atentado de 11 de setembro nos EUA surgiu um movimento muito parecido, lia-se o livro e o deixava em um banco de praça ou qualquer outro lugar público para que outra pessoa lesse.

6. Qual o futuro da poesia?

R.: A poesia só vai terminar quando terminar a espécie humana, se o ser humano fracassar ela vai junto, do contrário ela sobreviverá. A poesia é inerente a existência humana, pois representa os questionamentos fundamentais, o suspiro de vida. Modernamente com as novas mídias a poesia encontra mais possibilidades do que a narrativa já que esta pode ser assimilada pelo drama enquanto que a poesia resiste mais enquanto voz, enquanto palavra escrita, impressa, mesmo na tela de um computador ou de um e-book – livro do futuro.

Mas imagino que nada disso acontecerá, pois não daria para pensar o mundo sem Dom Quixote de Cervantes ou mesmo na música sem Bethoven? No entanto, a difusão da poesia depende da cultura de cada povo, isso é cultural, há povos que têm maior apreço pela poesia do que outros. No Brasil, não temos a valorização da poesia, mas a maioria de nós se lembra de alguns versinhos que aprendeu na escola, mas os poetas não têm muito reconhecimento.

Em Florianópolis há um interesse crescente pela poesia, há mais escritores de poesia do que de narrativa de ficção.

Entrevista concedida a Rosane Hart em 14/08/2006.

GALERIA DE IMAGENS

Nesta página apresentam-se fotos do poeta.

LINKS

Endereços de sítios relacionados ao poeta, bem como, à Literatura.

QUESTIONÁRIOS

Em teste seu conhecimento há a disposição quatro questionários com perguntas e respostas sobre a obra e o poeta Alcides Buss, bem com, há ainda a possibilidade de verificar o número de acertos.

"A POESIA AINDA CONSEGUE VER COM OS OLHOS LIVRES"

[Capa](#) | [Introdução](#) | [Panorama da Literatura](#) | [Biografia](#) | [Obras](#) | [Sobre o CD Literário](#)

-  Fortuna crítica
-  Varal literário
-  Livro em movimentação
-  Escritores citados
-  Além das fronteiras
-  Poesia falada/musicada
-  Prêmios
-  Entrevista
-  Galeria de imagens
-  Links
-  Questionários

TESTE SEU CONHECIMENTO

Questionários

[Primeiro](#)
[Segundo](#)
[Terceiro](#)
[Quarto](#)

Acertos:

Nota:

01. Leia o fragmento abaixo e encontre o sentido para a palavra "ilha".

"A tempestade dos dias me tornou uma ilha.

Eu sou uma ilha pobre no oceano imenso, isolada e despercebida, com duas palmeiras voltadas para o mar." (Círculo quadrado, poema Pobre Ilha", p. 12)

prisioneiro
 solitário
 egoísta
 sobrevivente

02. Leia "Tragédia de desamparo"

Ele vai pelas ruas
 Da cidade morta,
 Fazendo sombras
 Ao olhar da lua.

Os tetos carregados de orvalho
 sobem ao céu
 com o passado da cidade,
 ou com as podridões que escondem,
 quais mãos sujas de guerra
 postas para Deus.

7. APLICAÇÃO DO PROJETO

CEDERROM LITERÁRIO “ALCIDES BUSS: POMAR DE POSSIBILIDADES”

APLICAÇÃO DO PROJETO AOS ALUNOS DA 8ª SÉRIE DE ESCOLA PÚBLICA

ESTADUAL: relato de experiência

Rosane Hart

Resumo: Apresenta a utilização do cederrom literário “Alcides Buss: pomar de possibilidades” como uma ferramenta de apoio ao professor no ensino da Literatura aos alunos do Ensino Fundamental. Neste período, a Literatura é pouco abordada, devido a diversos fatores, no entanto, é indispensável que o aluno entre em contato com o texto literário. Tal contanto não pode restringir-se à literatura canônica, devendo estender-se às diversas formas de expressão literária.

INTRODUÇÃO

A organização da sociedade hoje é, por alguns, denominada *sociedade tecnológica*¹³³, o que exige de nós conhecermos e dominarmos as diferentes mídias, utilizando-as em nosso benefício. Portanto, a utilização desses recursos, além de alcançar quase todas as áreas, facilitou a propagação de informações e acrescentou um instrumento à prática literária: o computador. O uso deste equipamento não se restringe somente como auxiliar na digitação de textos, mas como apoio à produção de uma literatura que utiliza programas para embasar o processo de criação literária. No caso deste trabalho, apresentar o artista e sua obra para um público formado por alunos do Ensino Básico que, com o auxílio do computador e de um cederrom, terão acesso a diversas possibilidades de leitura. O hipertexto proporciona uma leitura multifacetada, na qual o leitor define a ordem do texto, portanto, ao priorizar essa forma de apresentação, percebemos que a leitura de um livro de poesias assemelha-se a um hipertexto – pois em ambos há a liberdade da leitura aleatória, sem

¹³³ O termo *sociedade tecnológica* será utilizado para designar a sociedade contemporânea na qual, o termo *tecnológica*, está diretamente associado ao advento do computador.

prender-se a padrões ou seqüências pré-estabelecidas (a não ser as estabelecidas pelo próprio autor) para a leitura e conseqüentemente o entendimento.

Dessa forma, a apresentação de alguns conceitos formulados sobre a Literatura produzida em nosso estado é imprescindível para que entendamos as características que fundamentam a experimentação literária efetuada pelo poeta Alcides Buss. Portanto, a elaboração de um projeto para a produção de um cederrom literário de um poeta catarinense objetiva mostrar toda a potencialidade de sua poesia, bem como a relevância de seu trabalho como um dos mais importantes integrantes do grupo literário do estado e também fora dele.

Portanto, ao permitir um consórcio entre literatura e tecnologia, utilizando a obra de um poeta defensor ferrenho dos livros, não estamos nos contradizendo, mas permitindo sim que essa união promova uma propagação da obra literária produzida no estado para um público que, muitas vezes, não é apresentado à Literatura, pois o ensino nessa fase escolar, quase sempre, prioriza a gramática. Deste modo, além de promover o conhecimento da obra do artista e colocá-lo em veiculação, há ainda a preocupação com um leitor – na sua grande maioria – escravo do tempo¹³⁴, ávido por informação, mas que prima pela praticidade. Essa praticidade, em nenhum momento, será a redução da obra, mas uma forma diferenciada de apresentação, com a utilização de uma nova tecnologia, na qual o leitor é quem estabelecerá o roteiro de leitura. Portanto, uma das preocupações será justamente que o leitor detenha a opção de construir um curso para sua leitura, tenha liberdade para estabelecer prioridades e seqüência das informações, desvele um novo olhar sobre o objeto-texto.

A preocupação não será somente com essa praticidade dada ao usuário do computador, mas também com a “valoração” dada à Literatura produzida no território catarinense, como forma de expressão de um grupo “menor”, mas de modo algum inferior a outro. Pelo contrário, mostrar aos leitores que temos uma poesia consistente no Estado (além de Cruz e Sousa, Luís Delfino e outros) como é o caso do poeta Alcides Buss, que há mais de três décadas tem produzido poesia em mais de vinte livros lançados, conhecido e apreciado em outros estados e até internacionalmente, mas, muitas vezes, pouco “reconhecido” como par pelos próprios catarinenses¹³⁵. Apresentar a obra de Alcides Buss em um cederrom é mostrar que mesmo sendo uma “literatura menor” (não no sentido de valor, mas por tratar-se de um grupo menor), poderá destacar-se por quebrar parâmetros e utilizar a tecnologia para

¹³⁴ A escravidão a que nós referimos não é do tempo dionisíaco – prazeroso -, mas do tempo cronológico – que oprime e angustia.

¹³⁵ Entende-se, aqui, por catarinense, todo aquele que vive (ou nasceu) entre as fronteiras de nosso Estado.

alçar vôo ou, como esclarecia Kafka, que as minorias estavam à espreita de uma brecha de luz para se destacarem e, quem sabe, dessa forma a literatura produzida em Santa Catarina consiga atingir o espaço a ela reservado de primeiro ser conhecida pelos próprios catarinenses, principalmente estudantes do ensino básico que, apesar da garantia dada pela Proposta Curricular de Santa Catarina que salienta a necessidade do ensino da Literatura, primeiramente a produzida em nosso estado. Contudo, isso não é garantia de que realmente seja efetivada, devido a diversos entraves.

Dessa forma, a construção do cederrom atingirá diretamente essa parcela de estudantes do ensino básico, que terão acesso a uma ferramenta de apoio para conhecer e interagir com a obra do poeta Alcides Buss. Esse cederrom visa facilitar o acesso à Literatura, priorizando a Literatura Catarinense, pois a mesma é tão marginalizada durante esse período em que o aluno permanece no ensino básico. A culpa não pode ser aplicada somente aos professores que, ao ministrarem suas aulas, por vezes, acabam deixando de lado a Literatura Catarinense. Contudo, se analisarmos o porquê disso, poderíamos justificar inicialmente com a graduação, pois muitos cursos sequer oferecem a disciplina em seu currículo; então já há uma lacuna na formação do profissional e, quando esse profissional chega à escola, muitas vezes, não encontra bibliografia adequada. Mesmo que o profissional priorize o ensino da Literatura, há muitos empecilhos para desenvolver seu trabalho; portanto, este material seria uma das maneiras para facilitar o acesso às informações, já que muitas escolas possuem laboratórios de informática e o computador torna-se, mais e mais, objeto comum nos lares.

Apesar de ainda uma pequena parcela da crítica, reconhecer o valor da produção literária de nosso estado como Literatura, há fortes indícios de que esta parcela aumente. Mas para que ocorra essa valorização e, quem sabe, uma posterior criação ou transformação da consciência literária, é preciso que se desenvolva um processo mutacional da visão pré-existente do que é um poeta catarinense e, com a utilização de meios eletrônicos para a apresentação-divulgação deste fazer literário, posteriormente, poder maturar uma identidade catarinense, através de gerações tecnologicamente mais ativas e mais acostumadas com a veiculação desta Literatura.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

A Escola de Educação Básica “José Boiteux” é uma instituição de ensino público, vinculada à Secretaria de Estado da Educação e Inovação, do Governo do Estado de Santa Catarina. Quando da execução do projeto, a instituição contava com cerca de setecentos alunos do Pré-escolar a 8ª série do ensino básico, divididos em vinte e seis turmas. A Unidade Escolar possui uma equipe composta por Direção (diretor e assessor de direção), Secretaria (administradora e técnico administrativo), Equipe Técnica Pedagógica (uma orientadora educacional, duas assistentes pedagógicas, três auxiliares de serviços gerais e quarenta e dois professores.

O PROJETO-PILOTO DE APLICAÇÃO DO CEDERROM “ALCIDES BUSS: POMAR DE POSSIBILIDADES”

Com o projeto-piloto de aplicação do cederrom “Alcides Buss: Pomar de Possibilidades” da EEB “José Boiteux” pretendeu-se permitir a um grupo de alunos da 8ª série conhecer, navegar e avaliar o cederrom, salientando que o professor foi o articulador do trabalho, e contribuir para despertar a curiosidade e o interesse pela Literatura.

O projeto teve como objetivos específicos:

- a) Discutir o conceito de Literatura, da produção literária;
- b) Perceber o panorama da Literatura produzida em nosso Estado;
- c) Apresentar o poeta Alcides Buss e sua obra;
- d) Mostrar as possibilidades propiciadas pela junção entre a Literatura e a tecnologia;
- e) Orientar o acesso às informações contidas no cederrom;
- f) Oportunizar a utilização do cederrom para verificar na prática a sua funcionabilidade;
- g) Verificar as inúmeras possibilidades de leitura proporcionadas pelo hipertexto.

a) Metodologia

O projeto foi realizado em duas etapas distintas:

- a) Apresentação do projeto, através de uma explanação sobre os objetivos do projeto, incluindo também a explicação da funcionalidade do cederrom.

b) Utilização orientada do cederrom “Alcides Buss: Pomar de Possibilidades”. O professor é o mediador das informações.

b) Operacionalização

O período para a aplicação do projeto foi estabelecido em conjunto com a supervisão escolar e com a professora monitora do projeto. Durante o mês de agosto, dez alunos integrantes do projeto-piloto vieram à escola em seu contra turno para o desenvolvimento das atividades, foram utilizadas 4 horas para cada dupla de alunos, perfazendo o total de vinte horas. A primeira parte foi aplicada à parte teórica com a explanação do projeto, apresentando o objetivo principal que é conhecer a obra do poeta catarinense Alcides Buss. Em seguida, foi apresentada a ferramenta para que se familiarizassem e percebessem as possibilidades propiciadas pela Literatura apoiada pela tecnologia.

O uso do cederrom de modo algum restringe o papel do professor, pelo contrário, o professor adquire papel fundamental na utilização correta desta ferramenta, principalmente, porque o cederrom tornou-se mais como material de apoio ao professor do que para uso exclusivo do aluno. Portanto, é necessária e imprescindível a mediação do professor, pois é ele quem direcionará as atividades e quem efetivará o sucesso ou não no uso do material.

Pelo fato do cederrom proporcionar várias possibilidades de leitura, o direcionamento das atividades dependerá dos objetivos estabelecidos pelo professor. No caso específico do projeto-piloto, o objetivo era fazer com que os alunos conhecessem a ferramenta e a sua funcionalidade, bem como, verificar a interatividade entre o aluno-usuário e o cederrom literário, procurando não exceder três ou quatro níveis de aprofundamento em cada página e mantendo sempre a possibilidade de retorno a qualquer outro nível.

c) Avaliação

Para a avaliação dos resultados, foram utilizados três instrumentos: a observação em sala de aula, a utilização do cederrom pelos alunos e os questionários.

d) A Observação

Da observação feita em sala de aula, pôde-se comprovar a participação dos alunos, que perguntaram e tiraram dúvidas. Na utilização do cederrom, percebeu-se a facilidade dos alunos em interagir com a ferramenta e quanto é importante a participação do professor, tendo um roteiro que dê direcionamento às atividades, pois se o professor não contextualizar as

informações, estas se perderão. A quantidade de informações permite ao professor organizar diversas atividades com o apoio do cederrom.

e) A utilização do cederrom

Em relação ao cederrom apresentado aos alunos, solicitamos que seguissem o roteiro estabelecido anteriormente, no qual, os alunos opinaram sobre a seqüência a ser seguida. Isso foi feito, após a explanação inicial do projeto. Mas no decorrer das atividades estabeleceram mais conexões do que somente as que haviam sido acordadas anteriormente, justamente pela interatividade que o cederrom proporciona. O resultado serviu para verificar que o aluno ao utilizar o computador a serviço da Literatura consegue dar novo significado à obra do autor, pois a leitura não é uma leitura passiva, mas sim uma leitura transformadora, que ao mesmo tempo em que vai desvendando as informações de cada página vai também estabelecendo novas ligações, sobrepondo informações, ou seja, ressignificando a obra.

Com a experimentação de roteiros diferenciados, cria-se para o professor a possibilidade de explorar outros aspectos do cederrom literário “Alcides Buss: Pomar de Possibilidades”.

f) Os Questionários

A aplicação de questionário, apresentando questões abertas e fechadas, serviu como instrumento de avaliação do cederrom literário “Alcides Buss: Pomar de Possibilidades”. Como o projeto foi dirigido a um grupo reduzido de alunos, o referido instrumento serviu também para diagnosticar os hábitos destes alunos quanto ao uso do computador, leitura, compreensão, acessibilidade e qualidade do cederrom.

Os objetivos propostos foram atingidos. Dos 10 alunos convidados a participarem do projeto-piloto, todos eram usuários assíduos de computador, portanto, não houve dificuldades quanto ao manuseio do equipamento, tampouco na utilização do cederrom. Com relação à produção literária em nosso estado e, mais especificamente sobre o poeta Alcides Buss, os alunos tinham pouco conhecimento. No entanto, foram bastante receptivos.

Quanto ao uso da biblioteca, todos os alunos responderam que eram assíduos freqüentadores, e a utilizavam para realizar trabalhos e pegar livros.

Quanto aos recursos utilizados, os alunos apresentaram as seguintes avaliações: 1) Apresentação do conteúdo e as explicações - Boa, mas em uma sala de aula o conteúdo

deveria acontecer mais devagar. 2) Uso do computador - Bom; 3) Quanto ao cederrom – Bom; 4) Interatividade do cederrom – Boa; 5) Conteúdo do cederrom – partes fáceis e outras mais difíceis de entender; 6) Com relação à participação do aluno, no projeto, pôde-se observar que todos envolveram-se e participaram ativamente.

Com relação aos conhecimentos adquiridos, foi possível constatar que os alunos souberam posicionar-se em relação ao temas: Literatura, Literatura em Santa Catarina, Poesia e sobre o poeta Alcides Buss e sua obra. No entanto, faltou aprofundar os temas propostos, para resultados mais efetivos.

Obtivemos como resposta:

Literatura

1. *É a inspiração para escrever bem.*
2. *O que está escrito nos livros (agora tem a internet).*
3. *É o conhecimento escrito.*
4. *É a inspiração para escrever poesias, poemas e também romances.*
5. *É o estudo dos livros da cultura brasileira.*
6. *São as experiências que os escritores tentam nos passar, podem ser verdadeiras ou não.*
7. *São as narrativas e as poesias. Podem ser verdadeira ou de ficção.*
8. *Todas as histórias, escritas ou mesmo faladas.*
9. *Tudo o que é escrito, pode ser ficção ou realidade.*
10. *São os romances e as poesias.*

Literatura em Santa Catarina

1. *Temos que valorizar o que é nosso.*
2. *Não tinha percebido que era tão importante.*
3. *Difícilmente conhecemos o que se faz por aqui.*
4. *Tem livros bons, já peguei na biblioteca.*
5. *Já li sobre Cruz e Souza, não entendi muito, mas gostei da história da vida dele.*
6. *Sei que tem vários escritores e, que escrevem bem.*
7. *É bom conhecer.*
8. *Gosto das poesias que tem nos ônibus.*
9. *Não conheço quase nada.*
10. *Não tem muita propaganda.*

Poesia

1. Gosto muito, porque ela envolve os nossos sentimentos.
2. Textos que expressam o sentimento do autor.
3. Às vezes, não consigo entender o sentido, mas gosto.
4. Na poesia tem o eu-lírico que mostra seus sentimentos.
5. Fala dos sentimentos, das sensações e das emoções que sentimos.
6. É parecida com a música.
7. Não tem parágrafos, tem estrofes e versos e quase sempre fala dos sentimentos.
8. Não dá pra explicar o porquê gostamos de uma poesia.
9. É escrever o que está se passando no coração.
10. Sempre fala de amor, não, nem sempre.

Alcides Buss e sua obra

1. É um poeta que escreveu muito.
2. Poxa, tem muita coisa escrita.
3. A professora já tinha levado um livro dela pra sala, mas não imaginei que fosse tão legal e tivesse escrito tanta coisa.
4. O pai do Varal literário, já fizemos, e nem sabemos de onde vem.
5. As poesias são muito boas, deveria ter mais no cederrom.
6. Tem muita coisa publicada.
7. Escritor com 30 livros, e escreve também pra crianças.
8. É uma vergonha a gente não conhecer, mas também na televisão não tem quase nada daqui.
9. Conhecem ele até no exterior e a gente aqui não.
10. Ele escreve muito bem e já fez bastante livros.

Cederrom Literário “Alcides Buss: Pomar de Possibilidades”

Aspectos positivos:

1. Aprendemos Literatura de um jeito mais legal.
2. Foi legal, com a ajuda da professora compreendi mais.
3. A explicação ajudou a usar o cederrom.
4. Com o cederrom as aulas foram legais.
5. É fácil de navegar no cederrom.
6. O cederrom é bom porque se não entendi alguma coisa posso voltar e rever.
7. Aprendi muitas coisas novas.
8. Percebi páginas mais fáceis e outras mais difíceis.
9. Gostei. É uma aula mais completa, principalmente porque não tem os livros dele na biblioteca.
10. Gostei de aprender desse jeito.

Aspectos negativos:

1. É muita coisa em pouco tempo.

2. *Achei legal, mas podia ser mais colorido.*
3. *Tem textos difíceis de entender, precisei da ajuda da professora.*
4. *Como tem muitas páginas, me perdi durante a atividade.*
5. *Não dá pra usar sozinho, precisa da ajuda de um professor.*
6. *Poderia ter mais poesias.*
7. *Não dá pra ler o livro todo.*
8. *Pena só te uma poesia de cada livro.*
9. *Seria legal, se tivesse todos os livros.*
10. *Muita coisa pra ler.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A APLICAÇÃO DO PROJETO

O projeto-piloto marca o início de uma atividade que associa tecnologia e literatura, revelando-se uma ferramenta auxiliar para o ensino da Literatura, para conhecer o autor e sua obra, bem como, apresentar outros aspectos abordados no cederrom. No caso, específico da EEB “José Boiteux” o cederrom tornou-se uma forma de minimizar a carência de material do autor, pois há somente um livro na biblioteca. Entende-se que este projeto contribuirá também para a melhoria do nível de leitura, porque ao utilizar outra ferramenta que não o livro, não pretende em momento algum substituí-lo, mas aprimorar, estabelecendo novas ligações com outros textos.

Conforme relato de alguns alunos envolvidos nas atividades, há textos *mais difíceis*, são os que apresentam a teoria. Portanto, para que essas informações sejam compreendidas e assimiladas pelos alunos, o professor é peça fundamental na abordagem destes tópicos. O cederrom não foi criado exclusivamente para o aluno, mas sim, para ser suporte às atividades desenvolvidas pelo professor. Acredita-se que é de fundamental importância para que haja nos alunos mudança de postura em relação à produção catarinense, valorização esta, que começa conhecendo a produção literária de nosso estado. Sabe-se que o ser humano resiste à mudança, mas acredita-se que quanto antes o aluno conhecer e tiver acesso à Literatura, quanto antes desenvolverá uma consciência literária. Ao se defrontarem com a obra do poeta Alcides Buss, os alunos ficaram impressionados devido à diversidade e consistência de sua obra.

A experiência pedagógica aqui relatada é, ainda, recente e superficial, pois a aplicação do cederrom em mais turmas possibilitaria uma avaliação mais consistente. No entanto, um dos principais aliados ou uma das principais barreiras, sem dúvida, será o professor, pois o aluno sozinho não terá condições de perceber a profundidade das informações, tampouco fará inferências ou estabelecerá novas conexões sobre os temas abordados, ficando no nível linear de leitura.

Contudo, se o professor conhecer o conteúdo do cederrom e realmente atuar em seu papel de mediador do processo, o material torna-se uma rica fonte de apoio, pois as informações não se esgotam em uma aula, mas poderão dar suporte a vários outros temas. Neste sentido, espera-se que o professor vislumbre alternativas para que sua prática docente

esteja mais conectada à literatura. Acredita-se que o espaço escolar seja uma grande oportunidade para que a tecnologia passe a ser vista de modo crítico e utilizada de modo consciente e, que ao a associarmos a serviço do conhecimento os bons resultados são visíveis, principalmente, com o público do ensino fundamental que não tem medo da tecnologia, pelo contrário, sentem-se estimulados por ela. Associando a esse estímulo a curiosidade de conhecer a obra de um poeta que *podemos esbarrar com ele por aí*, ao professor leitor/conhecedor, estes são, sem dúvida, ingredientes perfeitos.

8. CONCLUSÃO

Hoje é primordial o reconhecimento da influência direta ou indireta da ‘tecnologia’ em nossas vidas e, como é quase impossível nos desvincularmos dela, o melhor é adequá-la em prol de nossas necessidades. Todavia, se relacionarmos a tecnologia ao ensino, perceberemos o distanciamento da aplicação destes recursos à prática pedagógica. Muitas vezes o empecilho não é a falta de equipamentos, mas sim a falta do conhecimento de como direcioná-los para auxiliar no desenvolvimento de uma boa aula e, conseqüentemente, de possibilitar situações de apropriação, explorando as potencialidades do educando.

Ao estabelecermos uma conexão entre o uso consciente das tecnologias e o ensino, o objetivo na verdade é chamar a atenção para o Lugar que a Literatura ocupa no Ensino Básico, lugar este apontado por vários documentos (PCN e Proposta Curricular). Contudo o enfoque ‘realmente’ dado à Literatura é, por vezes, de uma não-presença ou uma de literatura entrincheirada, à espreita de uma réstia de luz para libertar-se, liberdade esta estabelecida pelo leitor que, ao apropriar-se da obra, desfaz as amarras, transformando a Literatura em algo vivo e latente.

Resultado disto é que, mesmo na Literatura em livros tradicionais, há algum tempo a página em branco (papel) vem deixando de ser a direção do primeiro olhar do escritor e o livro desmaterializou-se em prol de um documento eletrônico. Para adequar-se à ‘pós-modernidade’¹³⁶, foi preciso desenvolver o processo de criação literária a partir do hipertexto e a intermídia, e transferi-los para meios que auxiliassem no desenvolvimento dessa ‘nova’¹³⁷ forma de apresentar Literatura. Assim o computador substituiu a caneta e a internet encarregase da divulgação a quem interessar. A palavra passou a coexistir com as interfaces digitais, o que provoca uma atomização da linguagem. Essa mesma atomização permite uma

¹³⁶ Ressalva na utilização do termo, pois há discordâncias quanto à representatividade da palavra, já que, há defensores de que ainda não atingimos a pós-modernidade, vivemos na modernidade.

¹³⁷ Na verdade, não é algo novo, mas a palavra nova representa a generalização das mídias (principalmente o computador – hardware e software) à serviço da Literatura.

diferenciação maior nas formas de comunicação, pois pode utilizar-se da linguagem oral, escrita e virtual simultaneamente.

Contudo, essa gama de possibilidades e de simultaneidade de idéias que as tecnologias nos propiciam não é necessariamente diferente se compararmos, por exemplo, a um livro de poesia. Cada página representa uma situação inusitada – um hipertexto - e a cada nova página outros recursos, outras formas, outras idéias repletas de subjetividade e envoltas em um ar de mistério, pois a poesia é carregada de significados, de experimentação, é a idéia do autor digerida e regurgitada em forma de experiência com a linguagem (com o mundo e consigo mesmo) e arremessada a um sujeito-leitor; e, no momento em que este se apropria da obra, o escritor torna-se virtual. O desaparecimento do escritor não o reduz, torna-o um sujeito do mundo *um ser ficcional que existe para os outros como se ELE fosse uma criação do imaginário coletivo*¹³⁸.

Portanto, para criarmos esse imaginário coletivo, é primordial que a Literatura chegue até esse leitor. Se pensarmos que mesmo a Literatura canonizada, por vezes, anda à margem, pensemos então a Literatura representada por minorias fora do eixo literário (Rio de Janeiro e São Paulo) e que estão à espreita de uma réstia de luz. Esse grupo catarinense, que representa “uma literatura menor”¹³⁹, expressa uma identidade regional multifacetada pelas diferentes culturas que aqui co-existem e que, muitas vezes, não esperam reconhecimento; escrevem para expressar suas sensações e suas percepções sobre o mundo - como a maioria dos artistas.

No entanto, o que não podemos, é negar a existência de um grupo consistente de escritores em/do nosso estado, destacando entre eles o poeta Alcides Buss, cuja obra já ultrapassou os trinta anos de criação poética e já aportou em outros estados e em outros países. Por isso, a produção de um cederrom com sua obra procurou justamente propagar a Poesia com o apoio desse aparato tecnológico de que dispomos, buscando valorizar o poeta nascido em nosso estado e que dá à poesia qualidade e valor. Esse reconhecimento pretendido nada mais é do que a consciência literária vendo com olhos desnudos a transformação poética acompanhando o processo evolutivo da sociedade.

¹³⁸ Vicente de Gosciola em seu artigo “Fundamentação da Hiperfídia” dá o conceito de ciberespaço como: um terreno habitável de imersão através das conexões das redes entre computadores, um espaço que pode se expandir eternamente, uma possibilidade de um novo gênero e de novas expressões artísticas. Disponível em: <http://www.cibersociedad.net/congres2004/grups/fitxacom_publica2.php?grup=19&id=503&idioma=es>. Acesso em agosto de 2005.

¹³⁹ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio, Imago, 1977.

Durante esses trinta anos de produção literária o poeta Alcides Buss passou sobre o mundo da poesia – criou um **Pomar de Possibilidades**, abordando em sua obra além de temática diversificada, diversificando também na forma. Mas, ao destacar sua obra, vale ressaltar que o compromisso do poeta não se restringiu à criação literária, mas a sua preocupação – sua bandeira – abranger também a propagação da Literatura. Preocupação esta de popularizar o acesso à Arte.

Dando continuidade ao intuito de poeta de popularizar a Arte Literária, surgiu a idéia *da necessidade* de promover o contato com a Literatura no Ensino Fundamental, nesta fase do ensino em que a literatura é “literalmente” marginalizada, aparecendo nos “*becos*” ou *trancafiada nos “porões”*¹⁴⁰ do estudo da língua. Assim, uma experimentação envolvendo a poesia de Buss e alguns recursos tecnológicos têm a preocupação de ressaltar que é preciso conhecer, já que não podemos negar a existência de um grupo representativo e, conseqüentemente valorizar, quiçá convencer que a Poesia de/em Santa Catarina está cumprindo seu papel enquanto expressão artística, pois não fere o caráter ontológico da Literatura e, portanto, merece ser valorada.

¹⁴⁰ O material didático disponibilizado em muitas escolas, em sua grande maioria (para não dizer todos) enfatiza a questão gramatical ou preocupa-se com a estrutura textual, dilacerando o texto literário que, muitas vezes, serve apenas de pretexto.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

a) BIBLIOGRAFIA DE ALCIDES BUSS

BUSS, Alcides. *Círculo quadrado*: Joinville, edição do autor, 1970.

_____ *O bolso ou a vida?* Florianópolis, DCE/UFSC, 1971.

_____ *Ahsim*. Florianópolis. Editora Lunardelli, 1976.

_____ *Cobra Norato e a especificidade da linguagem poética*. Florianópolis, FCC, 1982.

_____ *O homem e a mulher*. Joinville: Ed. Do Autor, 1980.

_____ *O homem e a mulher*. Curitiba: Ed. Litero-Técnica, 1980.

_____ *O homem sem homem*. Florianópolis: Editora Noa Noa, 1982.

_____ *Antologia do varal literário* (org.). Florianópolis: Editora da UFSC, 1983.

_____ *Pessoa que finge a dor*. Florianópolis: Movimento de Ação do Livro: o Livro em Movimentação, 1985.

_____ *Segunda pessoa*. Florianópolis: Movimento de Ação do Livro: o Livro em Movimentação, 1987.

_____ *Transação*. Florianópolis: M.A.L. Edições, 1991, 2ª ed.

_____ *A poesia do ABC*. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1989.

_____ *O professor é um poeta* (org.). Florianópolis: Editora da UFSC, 1989

_____ *Contemplação do amor – 20 anos de poesia escolhida*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1991.

_____ *Natural, afetivo, frágil*. Florianópolis: Edições Athanor, 1992

_____ *Nenhum milagre*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1993.

b) BIBLIOGRAFIA SOBRE ALCIDES BUSS

HOHLFELDT, Antonio. *A Literatura Catarinense e Busca de Identidade: a poesia*. Porto Alegre: Movimento; Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1997.

_____. *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

JUNKES, Lauro. *O mito e o rito: uma leitura de autores catarinenses*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1987.

_____. *A Literatura de Santa Catarina: síntese informativa*. Florianópolis: Ed. Autor/UFSC, 1992.

MACHADO, Janete Gaspar. *A literatura em Santa Catarina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

SACHET, Celestino. *A literatura catarinense*. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1985.

c) FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

BABO, Maria Augusta. “O hipertexto como nova forma de escrita.” In: *A historiografia literária e as técnicas de escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Sússekind, Flora; Dias, Tânia. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa: Vieira e Lent, 2004.

BAMBERGER, R. *Como incentivar o hábito de leitura*. São Paulo: Cultrix, 1977.

BAKHTIN, Mikhail. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8 Ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAUDRILLARD, Jean. Televisão/revolução: O caso Romênia. In: PARENTE, A (org.). *Imagem máquina: A era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. In: Obras escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985b. v. 1

_____. O narrador. In: BENJAMIN, Walter et al. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

_____. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*. Rocco, 1997.

- BOURDIEU, Pierre. *Leitura, leitores, letrados, literatura*. In: Coisas Ditas. 1. ed. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise M. Pagorin. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável*. 4ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1977
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. 1a reimp., 1a ed., São Paulo, Editora UNESP / Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- CAPPARELLI, S. & LONGHI, R. Ficção e hipertexto: de Gertrud Stein a Chico Xavier. In: PUCRS, UFRGS, UNISINOS E ULBRA (org). *Tendências da Comunicação*. Porto Alegre: LPM, 1999.
- CITELLI, Adilson. *Comunicação e Educação, a linguagem em movimento*. Editora SENAC, São Paulo, 2000 (p. 135-142). Disponível em <http://www.sbempaulista.org.br/epem/anais/grupos_trabalho/gdt07-Jose.doc> Acesso em 12/08/2006.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Ed. UNESP: Imprensa Oficial, 1999.
- CORAZZA, Sandra. *Composições*. B.H.: Autêntica, 2003.
- DELEUZE & GUATTARI, F. *Kafka - Por uma literatura menor*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. RJ : Imago, 1977.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Coleção Debates. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.
- _____. *Gramatologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.
- ECO, U. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 15. ed. São Paulo : Paz e Terra, 2000.

HOHLFELDT, Antonio. *A Literatura Catarinense e Busca de Identidade: a poesia*. Porto Alegre: Movimento; Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1997.

_____. *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

JUNKES, Lauro. *O mito e o rito: uma leitura de autores catarinenses*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1987.

_____. *A Literatura de Santa Catarina: síntese informativa*. Florianópolis: Ed. Autor/UFSC, 1992.

GUATARRI, Félix. *Caosmose - Um Novo Paradigma Estético*; trad.: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cândida Leão. - Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. Trad. João Paulo Monteiro, rev. Mary Amazonas Leite de Barros. 5ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência, o futuro do pensamento na era da informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro, Editora 34, 2000.

_____. *O que é virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: 34, 1996.

_____. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1998. 212p.

_____. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34, 1999. 264p.

_____. *A ideografia dinâmica, rumo a uma imaginação artificial?* São Paulo, Loyola, 1998.

LINK, Daniel. *Como se lê e outras intervenções críticas*. Trad. Jorge Wolff. Editora Argos: Chapecó, 2002.

MACHADO, Janete Gaspar. *A literatura em Santa Catarina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

MATTELART, Armand. *Comunicação e Educação*. São Paulo: Ed. Segmento, p. 20.

_____. El medio de comunicación de masas en la lucha de clases. *In: Pensamiento Crítico*, nº. 53. Santiago del Chile, 1971. Disponível em <<http://www.filosofia.org/hem/dep/pch/n53p004.htm>>. Acessado em dez. 2006

MOLES, Abraham. *Rumos de uma cultura tecnológica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

MONTEIRO, Silvana Drumond. *A forma eletrônica do hipertexto*. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 1, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652000000100003&lng=&nrm=iso>. Acesso em: 20/07/2008.

NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a Literatura: "Notas"*. 2. ed. Niterói: Editora UFF, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zarathustra: um livro para toda gente e para ninguém*. São Paulo: Cultura Moderna, 1930.

NISKIER, Arnaldo. *A nova escola*. RJ. Nova Fronteira, 1986.

PAZ, Octávio. *Signos em Rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

PEIXOTO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Sul Americana, 1955-1959. 4v. 2ª ed. 1968-1971. 6 v.

POUND, Ezra. *ABC da Literatura*. São Paulo: Editora Pensamento-cultrix, 1987.

_____. *A arte da Poesia: ensaios escolhidos [por] Ezra Pound*. Tradução de Heloysa Lima Dantas e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

Revista Conect@ - número 3 – novembro/2000. Disponível em: <http://www.revistaconecta.com/conectados/rachel_historia.htm> Acesso em: 20/08/2004

Revista Perspectiva nº 4. Florianópolis, 1985.

SACHET, Celestino. *A Literatura De Santa Catarina*. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1979.

_____. *A literatura catarinense*. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1985.

SACHET, Celestino & SACHET, Sérgio. *Santa Catarina – 100 anos de História*. Florianópolis: Editora Século Catarinense, 1997.

SANTOS, Alckmar Luiz dos. *Textualidade literária e hipertexto informatizado*. Disponível em www.cce.ufsc.br/~alckmar/texto1.html. Acesso em fev/2007.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a Literatura*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

SARTORI, Ademilde Silveira; ROESLER, Jucimara. *Narrativa, cidadania e o não-lugar da cultura*. Artigo apresentado no VII Seminário Internacional de Comunicação organizado pela FAMECOS/PUC-RS, nos dias 25 e 26 de agosto de 2003 e publicado originalmente pela Revista FAMECOS, Porto Alegre, n.º 23, abr. 2004.

THIAGO, Arnaldo S. *História da Literatura Catarinense*. Rio de Janeiro, 1957.